



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS
ESTUDOS LITERÁRIOS

DANIELE SANTOS DA SILVA

CONTOS DE MACHADO DE ASSIS N'A *FOLHA DO NORTE* (1896-1900)

BELÉM
2017

DANIELE SANTOS DA SILVA

CONTOS DE MACHADO DE ASSIS N'A *FOLHA DO NORTE* (1896-1900)

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras – Estudos Literários – da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura: Interpretação, circulação e recepção.

Orientadora: Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales.

BELÉM
2017

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA**

Silva, Daniele Santos da, 1991.

Contos de Machado de Assis n'a Folha do Norte (1896-1900) / Daniele Santos da Silva; orientadora, Germana Maria Araújo Sales. --- 2017.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, Belém, 2017.

1. Assis, Machado de, 1839-1908 – Crítica e interpretação. 2. Periódicos brasileiros – Séc. XIX. 3. Ficção brasileira – História e crítica. I. Título.

CDD-22. ed. 869.909

DANIELE SANTOS DA SILVA

CONTOS DE MACHADO DE ASSIS N'A *FOLHA DO NORTE* (1896-1900)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras – Estudos Literários – da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura: Interpretação, circulação e recepção.

Orientadora: Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales.

Data: ____/____/____

Conceito atribuído: _____

Banca Examinadora

Prof. Dra. Germana Maria Araújo Sales - Orientadora

Prof. Dra. Patrícia Aparecida Beraldo Romano (UNIFESSPA) - Avaliadora externa

Prof. Dra. Maria de Fátima do Nascimento (UFPA) - Avaliadora interna

Prof. Dra. Marli Tereza Furtado (UFPA) - Suplente

Para todos que, de alguma forma, contribuíram para a construção deste trabalho, e para meus pais, Daniel e Benedita, por tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me possibilitou fazer este trabalho, por todas as oportunidades que me dá, e por seu amparo diário.

Meus agradecimentos também à professora Germana, minha orientadora, pela paciência, e por ter me auxiliado com suas considerações e opiniões a respeito deste trabalho. Quero agradecer-lá pela disponibilidade, pelas lições e conselhos que permearam nossas orientações. Sou grata por ter tido a oportunidade de ter sido sua orientanda na construção desta dissertação.

Às professoras Marli Tereza Furtado e Maria de Fátima do Nascimento pelas preciosas contribuições em meu exame de qualificação.

Não poderia esquecer de alguns amigos, que ao longo da construção deste trabalho, foram bons conselheiros, ajudaram e deram força, tanto emocionalmente, quanto materialmente. A vocês: Alan Flor, Alan Rosário e Aldemir Sotéro, muito obrigada pelo suporte.

Meus agradecimentos também aos meus amigos pelas risadas, companheirismo, solidariedade, e todas as alegrias que sempre fizeram parte de nosso grupo na graduação e também no mestrado. Em especial, Tereza Tayná, João Paulo, Sindy Rayane e Juliana Yeska. Amo muito vocês e tenho certeza de que nossa amizade se estenderá para além dos muros da Universidade e perdurará por muitos anos.

Ao meu companheiro, amigo, amor e quem me ouve em qualquer circunstância. Elvis Farias, obrigada pela força e pelos conselhos. Você, sem dúvida, soube me estender a mão e me oferecer seu amor nos momentos de alegria e de tristeza. Obrigada por tudo!

Por fim, agradeço à minha família, aos meus pais Daniel Amorim e Benedita Silva, pelos conselhos nos momentos de indecisão e aflição, pelo carinho e amor, e pela dedicação. Aos meus irmãos, Otoniel Silva e Priscila Silva, sou grata pela ajuda, pelas risadas, vocês são tudo pra mim.

Obrigada a Tod@s!

“Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução, alguns dizem que assim é que a natureza compôs as suas espécies.”

(Machado de Assis)

RESUMO

Esta dissertação analisa a publicação de seis contos de Machado de Assis no periódico paraense *Folha do Norte* entre os anos de 1896 a 1900: “Uma Carta”, “Uns Braços”, “O Diplomático”, “Adão e Eva”, “A Cartomante” e “Conto de Escola”, levando em consideração o contexto histórico em que as narrativas foram divulgadas, século XIX. Por meio da averiguação do periódico paraense é possível compreender qual o intuito dos editores em veicular escritos literários no rodapé do jornal visto que, apesar de negar, o *Folha* era estritamente ligado à política. Portanto, a publicação dos contos machadianos no periódico representa parte importante da história do Pará em um momento de significativas mudanças nos âmbitos cultural, social e político da cidade.

Palavras-chave: Machado de Assis. Conto. Periódicos. Século XIX.

ABSTRACT

This dissertation analyse the publication from six Machado de Assis' tales in the periodical from Pará Folha do Norte between 1896 and 1900: "Uma Carta", "Uns Braços", "O Diplomático", "Adão e Eva", "A Cartomante" and "Conto de Escola", taking account the historical context that the tales was published, 19th century. Through the checking of periodical from Pará is possible to understand which is the purpose of the editors in discloses literary writtens on footnote of the newspaper considering that, though they deny so, the Folha was strictly linked to politics. Therefore, the publication of the Machado's tales in the periodical it means a important piece of the history of Pará in a moment of considerable changes on cultural, social, and political field from city.

Keywords: Machado de Assis. Tale. Periodical. 19th century.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| FIGURA 01- Exemplar do jornal <i>Folha do Norte</i> | 17 |
| FIGURA 02- Poema “A festa de Lindoya” | 45 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| TABELA 01- Contos machadianos no jornal <i>Folha do Norte</i> (1896-1900)..... | 47 |
|---|----|

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 11 |
| 2 O NOTICIOSO FOLHA DO NORTE | 14 |
| 2.1 Algumas considerações sobre a imprensa em Belém de outrora..... | 14 |
| 2.2 O “Absolutamente Imparcial” e noticioso jornal <i>Folha do Norte</i> | 16 |
| 3 A FORTUNA CRÍTICA DE MACHADO DE ASSIS: ENTRE FOLHETIM E LIVRO | 22 |
| 3.1 O contista Machado de Assis, segundo a crítica | 22 |
| 3.2 <i>Contos Fluminenses</i> e <i>Várias Histórias</i> : Do folhetim ao livro. | 30 |
| 3.3 O conto machadiano. | 36 |
| 4 MACHADO DE ASSIS, O CONTISTA N’O FOLHA DO NORTE | 44 |
| 4.1 A prática folhetinesca machadiana no suplemento literário <i>Folha do Norte</i> | 44 |
| 4.2 “Uma Carta” e o amor não correspondido..... | 48 |
| 4.3 A reflexão religiosa em “Adão e Eva”. | 51 |
| 4.4 “Uns braços”: da inocência à traição. | 54 |
| 4.5 “O Diplomático”, quando o interesse excede o amor..... | 57 |
| 4.6 “Conto de Escola”: Uma representação da sociedade. | 59 |
| 4.7 “A Cartomante” e o triângulo amoroso. | 61 |
| 6 REFERÊNCIAS | 68 |
| ANEXOS | 72 |

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As palavras de Diderot que vão por epígrafe no rosto desta coleção servem de desculpa aos que acharem excessivos tantos contos. É um modo de passar o tempo. Não pretendem sobreviver como os do filósofo. [...] O tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias, é naturalmente a qualidade; mas há sempre uma qualidade nos contos, que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos.

(Machado de Assis, *Várias Histórias*, 1896).

Em 2012, assumi uma bolsa de ensino, pesquisa e extensão (SESu/MEC) no Programa de Educação Tutorial em Letras (PET) no projeto “Diversidade e variação linguística na Amazônia”, coordenado pela Profa. Dra. Marília Ferreira. Além de estudar a questão da diversidade linguística presente na Amazônia, o projeto dava liberdade aos alunos de escolherem suas áreas de interesse, e, a partir de então, sob orientação da Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales, iniciei o trabalho com periódicos, mais especificamente desenvolvendo a pesquisa sobre os contos de Machado de Assis que foram publicados no jornal paraense *Folha Norte* (1896-1974).

Meu plano de trabalho objetivava recuperar os contos do escritor fluminense publicados no suporte jornalístico entre os anos de 1896 a 1900. Com a pesquisa, verificamos a veiculação de seis contos: “A Cartomante”, “Uns Braços”, “O Diplomático”, “Conto de Escola”, “Adão e Eva” e “Uma Carta”, os quais serão abordados nesta dissertação.

O objetivo deste trabalho é tentar responder algumas perguntas a respeito da produção machadiana no periódico levando em consideração a temática dos contos em relação ao perfil do jornal paraense. E para a execução deste estudo, foram feitos dois tipos de pesquisa: documental e bibliográfica. Os materiais utilizados para desenvolver esta dissertação foram os rolos de microfilmagem disponíveis na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves – CENTUR – e digitalizado no site Hemeroteca Digital. A pesquisa documental visa a leitura do jornal *Folha do Norte* no período de 1896 a 1900, bem como a veiculação dos contos nesse período. A busca documental permitiu o conhecimento das questões históricas, políticas e sociais que envolviam a província do Grão-Pará no século XIX, bem como permitiu visualizar no rodapé do periódico a presença de diversos escritores da Literatura Nacional e Internacional.

O periódico foi o veículo de informação mais acessível à sociedade nos oitocentos e observar que, mesmo envolvendo-se em conflitos políticos, cedeu espaço

aos mais diversificados textos de cunho literário é um fato interessante. Além disso, a recuperação dos contos machadianos n' *a Folha* trata-se de um trabalho inédito, uma vez que a maioria dos estudos críticos encontra-se voltada para os seus romances. Portanto, o estudo dessas narrativas, sem dúvida, também contribui para a História da Literatura e leitura no Pará. Por ser inédito, este trabalho abre portas para outras discussões, justamente porque retrata questões históricas e literárias em Belém do Pará. Abordagens como esta servem de pesquisa tanto para estudiosos da área como também para alunos do Ensino Básico, que podem conhecer um pouco mais do passado e do que circulava nos jornais do século XIX.

A presença de Machado de Assis no periódico paraense atesta sua notoriedade para além do Rio de Janeiro e também nos faz entender os motivos pelos quais os contos foram veiculados no jornal, uma vez que este carregava um *slogan*, que, à primeira vista, nos leva a pensar que dificilmente se abriria espaço para outras notícias se não as de política e sociedade, porém, o jornal *Folha do Norte* desde suas primeiras edições publicou contos, romances, crônicas, poesias de autores renomados e desconhecidos do cânone e até escritores estrangeiros e comumente lançava nota sobre o hábito da leitura e venda de livros.

Por conseguinte, esta Dissertação divide-se em três seções: 1) O noticioso *Folha do Norte*, 2) A fortuna crítica de Machado de Assis: entre livro e folhetim e o 3) Machado de Assis, o contista n' *o Folha do Norte*; Esses três itens serão resumidos a seguir.

Inicialmente, apresento uma seção com algumas considerações a respeito do surgimento da imprensa no Pará, quais movimentos e acontecimentos histórico-sociais motivaram o aparecimento de inúmeros periódicos na capital paraense. Nesta mesma seção, apresento o jornal estudado, sua história, posicionamento político, qual o seu objetivo para com a massa belenense, corpo editorial, sua divisão e a presença marcante, dentre tantas notícias políticas, de textos literários.

Durante a pesquisa também encontramos, além de autores brasileiros, escritores estrangeiros.

Na segunda seção, trato especificamente da obra machadiana contista com base nos acervos da fortuna crítica do escritor proposta por alguns estudiosos, como Sodré (1964), Schwarz (2000), John Gledson (2006), Hélio Seixas Guimarães (2004), Silvia Maria Azevedo (2009), que se dedicaram a tratar dos escritos iniciais do autor fluminense. Ainda nesta seção, discorro sobre as duas coletâneas nas quais estão

inseridos os contos que serão estudados nesta dissertação: *Contos Fluminenses* (1870) e *Várias Histórias* (1896), a fim de destacar a maturidade da primeira obra para a outra, como o escritor apresenta e utiliza em seus contos os mecanismos sociais comumente vistos na sociedade do século XIX. E, por fim, há a apresentação da estrutura do conto machadiano e como o escritor aborda este gênero.

A análise dos seis contos publicados no suporte jornalístico paraense ocorre na última seção. Por meio da leitura do jornal e dos contos, é possível inferir a motivação da escolha dessas narrativas para compor o rodapé do jornal. Interesse editorial nas vendas, a relação do conteúdo dos contos com o contexto histórico da cidade, a disseminação da Literatura e o hábito da leitura entre os compradores, foram algumas das perguntas feitas para tentar entender esse mecanismo.

2 O NOTICIOSO FOLHA DO NORTE

O jornal, literatura quotidiana, no dito de um publicista contemporâneo, é reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos, onde se reflete, não a ideia de, um homem, mas a ideia popular, esta fração da ideia humana.

Machado de Assis

2.1 Algumas considerações sobre a imprensa em Belém de outrora

No Pará, os primeiros passos da imprensa iniciam em 1821, ano em que a tão sonhada tipografia é trazida de Lisboa para Belém, sob o comando de um grupo de intelectuais formado por Maciel Parente, Domingo Simões da Cunha, José Batista Silva, Daniel Garção Melo e aquele que foi considerado o responsável pela propagação da imprensa no Pará, o jovem Felipe Patroni. E em maio de 1822 saiu o primeiro número do jornal impresso *O Paraense*¹.

Não foi somente com a chegada da instrumentalização necessária que a imprensa surgiu no Pará. A Revolução Cabana, movimento comumente conhecido na luta pela Independência, deu sua parcela de contribuição, uma vez que a efervescência no meio sócio-político alertava a camada leitora sobre os dilemas em que o Pará estava inserido. A cidade de Santa Maria do Grão-Pará, a partir da metade do século XIX, teve um momento singular em sua história, uma época de ouro e ostentação de riquezas advindas da produção do látex. Ao lado disso, acontecia o desenvolvimento da imprensa, já que este não ocorreu apenas na Corte, mas estendeu-se por todo país, como afirma Sarges:

Guardadas as devidas diferenças em relação ao Rio de Janeiro e São Paulo, a cidade de Belém do Pará apresentaria, assim, a partir da segunda metade do século XIX, tentativas de adaptação aos modernos costumes europeus, num profundo contraste com a realidade amazônica [...]. (SARGES, 2010, p, 47).

¹ O periódico era composto de cinco páginas, cuja estrutura ultrapassava uma divisão em duas colunas. No seu corpo, encontravam-se manchetes de notícias nacionais, artigos que apresentavam as bases da Constituição, ordens expressas diretamente da Corte, reflexões sobre o estado do Pará, divulgava também os preços de gêneros vendidos no país, como, por exemplo, o cacau, o algodão ensacado, a farinha d'água, o pirarucu, o cravo, dentre outros produtos, além de apresentar, na última página, um caderno de suplemento de notícias. De fato, era um periódico diversificado. Disponível em: <http://patronisblog.blogspot.com.br/>. Acesso em: 01/04/2017.

A Belém do século XIX foi palco de grandes transformações sociais, econômicas, intelectuais, urbanísticas e políticas e, para difundir tais informações, era preciso recorrer à imprensa jornalística. De acordo com Marinilce Coelho (2005), as mudanças que ocorreram em Belém foram significativas, pois:

A cidade ganhava os requintes de metrópole. Nos bairros da elite, com ares aristocráticos, várias casas e palacetes foram construídos pelos barões da borracha. As fachadas e interiores eram decorados com objetos de arte que vinham da Europa pelos transatlânticos que ancoravam no porto de Belém. (COELHO, 2005, p. 26)

A cidade ganhava nova fisionomia cultural e era influenciada pelo estilo de vida europeu, tendo em vista a expressiva influência europeia, que também modificou a geografia da cidade, pois a capital paraense sofreu transformações como, por exemplo, a implantação de bondes, a construção de prédios, entre outros. Sobre essa questão, Sarges (2010, p. 20) descreve que “assistia-se, na sociedade brasileira, a transformação do espaço público, do modo de vida, a propagação de uma nova moral e a montagem de uma nova estrutura urbana.”

O perfil da cidade modernizada comprovava que, na região Norte, o período da *Belle Époque* foi resultado das modificações econômicas oriundas da exploração do látex, o que estava relacionado à acumulação de riquezas da classe burguesa, pois Belém estava cercada por obras modernas que transformavam a aparência da cidade.

Nesta época, constatamos que as mudanças não eram apenas no contorno estrutural da cidade. As influências eram percebidas no que concerne ao público leitor e o jornal, portanto, seria um meio capaz de responder às diversas demandas do espírito coletivo da sociedade brasileira e cabe ainda mencionar que a imprensa periódica, enquanto veículo de informação, reproduziu, incentivou e opinou a respeito das várias correntes de informações que visavam o desenvolvimento do indivíduo e ao seu preparo para o exercício da cidadania, como ressalta Sodré (1983):

Por muitas razões, fáceis de referir e de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de difusão de ideias e de informação – que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa como reflexo do desenvolvimento capitalista em que está inserido – é uma luta em que aparecem organizações e pessoas das mais diversas situações sociais, culturais e políticas, correspondendo às diferenças de interesses e aspirações. (SODRÉ, 1983, p. 01).

Em Belém, outros periódicos também surgiram com o interesse de divulgar política, cultura, religião, novidades, além, é claro, de informar a respeito das notícias do país. Carlos Rocque (2001) destaca quais foram: *O Estado do Pará*, *O Treze de Maio*, *Diário de Notícias*, *Diário do Gran-Pará*, *O Liberal do Pará* e *A Província do Pará*, como jornais que tiveram “vida longa” e alcançaram maiores números de publicações ao longo dos anos.

De acordo com o mesmo autor, o surgimento da imprensa no Pará foi marcado pelo aparecimento de jornais fundados com diversos objetivos: divulgar comemorações importantes, informações político-sociais etc. Foram mais de 250 periódicos que circulavam três vezes por semana, já outros uma vez, e assim por diante.

O surgimento de um grande número de folhas periódicas que circulavam em Belém prova que, mesmo geograficamente distante dos centros urbanos, não ficou isolada de assuntos relacionados à política, acontecimentos internacionais, culturais, justamente porque o Grão-Pará mantinha contato direto tanto com Portugal como outros suportes jornalísticos.

Com o período da *Belle Époque*, houve maior difusão dos hábitos europeus que se refletiram nos costumes, na arquitetura, assim como também na literatura que circulou na capital do Pará, sobretudo no que diz respeito à estruturação da imprensa paraense.

Assim, podemos afirmar que o crescimento das páginas impressas no Pará aconteceu de forma intensa e gradativa. Em meio aos jornais supracitados e intitulados de “vida longa”, destacamos também o jornal *Folha do Norte*, que teve papel importante na história periódica do Pará, tanto na política quanto na divulgação da Literatura Nacional, como veremos no subtópico a seguir.

2.2 O “Absolutamente Imparcial” e noticioso jornal *Folha do Norte*

Diante das proposições mencionadas, ao jornal caberia o papel de estabelecer o universo de receptores, a partir daquilo que era vivenciado no cotidiano da sociedade. Para entendermos esse contexto de criação do *Folha do Norte*, é necessário saber a história do próprio periódico, as posições políticas de seus proprietários, a linha editorial adotada e os grupos políticos e econômicos a ele vinculados, haja vista que a segunda metade do século XIX foi um momento de efervescência política na província paraense.

O primeiro número do jornal *Folha do Norte* circulou em Belém no dia 1º de janeiro de 1896, tendo como fundador e principal diretor o dr. Enéas Martins, que liderava o grupo composto, entre outros, por Eládio Lima, Firmo Braga, Barbosa Rodrigues, Ildefonso Tavares, Eustáchio de Azevedo, Alfredo Souza e João de Deus do Rêgo. A parte redacional e as oficinas eram localizadas, inicialmente, à av. Independência (hoje A. Portugal), custando o exemplar o valor de 100 réis².

Com formato 63x43cm, seis colunas de texto e quatro páginas, o jornal trazia várias notícias, algumas distribuídas em seções fixas e sem muito destaque entre um e outro texto. Entretanto, com o tempo, o periódico foi aumentando em número de páginas chegando a acrescentar cadernos relacionados ao esporte e matérias destinadas ao público feminino. A seguir podemos visualizar o feitiço do jornal:



Figura 01- Exemplar do jornal *Folha do Norte* (1896).

Para compor a redação da folha noticiosa, Enéas Martins foi buscar em Marapanim João Paulo de Albuquerque Maranhão, que já havia tido experiência em outros jornais³. Todavia, por conta de perseguições políticas, Enéas Martins teve de

² Laurentino Gomes faz uma conversão de réis em Real, baseando-se em outros autores[carece de fontes] que se empenharam para torná-la o mais próxima do valor atual, levando em consideração os valores da inflação. Cabe lembrar que a conversão, mesmo próxima, não é exata. Dessa maneira, o valor aproximado de 100 réis no contexto atual é: R\$ 12,30.

³ João Paulo de Albuquerque Maranhão nasceu em Belém no dia 11 de abril de 1872, filho de Manuel de Albuquerque Maranhão e de Luísa Francisca de Albuquerque Maranhão. Em 1896 começou trabalhar como revisor no jornal *Folha do Norte*, fundado no mesmo ano por Enéas Martins, que fora seu padrinho

transferir-se para Manaus, passando, na ocasião, a direção do periódico para Cipriano Santos, médico e político paraense.

O jornal *Folha do Norte* era impresso em sua própria tipografia e, desde a sua primeira publicação, afirmava aos leitores qual era seu intuito principal: o de retratar as notícias que envolviam Belém, mas não somente isto, exaltá-la e engrandecê-la, como reitera em uma espécie de editorial lançado poucos dias depois de seu surgimento:

NOSSO APARECIMENTO

Em 1896, O *Folha do Norte* surgiu em meio a um grande impulso jornalístico. Pretende com seus exemplares contribuir para o progresso e engrandecimento desta grande região. Se a existência vingar, a redação afirma que poderá se preparar um bom encaminhamento na vida jornalística. O jornal estava agradecendo as saudações dos ilustres colegas, e dava os mais sinceros agradecimentos. Se o *Folha do Norte* vingar teremos mais um lutador de pulso na Amazônia. (*Folha do Norte*, 4 jan. 1896, s/p)⁴.

Apesar de o jornal alertar sobre seu principal objetivo, este tinha cunho político forte e sua história foi marcada por brigas políticas. Justamente por conta desses conflitos, alguns redatores tiveram de deixar seus postos para fugir de perseguições. A respeito dos embates, e como estes afetavam o andamento do jornal, Rocque (1968) cita:

Governava o Estado o Dr. Paes de Carvalho, sucedido pelo Dr. Augusto Montenegro, que administrou o Pará 8 anos consecutivos. A oposição que lhe fez o *Folha* foi cerrada: seus redatores eram espancados, suas edições eram apreendidas pela polícia. Não havia garantia nenhuma, tanto que Paulo Maranhão, vítima de covarde agressão, ficou durante todo o período de lutas, por anos a fio, nos altos do prédio do jornal, pois caso contrário seria silenciada pelos capangas do *lemismo*. (ROCQUE, 1968, p. 729).

A *Folha do Norte*, em seu início, tentou não se envolver em problemas políticos, pois não era de seu interesse criticar, denunciar erros e fraudes observados por outros jornais, tanto é que em todas as suas edições o jornal fazia questão de mencionar um dos seus *slogans*: “Absolutamente imparcial, a *Folha do Norte* recebe e publica todos e quaisquer artigos, notícias e informações, contanto que lançados em termos

de casamento. Nesse órgão da imprensa, no qual permaneceria durante toda sua vida, chegou mais tarde a redator-chefe. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc>. Acesso em: 02/04/2017.

⁴As informações a respeito do jornal foram realizadas no próprio periódico, disponível no setor de microfilmagem do Centro Cultural Tancredo Neves (CENTUR).

convenientes”. (NORTE, 1896, s./p). Porém, o jornal não cumpriu por completo seu lema, porque não se calou diante dos problemas como o da gestão do então Intendente Antônio Lemos⁵, que, mesmo projetando à Belém novos ares, não conseguiu se desvencilhar das inúmeras críticas advindas da redação do *Folha do Norte*, como percebe-se na publicação a seguir:

[Antônio Lemos] transformou o governo dessa cidade em propriedade sua, fazendo-se já reeleger cinco vezes, com a maior ofensa a dignidade do regime, que não permite perpetuidade no exercício das funções públicas e preparando-se para, em 1912, galgar mais um triênio, se até lá Deus se não amerceiar desta infeliz terra, enviando-lhe a salvação no juízo dos homens. (FOLHA NORTE, 1911, s/p).

Assim como é comum para qualquer jornal, o *Folha* não conseguiu ser absolutamente imparcial, uma vez que o posicionamento sócio-político do periódico divergia dos de outros jornais que circularam no mesmo período em Belém. Portanto, em algumas vezes, assim como o comprador do jornal lia sobre as riquezas e belezas naturais da Cidade das Mangueiras⁶, ele também ficava a par dos percalços e provocações políticas envolvendo o “lutador de pulso da Amazônia”.

A respeito da natureza das publicações, apareciam divididas em várias colunas como: “Jornalzinho de Domingo”, “Política”, “Gargalhadas”, “Telegramas”, “Notas Artísticas”, “Boletim do Comercio”, “Venda” e outras como “Letras e Artes”, “Parte Literaria”, “Miscellania”, “Nosso Folhetim”, “Litteratura”, ou simplesmente ao pé da página, o rodapé, que por sinal nos interessa nesta dissertação.

⁵Um homem que foi considerado o maior administrador municipal dos últimos tempos. Um homem com as raízes no Estado do Maranhão, mas que chegou à capital paraense, ainda naquela época Santa Maria de Belém do Grão-Pará, como soldado da Marinha do Brasil. Começou a vida política no então Partido Republicano, no qual também exerceu o cargo de secretário. Antônio José Lemos é detentor do título de mais poderoso e recorrente mito político da Amazônia. Disponível em: http://www.ufpa.br/historia/index.php?option=com_content&view=article&id=30:antonio-lemos-deu-um-passo-ao-futuro. Acesso em: 02/04/2017.

⁶A mangueira foi introduzida em Belém em 1780 pelo arquiteto e naturalista Antônio Landi, responsável também por conhecidas edificações existentes na cidade. Italiano, Landi começou a cultivar a nova planta em casa, segundo informa Meira Filho no livro *Evolução Histórica de Belém do Grão Pará* (1976). Em 1938, outro naturalista, Alfred Wallace, de passagem por Belém, observou que “a manga é muito abundante”. Segundo ele, as árvores eram plantadas alternadamente com mangabeiras e algodão-seda. O intendente Antônio Lemos, no século XIX, justificando sua intenção de transformar Belém num mangueiral, afirmou: “Estou convencido da superioridade da mangueira, árvore clássica dos nossos antepassados”. Em 1903, as magnólias do Japão, que enfeitavam a avenida que hoje é a Generalíssimo Deodoro, foram cortadas para dar lugar à novidade da mangueira, que, se justificou na época, cresce com rapidez e dá muita sombra. Disponível em: <http://blogmanueldutra.blogspot.com.br>. Acesso em: 02/04/2017.

Nestes espaços do jornal estavam presentes uma variedade de práticas de escrita de gênero⁷, pelos autores ou por interesses dos editores do jornal. O fato é que diante de uma variedade significativa de narrativas que traziam enredos de amor, aventura, peripécias, desilusões, dramas, entre outros, é possível compreender o que se lia na Belém do século XIX. Por mais que muitas narrativas fossem assinadas anonimamente, não percebemos esta prática com a publicação machadiana. Todos os contos veiculados no jornal foram assinados pelo escritor fluminense.

Os dados encontrados no jornal nos permitem tentar compreender o que, no olhar dos editores, era visto como literário, e qual o critério utilizado para a escolha das narrativas. Questionamento este não tão fácil de responder, já que nos periódicos do século XIX mantinham contato estreito com outras folhas diárias, em especial com as do Rio de Janeiro, conforme observa Sales (2007):

Numa região marcada pela distância em relação aos centros culturais mais desenvolvidos, observa-se que a publicação do romance-folhetim na província do Grão-Pará se desenvolveu literariamente com os recursos mais acessíveis à região, como a publicação de traduções ou textos extraídos de jornais publicados no Rio de Janeiro. Concretamente, esta reprodução de textos ficcionais era mais acessível, pois as pesquisas indicam que havia um número reduzido de autores locais dedicados à escrita de prosa de ficção. (SALES, 2007, p. 46).

Inferimos que, pelo fato de haver número reduzido de publicações de autores locais, os editores buscaram estreitar ainda mais os laços com outros periódicos, pois, logo nos primeiros dias de seu lançamento, o *Folha do Norte* já apresentava interesse em divulgar textos literários de escritores brasileiros renomados, outros pouco conhecidos, assim como de escritores estrangeiros.

⁷Chamamos atenção para a denominação deste gênero que, por sua vez, não corresponde aos conceitos atuais a ele atribuídos. De acordo com Breure (2001), nos séculos XVIII e XIX, durante o Romantismo, o conceito de gênero com potencial classificatório, tal como concebido na Antiguidade, passou a ser questionado por sua incapacidade de dar conta da evolução histórica a que os gêneros são invariavelmente submetidos. Para os formalistas, como para os românticos anteriormente, todo gênero evolui. A inovação da perspectiva formalista estava em ver essa evolução ocorrendo em ambos os aspectos constitutivos dos gêneros (forma e função) e, em resposta ao surgimento de novos gêneros ou ao desenvolvimento de outros preexistentes. Já na metade do século XX, graças aos estudos de Mikhail Bakhtin, o interesse pelos gêneros ultrapassou o âmbito dos estudos literários para abarcar a comunicação oral e escrita. Bakhtin apresentou uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva (MARCUSCHI, 2002), opondo-se à visão de discurso dos formalistas, que privilegiava os aspectos formais e estruturais. Os gêneros do discurso de Bakhtin seriam tipos relativamente estáveis de enunciados utilizados na comunicação. Ou seja, para o autor, dependendo do contexto de produção e dos falantes/ouvintes que produzem, os quais atribuem sentidos a determinados discursos.

No jornal *Folha do Norte*, aparece um número considerável de folhetins entre os anos de 1896 a 1900. “Dos 175 folhetins publicados neste periódico, 74 mantinham a fórmula francesa, divididos em capítulos, com produção diária. Os demais textos distribuíram-se entre as publicações diárias e, geralmente, eram intitulados de crônicas e contos.” (SALES, 2007, p. 53).

Comprovamos a grande incidência de folhetins no rodapé do jornal em questão. Textos como estes induzem a acreditar que eram voltados ao entretenimento da cidade e, por conseguinte, auxiliavam o jornal nas vendas, pois aumentava o número de leitores e, é claro, somado a isto, percebe-se o mecanismo de se aproximar o público leitor de uma “literatura que poderia não circular amplamente no Pará”, mas que alcançou este local.

Deduzimos que a presença desses escritos alavancou o número de assinantes e patrocinadores garantindo ao jornal maior visibilidade e vendas. Portanto, à medida que iria recebendo notoriedade, o periódico também favoreceu a divulgação literária no século XIX, garantiu o lucro aos editores que viram no *folhetim* uma nova perspectiva de comercialização, conforme aborda Socorro Barbosa (2007).

Logo, o jornal, “absolutamente imparcial” na metade do século XIX, dividia seu espaço entre notícias da região, vendas, anúncios a pedidos, convites culturais, entre outros, mas também destinava suas páginas para publicações voltadas à literatura. Ou seja, apesar do grande teor político do periódico *Folha do Norte*, este jornal apresenta uma grande incidência de gêneros literários, sobretudo os folhetinescos. Mediante isso, entendemos que, embora a imprensa paraense estivesse sofrendo grandes interferências políticas, sendo palco de interesses diversos, reservou espaço cativo à literatura ao pé de sua página, para a difusão dos gêneros conto, crônica, crítica literária, poemas, peças teatrais, trabalhos de diversos escritores, dentre eles Machado de Assis, cujo perfil e escrita serão abordados na seção a seguir. Por fim, o periódico trouxe novidades aos paraenses sobre o que acontecia dentro e fora da “Cidade das Mangueiras”, em estilo prosaico, com o objetivo proporcionar aos leitores momentos de entretenimento, lazer e informação da maneira mais completa e dinâmica.

3 A FORTUNA CRÍTICA DE MACHADO DE ASSIS: ENTRE FOLHETIM E LIVRO

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região, mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam.

(Machado de Assis)

3.1 O contista Machado de Assis, segundo a crítica

A carreira de Machado de Assis como contista em muito se assemelha à sua produção como romancista no que diz respeito à linguagem de seus textos a partir da publicação de *Papéis Avulsos* (1882), coletânea que representa para o gênero *conto* a mesma ruptura que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* representou para o romance. O escritor fluminense escreveu mais de duzentos contos, reunidos em coletâneas, as quais iremos abordar mais à frente.

É após *Papéis Avulsos* que enxergamos um escritor mais maduro, se comparado aos seus primeiros escritos, como afirma Lúcia Miguel Pereira, uma das principais estudiosas de Machado de Assis:

Machado custou muito a firmar-se como contista; entre 1860 e 1870, quando já é destro nas crônicas, no conto ainda é fraco e indeciso. Mas, depois de *Papéis avulsos* revelou-se um mestre no gênero. Mestre é bem o termo, porque não teve exemplos na sua língua, e nem talvez nas estrangeiras, e até agora não encontrou quem o suplante. (PEREIRA, 1955, p. 225).

A autora separa os contos do criador de Capitu em “antes e depois” da coletânea *Papéis Avulsos*. Os contos iniciais, para a estudiosa, não apresentam tanta maturidade quanto os que escreveu posteriormente.

A opinião não se restringe somente à concepção de Lúcia Miguel Pereira, pois outros estudiosos de sua fortuna crítica também consideram as primeiras obras do escritor como menos importantes e até mesmo fracas. Os contos têm sido relegados a

um segundo plano porque os estudos geralmente são voltados para os romances que escreveu em detrimento dos textos menores.

No contexto atual, um autor se destaca por dar atenção aos textos machadianos, John Gledson se debruça exclusivamente nos contos, enredos menores e faz questão de dar-lhes a atenção que merecem, pois para ele Machado de Assis era:

Um escritor profundamente irônico, que intencionalmente inscreveu, sob a superfície dos seus textos, níveis de sentido que contrariam sistematicamente tudo o que está dito na superfície, cabendo ao leitor juntar e montar as peças, para extrair um sentido que muitas vezes se estabelece na contramão das percepções dos próprios narradores. (GLEDSON, 2006, p. 261).

Mas por mais que se saiba da genialidade de Machado ao escrever histórias curtas, ainda assim a crítica pouco se detém a estas, como observa Paul Dixon:

Os contos de Machado de Assis têm sido muito elogiados, mas pouco estudados [...] a análise dos relatos não passa de artigos avulsos, e algumas introduções a antologias. Até agora, nenhum livro de crítica literária se dedicou preferencialmente aos contos [...]. Não é fácil entender a falta de um livro analítico sobre os contos. (DIXON, 1992, p. 10).

A autora Patrícia Lessa Flores da Cunha (1998), que se dedicou a estudar inteiramente os contos machadianos, corrobora:

[...] a análise de seu romance tem sido feita à exaustão, oferecendo notáveis e reconhecidos enfoques à compreensão de sua obra. O mesmo geralmente não sucede com o estudo do conto, cuja interpretação tem quase sempre funcionado como elemento subsidiário, nem por isso menos valioso, ao alcance proposto àquele conjunto de escritura do autor – o que, de certa forma, estimula a natureza da indagação. (CUNHA, 1998, p. 17).

Claro que a escassez de estudos relacionados aos seus contos em nada desmerece o mérito próprio desses textos, já que por inúmeras vezes a crítica literária nomeia Machado de Assis como o maior escritor de contos da história nacional. Diante disso, comungamos da ideia de Luís Augusto Ficher (1998), ao definir a obra contista machadiana:

É uma obra vasta, que sozinha justificaria a perenidade de qualquer autor: se mais não houvesse feito, seria já um clássico da língua

portuguesa e da literatura ocidental. O mesmo ninguém diria, creio, de sua poesia, nem de sua crônica, nem de sua crítica, nem de seu teatro, nem de sua atividade de tradutor – só de seu romance, o que seria motivo suficiente, talvez, para tomar o autor como sendo essencialmente um prosador, um autor de narrativas. (FISCHER, 1998, p. 149).

Há ainda no âmbito da Literatura Brasileira o questionamento se a obra machadiana possui duas fases distintas, sendo a inicial a que representa o movimento do Romantismo e a segunda, a do Realismo, tendo esta última um caráter superior e mais significativo se comparada à primeira.

Entretanto, essa subdivisão dos escritos de Machado é avaliada por Roberto Schwarz (2000) de outra forma, mesmo considerando a possibilidade de “dois Machados”: primeiramente, um escritor que, em seus livros e contos, descrevia as peculiaridades que presenciava na sociedade do Rio de Janeiro, os fatores que a moviam e, mais precisamente na publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, outro Machado é descoberto, agora cheio de críticas, repleto de modéstia e, principalmente, de ironia que tanto chama a atenção de seu público leitor.

Detalhando mais essa duplicidade do escritor, tem-se, em sua primeira fase, um Machado que se destacou como um autor que abordou os acontecimentos que moviam a sociedade no século XIX, o que se comprova em *A mão e a luva* (1874), quando é perceptível o desejo de ascensão social, a relação de clientelismo que existia na época e o jogo de interesses para alcançar uma vida mais abastada baseando-se na troca de favores entre famílias. Ou seja, o escritor, em determinado momento, acaba retratando em seus textos fatos decorrentes da sociedade em que ele convive. É por isso que Lúcia Miguel Pereira afirma ser impossível compreender “a obra de Machado de Assis sem estudar-lhe a vida, sem procurar entender-lhe o caráter”. (PEREIRA, 1955, p. 17).

Em *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*, Schwarz (2000) afirma que, em sua primeira fase, a da produção de seus contos, há uma “descontinuidade” e é descrita como sendo uma “literatura apagada”. Mas por que se projetar somente na fase culminante de seus escritos?

Esse conceito, o de divisão, a respeito dos textos de Machado, não soa um tanto equivocado? Já que o Bruxo do Cosme Velho, quando escreveu *Miss Dollar*, consegue ainda hoje driblar o leitor fazendo-o entender que o título faz jus ao nome de uma personagem feminina, rica dama, ou uma jovem interesseira em busca de um casamento oportunista, mas não é nada disso. Ao dar continuidade à leitura, o leitor

descobre que na verdade esta Miss Dollar é uma bela cadelinha, que, por suas travessuras, proporcionou o encontro de duas criaturas solitárias e carentes, que, por fim, se apaixonam e assumem os percalços de uma vida a dois. O mesmo acontece quando o leitor se depara com a dedicatória: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas”. A dedicatória é escrita pelo defunto-autor, e não por um personagem vivo, que se reporta às suas reminiscências, por exemplo. Mais uma vez, Machado surpreende o leitor que, sedento pelos títulos de determinadas obras, acaba por descobrir riquezas grandiosas que compõem o interior de algumas delas.

Nesse contexto, concordamos com Cunha (1998), pois as duas fases da produção machadiana guardam semelhanças, uma vez que tanto nos contos quanto nos romances o gosto pela análise psicológica e a presença do humor sarcástico é latente. Pode-se dizer, então, que a maneira como conduz seus textos da primeira fase é mais nitidamente alegre, risonho e jovial, ressalta a autora. Para entender essa definição, atentemos para advertência que escreveu para o leitor do romance *Helena* (ASSIS, 2014, p.1):

Não me culpeis pelo que lhe achardes romanesco. Dos que então fiz, este me era particularmente prezado. Agora mesmo, que há tanto me fui a outras e diferentes páginas, ouço um eco remoto ao reler estas, eco de mocidade e fé ingênua. É claro que, em nenhum caso, lhes tiraria a feição passada; cada obra pertence ao seu tempo.

O excerto do livro deixa claro que talvez até o próprio Machado se considerasse, de certo modo, um romântico, mesmo que não fosse sua intenção. É como se o escritor antecipasse ao leitor suas as próximas produções: “Cada obra pertence ao seu tempo”.

Para entender a mudança de tom, a partir da segunda fase, tomemos agora o prólogo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

O que faz do meu Brás Cubas um autor particular é o que ele chama “rabugens de pessimismo”. Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero, que está longe de vir de seus modelos. É taça que pode ter labores de igual escola, mas leva outro vinho. Não digo mais para não entrar na crítica de um defunto, que se pintou a si e a outros, conforme lhe pareceu melhor e mais certo.

Machado (2007), em sua dissertação de mestrado *Sujeito e linguagem em contos de Machado de Assis: articulações entre a linguística e a psicanálise*, nos mostra que o que se apresenta é um humor amargo e desencantado; em que se dá ênfase às desesperanças da natureza humana, os segredos que se escondem por trás de máscaras. O livro é escrito “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia” (ASSIS, 1994, p.1).

Outra questão que merece atenção é a que se refere aos períodos literários em que o escritor de *Dom Casmurro* está inserido. Ele foi romântico ou realista? Para entender, é preciso retomar os acontecimentos históricos de sua época. Machado nasceu em 1839, um ano antes de ser decretada a maioridade de D. Pedro II, e morreu em 1908. Portanto, sua vida caminhou juntamente com o declínio do Segundo Reinado, indo até a implantação da República, que, como ressalta FAUSTO (2012, p. 143), foi um período marcado por uma febre de negócios e de especulação financeira, como consequência de fortes emissões e facilidade de crédito.

O longo período do Segundo Reinado é considerado por grande parte dos historiadores como tranquilo e estável, justamente porque essa ordem é resultante de uma sociedade estritamente patriarcal em que a ascensão era praticamente inexistente.

Por esse motivo, é possível entender por que Machado de Assis tinha um sentimento nacionalista e isso era evidente quando ele escrevia e este fato é comprovado nas linhas do próprio escritor em *Instinto de Nacionalidade*:

Não há dúvida de que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. (ASSIS, 1959, p. 28).

Ele mesmo complementou seu raciocínio sobre o nacionalismo quando citou a produção literária do escritor inglês Shakespeare:

E perguntei mais, se o *Hamlet*, o *Otelo*, o *Júlio César*, a *Julieta e Romeu* têm alguma coisa com a história inglesa nem com o território britânico, e se, entretanto, Shakespeare não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês. (ASSIS, 1959, p. 804)

Navarro (2007) explica que o nacionalismo pode ser percebido nos aspectos costumeiros, como o da figura do índio, a valorização da terra, a exaltação dos elementos da região. Entretanto, nos textos de Machado o nacionalismo aparece sim, mas de forma sutil, fruto do mundo fluminense, das relações sociais, pois o escritor fazia questão de retirar:

[...] as máscaras da sociedade urbana brasileira frequentadora dos ricos salões. É uma recriação do universo carioca, com seus hábitos e atitudes que escondem, através do véu da superioridade elitista, toda a violência de uma sociedade patriarcal formada a partir de privilégios e da divisão desigual de bens. (CASTRO, 2014, p. 48)

Assim, entender a produção machadiana à luz dos acontecimentos históricos, mais especificamente os do Segundo Reinado, permite esclarecer como eram as relações entre as classes, assim como o que o próprio escritor pensava sobre isto. Pautado nessa explicação, é possível compreender a técnica machadiana utilizada para desmascarar a elite da época. Isso nos leva a questionar e refletir a respeito da vida do homem em sociedade, de seus valores morais e éticos, de seus sentimentos, atitudes, virtudes e defeitos, contribuindo para o enriquecimento da percepção de si e do mundo ao seu redor.

Se Machado de Assis fosse um romântico, ele se utilizou de elementos do movimento e os trouxe para a sua maneira peculiar de escrever sobre sociedade e seus cidadãos. Os escritos iniciais estavam diretamente relacionados às transformações pelas quais a sociedade estava passando. O fato é que o por ter vivenciado “um ambiente ávido por “ismos” – realismo, naturalismo, positivismo, evolucionismo –, manteve distância de qualquer sistema totalizante e de qualquer coisa que cheirasse a dogma”. (GUIMARÃES, 2004). É como Pereira (1955, p. 20) o definia como aquele que “encostava-se, mas não a ponto de abraçar.”

No período do Segundo Reinado, Machado demonstra como as personagens criadas são reflexos da sociedade. Em seus textos, o escritor denunciava e não tinha medo de opinar, pois sua escrita demonstrava clareza sobre o que queria dizer. Há registros de que, quando escrevia sobre política, Machado era severo. Por várias vezes, o então ministro do Império, José Ildefonso de Sousa Ramos, foi alvo dos comentários sarcásticos do escritor que o classifica de “abusivo e ridículo”, entre outros insultos, mas sempre deixando clara a má impressão que o ministro lhe causava.

Machado primava pela cultura e pela clareza que a sociedade deveria ter, e era claro ao afirmar: “Eu não creio no destino individual, mas aceito o destino coletivo da humanidade”:

A passagem de Machadinho a Machado de Assis, ou seja, “a criação de Brás Cubas”, já com indícios do agravamento da epilepsia, enfermidade que irá acompanhá-lo durante toda a vida, resolveu fazer um retiro de três meses em Friburgo: “Entrava nos 40 anos. O repouso obrigatório – era o primeiro numa vida absolutamente esforçada desde os 15 – deve ter-lhe propiciado um balanço radical em sua vida, acompanhado da releitura de alguns clássicos. (TEIXEIRA, 2005, p. 97).

Então surgiu o “segundo” Machado de Assis, o de Brás Cubas, de *Memórias Póstumas*:

Vista a história da criação de Brás Cubas pelo ângulo do aparecimento de *Memórias póstumas*, é possível dizer que *Memórias* não apenas inaugura os traços das obras machadianas que, a partir dela, passarão a ser classificadas como sendo da segunda fase, mas igualmente transforma-se em cânone dessas mesmas obras. [...]. Reajuste que se opera não apenas de *Memórias* em relação às obras da literatura brasileira que a antecedem, mas também às que a sucedem, o que compreende as próprias criações de Machado de Assis. (AZEVEDO, 2009, p.70).

O próprio escritor admitiu suas duas facetas quando escreveu carta a José Veríssimo, conforme Faccioli descreve:

O que você chama a minha segunda maneira naturalmente me é mais aceita e cabal que a anterior, mas é doce achar quem se lembre desta, quem a penetre e desculpe, e até chegue a catar nela algumas raízes dos meus arbustos de hoje. (FACCIOLI, 1982, p 36).

As duas fases de Machado de Assis estão imbricadas, não separadas. Na verdade, parecem ser uma a continuação da outra, a maturidade da outra, a complementação do próprio escritor.

Silvio Romero, em *História da literatura brasileira* (1954), também faz referência à continuidade machadiana:

A nova maneira de Machado de Assis não estava em completa antinomia com o seu passado, sendo apenas o desenvolvimento normal de bons germes que ele nativamente possuía, naquilo que a nova tendência teve de bom, e o desdobramento, também normal, de

certos defeitos inatos, naquilo que teve ela de mau. O psychologismo, mais ou menos irônico e pessimista, do autor de Brás Cubas, prendesse, por mais de uma raiz, ao romantismo comedido e sóbrio, cheio de certas sombras clássicas, que o escritor jamais abandonou. Toda a obra do escritor é um produto *suigeneris*, dandonos o exemplo duma espécie de ecletismo maneiroso, ponderado, discreto, em que se refletem as forças de um espírito valoroso, é certo, porém fundamentalmente plácido e tranquilo. (ROMERO, 1954, p. 3).

E o crítico continua:

Por outros termos, seu romantismo foi sempre, no meio da barulhada imaginativa e turbulenta dos seus velhos companheiros, pacato e ponderado, com uma porta aberta para o lado da observação e da realidade; seu posterior sistema, que poderemos chamar um naturalismo de meias tintas, um psychologismo ladeado de ironias veladas e de pessimismo sossegado, tem, por sua vez, uma janela escancarada para a banda das fantasias românticas, não raro das mais exageradas e aéreas. (ROMERO, 1954, p. 3)

Segundo Romero (1954), Machado de Assis passeia pelos estilos literários, pois seu humor, o pessimismo, o nacionalismo e os caracteres, ao mesmo tempo, o aproximam e o distanciam de determinados costumes da época em que floresceu como escritor. Portanto, Machado apresenta uma complementação em sua escrita, e não exatamente uma ruptura:

O Machado de Assis dos últimos anos era fundamentalmente o mesmo eclético de trinta ou quarenta anos atrás: meio clássico, meio romântico, meio realista, uma espécie de *juste-milieu* literário, um homem de meias tintas, de meias palavras, de meias ideias, de meios sistemas, agravado apenas pelo vezo humorístico, que não lhe ia bem, porque não ficava a caráter num ânimo tão calmo, tão sereno, tão sensato, tão equilibrado, como era o autor de Tu só, tu, puro amor. (ROMERO, 1954, p. 15)

A discussão acerca de que se existem duas fases, uma ruptura ou continuação na obra machadiana, só comprova mais ainda o quanto a presença de Machado de Assis continua sendo inquietante, mantendo o questionamento em torno da sua definição entre estudiosos, que tentam, ao mesmo tempo, tecer explicações para o perfil do escritor:

Um grande poeta, homem do teatro e crítico, que também se dedicou à crônica e ao romance. Fino ironista que, do alto de sua torre de marfim, expedia escritos em linguagem levemente arcaizantes e estrangeirada, mais condizente com a literatura de outros séculos do

que com o que então se produzia nas capitais literárias do mundo. (SEIXAS, 2004, p. 01).

Não restam dúvidas que Machado de Assis foi “o maior contista e romancista brasileiro do século XIX”, cujos textos retratam as questões do seu tempo, mas talvez o mais “agudo e radical crítico” (GUIMARÃES, 2004, p.02) das instituições sociais e políticas vigentes no período do Segundo Reinado.

Feito esse breve levantamento acerca da obra machadiana, observaremos agora os estudos que se dedicaram aos contos do escritor de *Helena*, mais especificamente as coletâneas em que se pauta esta dissertação: *Contos Fluminenses* (1870), primeiro livro de contos do escritor, e *Várias Histórias* (1896), em que se podem perceber enredos com teor mais instigante e surpreendente. É o que veremos no tópico a seguir.

3.2 *Contos Fluminenses* e *Várias Histórias*: Do folhetim ao livro.

A obra *Contos Fluminenses* faz parte da primeira fase de Machado de Assis, aquela apontada como romântica por alguns autores. Nesta feita, concordamos com Brayner, em *O Conto de Machado de Assis* (1981), quando afirma que os contos machadianos considerados românticos apresentam uma característica comum: os acontecimentos são narrados sem precipitação, entremeados de explicações aos leitores por parte do narrador, cheios de considerações sobre os comportamentos; estes são imprevisíveis, os personagens fazem maquinações, não são transparentes, são interesseiros, mas a estrutura narrativa de Machado, nessa fase, ainda é linear, isto é, as narrativas têm começo, meio e fim demarcados.

Para Cunha (1998), nessa fase romântica, a angústia oculta ou patente das personagens é determinada pela necessidade de obtenção de *status*, quer pela aquisição de patrimônio, quer pela consecução de um matrimônio com parceiro mais abonado. A mentira é punida ou desmascarada. Há nisso um exemplo de moralismo romântico, na pregação de casos exemplares. A crítica considera apenas medianos os contos desse livro. De qualquer forma, já aparecem as características marcantes do estilo machadiano: a conversa com o leitor; a ironia; o estudo da alma feminina esboçados em finos retratos; a força do papel social como segunda e imposta natureza e as pressões que atraem os personagens a mudar de *status* ou classe social.

Estudiosos como Mário Mattos (1939) chegam a afirmar que os primeiros contos de Machado “são novelas devido à extensão. Como o enredo é mal urdido,

despertam pouco interesse. Conduz as cenas canhestramente, sem naturalidade, forçando mesmo as situações. Há falta de continuidade lógica nos acontecimentos.” (MATOS, 1939, p. 295). Enfim, como já se sabe, a obra contista do escritor fluminense, às vezes, não é vista com bons olhos pela crítica.

Sônia Brayner (1981), por exemplo, afirma que Machado de Assis, como escritor de contos, condena seus textos a um moralismo e conservadorismo, tornando-os longos demais como se fossem novelas.

Contos Fluminenses foram organizados por Machado de Assis de modo que a narrativa “Miss Dollar”, conto mais famoso do livro, encabeçasse a coletânea. Esta estratégia será repetida em todas as coletâneas de contos publicadas pelo escritor.

Os contos que compõem a coletânea de 1870 são: “Miss Dollar”, “Luís Soares”, “A mulher de preto”, “O segredo de Augusta”, “Confissões de uma viúva moça”, “Linha reta e linha curva” e “Frei Simão”. Todas as histórias colocam em cena personagens ricas, em relacionamentos conturbados marcados pela rigidez social ou pela assimetria de classe e posição dos indivíduos na sociedade fluminense. Machado de Assis, de fato, escrevia sobre os bastidores da sociedade no Segundo Império.

Em sua outra coletânea, *Várias Histórias* (1896), composta por dezesseis contos: “A Cartomante”, “Entre Santos”, “Uns Braços”, “Um homem célebre”, “A desejada das gentes”, “A causa secreta”, “Trio em Lá menor”, “Adão e Eva”, “O enfermeiro”, “O diplomático”, “Mariana”, “Conto de escola”, “Um apólogo”, “D. Paula”, “Viver!”, “O cônego ou metafísica do estilo” em que é possível enxergar o aperfeiçoamento em relação à primeira produção, a dos *Contos Fluminenses*.

Ficher (1998) indica que, nessa coletânea, o escritor fluminense está preocupado em analisar os personagens, seus comportamentos, essências, fazendo com que as ações e os fatos fiquem em segundo plano. O senso de humor e a ironia são elementos bem representativos nos enredos. Em *Várias Histórias* também podemos verificar elementos comuns como a política, as ruas da cidade do Rio de Janeiro, entre outros aspectos.

Machado de Assis explicou ao leitor o motivo pelo qual escreveu a coletânea e, na advertência, por sua vez, podemos notar um traço de modéstia na escrita do Bruxo do Cosme Velho:

As várias histórias que formam este volume foram escolhidas entre outras, e podiam ser acrescentadas, se não conviesse limitar o livro às

suas trezentas páginas. É a quinta coleção que dou ao público. As palavras de Diderot que vão por epígrafe no rosto desta coleção servem de desculpa aos que acharem excessivos tantos contos. É um modo de passar o tempo. Não pretendem sobreviver como os do filósofo. Não são feitos daquela matéria, nem daquele estilo que dão ao Mérimée e o caráter de obras-primas, e colocam os de Poe entre os primeiros escritos da América. O tamanho não é o que fez mal a este gênero de histórias, é naturalmente a qualidade; mas há sempre uma qualidade nos contos, que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos. (ASSIS, Machado. 2012, p. 09).

Apesar de serem curtos, muitas vezes podem ser considerados superiores aos romances e até mesmo os conhecidos. Na advertência, Machado prefere ser comedido ao comparar seus escritos aos de Diderot, dizendo que provavelmente não irão sobreviver. Eis o questionamento: Se sabia que não iriam vingar, por que escreveu mais de duzentos contos? Temos, então, a usual modéstia afetada que, por sinal, ele negava que tivesse.

Ao ler os contos que compõem a obra é possível verificar que Machado pretendia expor ao seu público um estudo da alma feminina, com contos “A Cartomante” e “Mariana”. O caráter humano, levando em consideração o perfil psicológico dos personagens em “Uns Braços” e “Um Homem Célebre” e as consequências por atos inadequados. Por fim, as pequenas histórias que retratam o próprio ato da escritura, como em “Adão e Eva” e “O cônego ou metafísica do estilo”.

As narrativas machadianas presentes nessas coletâneas mostram toda a vida do Rio de Janeiro do início ao fim do século XIX, evidenciam as relações sociais características presentes no interior das famílias, focalizando-as, geralmente, entre pessoas situadas em níveis distintos. Alfredo Bosi (2003) ressalta a assimetria e a disparidade social como leis que regem a sociedade retratada por Machado de Assis e, principalmente, afirma que o retrato da sociedade fluminense repleta de desigualdades e diferenças que Machado nos fornece não se justifica pela ideologia cientificista que orientou a literatura realista. Segundo o autor supracitado:

[...] O olhar com que Machado penetra aquele universo de assimetrias tende a cruzar o círculo apertado dos condicionamentos locais na direção de um horizonte ao mesmo tempo individual e universal. Interessam-no cada homem e cada mulher na sua secreta singularidade, e o ser humano no seu fundo comum. (BOSI, 2003, p.154).

Para exemplificar o processo de criação literária e os assuntos retratados nas narrativas do contista Machado de Assis e presentes nas duas coletâneas, tomemos como exemplo a narrativa “O segredo de Augusta” pertencente aos *Contos Fluminenses* (1870):

São onze horas da manhã.

D. Augusta Vasconcelos está reclinada sobre um sofá, com um livro na mão.

Adelaide, sua filha, passa os dedos pelo teclado do piano.

-Papai já acordou? pergunta Adelaide à sua mãe.

-Não, responde esta sem levantar os olhos do livro.

Adelaide levantou-se e foi ter com Augusta.

-Mas é tão tarde, mamãe, disse ela. São onze horas. Papai dorme muito. Augusta deixou cair o livro no regaço, e disse olhando para Adelaide: - É que naturalmente recolheu-se tarde.

- Reparei já que nunca me despeço de papai quando me vou deitar. Anda sempre fora. Augusta sorriu.

-És uma roceira, disse ela; dormes com as galinhas. Aqui o costume é outro. Teu pai tem que fazer de noite.

-É política, mamãe? perguntou Adelaide.

-Não sei, respondeu Augusta. (ASSIS, 2012, p. 98).

Já no início do conto, os aspectos importantes das três personagens principais da história são expostos, atentando, inclusive, para a cisão existente entre Augusta e o ideal materno/matrimonial tão apregoado pelos discursos sociais da época. Tal pressuposto machadiano será exacerbado no conto não só pelas atitudes de Augusta, mas também pelos discursos de outras personagens que ressaltam a negativa da mulher a seus papéis sociais mais evidentes. Em lugar da vivência amorosa e maternal, Augusta será mostrada em meio a objetos compensatórios à frustrante obrigatoriedade de seus papéis: coleção de vestidos, romances e luxos, negligenciando a construção do ideário da maternidade, mas longe, ainda, de requerer quaisquer direitos de cidadania como os inscritos na ordem feminista e veiculados por alguns jornais da época.

No conto “Um homem célebre”, de *Várias Histórias* (1896), percebemos como Machado construiu seus personagens:

Ah! o senhor é que é o Pestana? perguntou Sinhazinha Mota, fazendo um largo gesto admirativo. E logo depois, corrigindo a familiaridade: - Desculpe meu modo, mas... é mesmo o senhor?

Vexado, aborrecido, Pestana respondeu que sim, que era ele. Vinha do piano, enxugando a testa com o lenço, e ia a chegar à janela, quando a moça o fez parar. Não era baile; apenas um sarau íntimo, pouca gente, vinte pessoas ao todo, que tinham ido jantar com a viúva Camargo, rua do Areal, naquele dia dos anos dela, cinco de novembro de 1875... Boa e patusca viúva! Amava o riso e a folga, apesar dos sessenta anos em que entrava, e foi a última vez que folgou e riu, pois faleceu nos

primeiros dias de 1876. Boa e patusca viúva! Com que alma e diligência arranjou ali umas danças, logo depois do jantar, pedindo ao Pestana que tocasse uma quadrilha! Nem foi preciso acabar o pedido; Pestana curvou-se gentilmente, e correu ao piano. Finda a quadrilha, mal teriam descansado uns dez minutos, a viúva correu novamente ao Pestana para um obséquo mui particular.

- Diga, minha senhora.

- É que nos toque agora aquela sua polca *Não bula comigo, nhonhô*.

Pestana fez uma careta, mas dissimulou depressa, inclinou-se calado, sem gentileza, e foi para o piano, sem entusiasmo. Ouvidos os primeiros compassos, derramou-se pela sala uma alegria nova, os cavalheiros correram às damas, e os pares entraram a saracotear a polca da moda. Da moda; tinha sido publicada vinte dias antes, e já não havia recanto da cidade em que não fosse conhecida. Ia chegando à consagração do assobio e da cantarola noturna. (ASSIS, 2012, p. 35).

O protagonista do conto é apresentado tal como se encontra intimamente: “vexado e aborrecido”. No início da narrativa, deparamo-nos com um Pestana incomodado e descontente com a popularidade que existe em torno de suas composições. Quando solicitado para que tocasse uma de suas polcas na comemoração do aniversário da viúva Camargo, percebe a sintonia entre sua música e os convidados, apesar de tê-la publicado apenas vinte dias antes. Frente ao ocorrido, qualquer compositor se sentiria realizado. Pestana, entretanto, abandona o recinto alegando estar com dor de cabeça e fica mais angustiado ainda quando ouve, nas ruas, uma de suas polcas sendo assoviadas, mas nem mesmo as aclamações por parte da população facilitam e diminuem a dificuldade que há no caminho para ir do anseio à realização, que é o “local” em que se encontra o músico no conto “Um Homem Célebre”. Personagem tipicamente machadiano, a figura dramática do escritor aborda o tema da incompatibilidade entre os ideais e a realidade em que se vive, constituindo praticamente um retrato da existência humana em si.

Portanto, em cada um dos contos exemplificados, notamos como o escritor fluminense aborda os comportamentos dos personagens. De um lado, retrata a conduta de uma mulher que coloca em primeiro lugar suas futilidades e, do outro, analisa o comportamento do personagem por meio de suas inquietações em relação ao mundo que o cerca.

Falar em Machado de Assis contista e de suas coletâneas iniciais, é lembrar o que John Gledson escreve sobre esta prática:

Vale observar que para um contista, sua primeira aparição geralmente se dá em jornais e revistas. Segundo John Gledson no caminho que Machado de Assis percorreu como contista, duas revistas e um jornal foram, sem dúvida, as mais importantes no que diz respeito às suas publicações: *Jornal das Famílias*, no qual Machado de Assis publicou setenta contos, entre 1864 e 1878; *A Estação*, na qual publicou 37 contos, entre 1879 e 1898, e *Gazeta de Notícias*, onde publicou no período de 1881 e 1897. Pode-se perceber, de fato, que os três periódicos respondem pela maior parte de sua produção, contabilizando 163 contos ao todo. (GLEDSON, 2006, p. 42)

Como o estudioso afirma, assim também aconteceu com Machado de Assis. O *Jornal das Famílias* e *A Estação* eram revistas destinadas a um perfil feminino e Machado não somente colaborou como escritor, como também orientava as leitoras, no que diz ao aspecto literário, pois produzia uma literatura que estimulasse esse público. A contribuição do autor para O *Jornal das famílias* teve fim em dezembro de 1878 e, logo em seguida, principia suas publicações n’*A Estação* em janeiro de 1879 com o conto “Curiosidade”. O que as duas revistas tinham em comum é que eram impressas na Europa e publicavam em suas páginas destaques de modas, figuras coloridas, justamente para chamar a atenção de suas leitoras.

O que chama atenção é o fato de as duas coletâneas, primeiramente, serem lançadas em periódicos fluminenses e posteriormente lançados em livros. E isso não aconteceu somente com o escritor de *Quincas Borba*, mas também com:

[...] Quase todos os grandes escritores brasileiros do século XIX passaram por jornais. Podemos citar alguns que entraram para o cânone, como Joaquim Manoel de Macedo, Raul Pompéia, Aluísio de Azevedo e Euclides da Cunha. No entanto, nem todos se adaptaram ao gênero folhetinesco. Ou seja, apesar de terem sido publicados em rodapés de jornais, nem todos empregaram estritamente as características folhetinescas. (JUNIOR, 2011, p. 12)

Em *Contos Fluminenses* (1870), por exemplo, textos como “Frei Simão”, “Linha Reta e Linha Curva”, “O Segredo de Augusta” foram publicados originalmente no periódico *Jornal das Famílias* em 1864, individualmente. Anos mais tarde, estes contos, somados a outros, foram enumerados na coletânea supracitada. A colaboração de Machado de Assis estende-se de julho de 1863 a dezembro de 1878, com exclusão dos anos de 1867 e 1868. Grande parte de sua contribuição literária para esse periódico foi assinada com os pseudônimos J., J.J., Job, Victor de Paula e Lara.

O mesmo aconteceu com *Várias Histórias*. A maioria dos contos presentes nessa coletânea foram publicados originalmente no periódico fluminense *Gazeta de Notícias*. Como exemplos, podemos citar “D. Paula”, “A Causa Secreta”, “Entre Santos”, “Trio em Lá Menor”, publicados entre 1884 e 1866. A presença de Machado nesse periódico começa em 1881 e estende-se ininterruptamente até fevereiro de 1897, voltando duas vezes em 1899, quatro em 1900, uma em 1902 e em 1904. Não obstante, seu nome aparece desde 1877, subscrevendo poesias, em homenagem a José de Alencar e a Camões. O escritor fluminense figura na relação de colaboradores efetivos até 1904.

O recolhimento desses textos em coletâneas deu-se por operação em parte executada pelo próprio autor e outra parte complementada postumamente por editores e estudiosos da obra machadiana, mas ainda há muito o que se pesquisar a respeito dessas narrativas, pois estas ainda ocupam uma posição secundária no campo dos estudos machadianos.

Portanto, qualquer que seja o suporte, livro ou publicação em periódico do século XIX mostra que Machado de Assis iniciou na vida literária por meio dos jornais até ganhar maturidade. Os assuntos e o contexto de suas histórias retratavam exatamente como o escritor visualizava a sociedade da época. Enumerar estas características sociais em contos, estruturas tão objetivas e diretas, não parece ser tão fácil, fato inclusive citado comumente pelo escritor. Vejamos então como a técnica narrativa era empregada em seus contos.

3.3 O conto machadiano.

Antes de adentrar na prática contista de Machado, é preciso conhecer um pouco a respeito da historicidade do conto. Como afirma Sobrinho (1960), não é possível dizer ao certo o ano em que apareceu o gênero no Brasil, se for considerada a restrição ou a nitidez do que venha ser o significado de conto. Alguns periódicos como *O Farol Paulistano*, marco inicial da imprensa paulista, *O Beija Flor*, do Rio de Janeiro, *O Carapuceiro*, que circulou em Recife, publicavam, diariamente, contos, novelas, apólogos, anedotas, entre outros gêneros que podem ser enquadrados nas primícias do conto. Barbosa explica com mais detalhes outros colaboradores que contribuíram para a difusão do conto no Brasil:

Parece-nos, todavia, que nesse caminho para o conto, um marco decisivo é o da fecundação, nesta capital, de *O Chronista*, dirigido por

Justiniano da Rocha, com a colaboração de Firmino Rodrigues da Silva, Josino do Nascimento Silva, João Manuel da Silva. Começou a sua publicação em 1836 e durou até 1839. (SOBRINHO, 1960, p. 11).

Em sua dissertação de mestrado, Machado (2007) faz algumas considerações acerca da estrutura de um conto. O autor explica que o texto, por se tratar de um gênero, é visto como algo que integra a vida cotidiana, ligado à cultura, à linguagem, enfim, ao aspecto social em geral. Desse modo, o autor ratifica a importância do gênero como sendo um meio de comunicação na vida em sociedade. A relação citada pelo escritor relembra o que Bakhtin denomina como gênero:

Se os gêneros do discurso⁸ não existissem e se não tivéssemos o domínio deles e fôssemos obrigados a inventá-los a cada vez no processo da fala, obrigados a construir cada um dos nossos enunciados, a troca verbal seria impossível. (BAKHTIN, 2003, p. 285).

Seguindo a linha de raciocínio sobre qual seria o objetivo dos gêneros, no caso do conto, gênero textual, Marcuschi em seu texto *Gêneros textuais: constituição e práticas sociodiscursivas*, afirma:

Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais⁹ são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação

⁸ Para Bakhtin, os gêneros do discurso resultam em formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinadas sócio-historicamente. O autor refere que só nos comunicamos, falamos e escrevemos, por meio dos gêneros do discurso, que podem ser orais ou escritos, dependendo da situação de uso. O autor também considera os gêneros discursivos heterogêneos e os divide em dois modos: primários e secundários. Estes seriam os romances, dramas, pesquisas científicas e aqueles estão relacionados aos discursos simples como cartas, relatos, etc. (BAKHITIN, 2003, p. 282).

⁹ Rojo (2005, p.196) observou que em se tratando de estudos nacionais e internacionais, em primeira instância, que, independentemente da filiação teórica desses autores, todos recorriam a uma base comum: os estudos de Bakhtin. Essas diferenças na apreensão da significação se devem em grande parte, segundo a autora, aos problemas decorrentes das várias interpretações bakhtinianas de gênero como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Como cada perspectiva teórica aplica a sua maneira esse conceito, as dimensões dos gêneros, a saber: os temas (conteúdos ideologicamente conformados que se tornam dizíveis por meio dos gêneros); as formas composicionais (estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero); o estilo ou marcas linguísticas (configurações específicas das unidades de linguagem, traços das posições enunciativas do locutor) e a apreciação valorativa do locutor a respeito dos temas e dos interlocutores de seus discursos, não são devidamente considerados, não podendo ser compreendidas.

criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2005, p. 1)

Portanto, os contos apresentam um viés social, justamente porque é diversificado, e como afirmam alguns estudiosos, eles mudam com o tempo, são variáveis dependendo de seu contexto histórico, mas não deixam de ser manifestações importantes da escrita na sociedade.

Nesta dissertação, serão abordados e analisados alguns contos de Machado de Assis. Sendo assim, é importante conhecer qual a concepção do escritor a respeito deste gênero. Podemos iniciar deduzindo que às vezes até mesmo o próprio autor dava a entender que seus contos não lhe tinham tanta importância, pois quem observa os títulos de suas coletâneas – *Papéis Avulsos*, *Várias Histórias* e *Histórias da Meia-noite* – se depara com nomes simples e acaba por ter impressão que ele tratava os contos como gênero menor.

A dedução se ratifica mais ainda quando sabemos que Machado era perfeccionista demais, já que demorou mais de dez anos de exercício de conto para então publicar o primeiro volume e, dos mais de vinte que já havia escrito, selecionou apenas sete. Este rigor perdurou por alguns anos depois que Machado optou por publicar apenas 76 em livro, geralmente precedidos por uma advertência ou prefácio que insistia em afirmar a despreensão daquelas páginas, sem, no entanto, jamais atribuí-las ao gênero.

Porém, em se tratando do escritor fluminense, isso pode ser facilmente contestado, uma vez que o escritor reconheceu a densidade do processo de escrita de um conto, como afirmou no texto *Obras Completas de Machado de Assis*:

É gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade. E creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor. (1962, p. 806)

E ratificou sua definição, na advertência de *Várias Histórias*:

O tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias, é naturalmente a qualidade; mas há sempre uma qualidade nos contos,

que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos. (ASSIS, 2012, p.9).

Fica claro que o contista reconheceu as dificuldades de se escrever e até de definir o que é um conto. É a opinião individual de quem escreveu tantos contos, romances, crônicas e críticas e, dessa maneira, Machado de Assis não atribuiu conceitos simples e rápidos para o que vem a ser o gênero.

Há quem diga que a fundamental propriedade do conto é a sua rapidez no desenrolar da história e ele distingue-se de outros gêneros, como o romance, por ter uma unidade dramática bem definida, e seus personagens principais serem descritos rapidamente.

Dessa maneira, entende-se que, mesmo com as limitações que o conto possui em termos de escrita, Machado conseguiu transmitir ao leitor o sujeito do conto com suas relações e diálogos, sem comprometer a sequência cronológica da história com o tipo de trama linear que possui: início, meio e fim. E tanto conseguiu dominar as técnicas deste gênero que, quando escrevia para o principal periódico de sua carreira contista, o *Jornal das Famílias*, a presença do autor:

[...] tornava-se mais fundamental e constante a cada número. Se em 1864 figuraram apenas quatro contos e o início de um conto. Já em 1866 pode-se observar aumento considerável de narrativas. São nove histórias completas e um epílogo, assinadas por sete diferentes iniciais, pseudônimos e uma anônima. Dessa forma, esse literato foi tornando-se o maior colaborador da seção. Quando as mudanças ali ocorreram, foram motivadas pelos rumos oferecidos por ele mesmo em sua participação. (SILVEIRA, 2005, p. 45)

Diante disto, percebemos que o conto obedece aos princípios do gênero, pois é conciso, tem rapidez e unidade dramática e está condicionado a contar os fatos que decorrem em sua história, precisam ser relatados em uma única situação. Os seus personagens são detalhados rapidamente, o enredo não é longo e os acontecimentos chamam a atenção dos leitores justamente pela rapidez dos fatos, pelo conflito, precisão, tensão, ação, e todos esses aspectos se reúnem em uma história bem delimitada.

Essa história curta apresenta aos leitores os melhores momentos de uma ação longa, que se torna sucinta. Nessa narrativa, o escritor preocupa-se em descrever a história ao seu leitor, de modo que muitas vezes ele precisa omitir sua opinião e exibir

apenas aquilo que o enredo permite. E, no caso de Machado de Assis, é claro que o escritor não se contentou em escrever simples relatos do cotidiano em um livro, só pelo hábito de escrever. Foi, de fato, um contista e não simplesmente um contador de histórias:

[...] a voz que fala ou escreve só se afirma enquanto contista quando existe um resultado de ordem estética, ou seja: quando consegue construir um conto que ressalte seus próprios valores enquanto conto, nesta que já é, a essa altura, a arte do conto, do conto literário. Por isso, nem todo contador de histórias é um contista.” (GOTLIB, 1990, p 13).

Lúcia Miguel Pereira (1955) avalia que, ao compor seus contos, Machado analisava, lia, relia seus personagens, traçava um perfil psicológico aparentemente normal, mas que ao longo da história se modificava, se tornando amargo, deixando a emoção falar mais que a razão, demonstrando interesse, sede de vingança, fatos que talvez o leitor nem imaginasse que poderiam acontecer na história, mas Machado fazia questão de acrescentá-las.

É como Machado (2007) cita que, para o escritor Machado de Assis, o conto é pintado de forma sombria, em que o pano de fundo é a essência da condição humana, em que o personagem da história significa muito mais do que se tem à frente do leitor. Parece que o que Machado buscou ao escrever seus contos foi criar situações em que os indivíduos respondessem por meio de seus atos o que o escritor denunciava na existência humana, as atitudes que nem sempre eram boas.

O modo como o escritor fluminense lidava com esse tipo de narrativa é um tanto particular. Ele se mostrou atento às inquietudes humanas e as da sua época, captando em cada cena, cada personagem e “condensando” uma história que perfeitamente daria um romance. Até porque, “a audácia do contista é sempre uma condição necessária” (GOTLIB, 1990, p. 75). Não é também o caso de dizer que o autor pretendia resumir romances em contos, mas que ele consegue dar bastante sentido em poucas palavras, sempre fazendo um jogo, um embate de sentidos, muitas vezes até antagônicos, já que desloca o cenário e a ação para o íntimo da personagem e desloca todas as ações da história para que esta se volte exclusivamente às figuras dramáticas presentes nela.

Gotlib (1990) atribui a genialidade do conto machadiano ao fato de que a “elaboração do conto segundo Poe é produto também de um extremo domínio do autor

sobre os seus materiais narrativos. O conto, como toda obra literária, é produto de um trabalho consciente, que se faz por etapas, [...] tudo provém de minucioso cálculo” (GOTLIB, 1990, p. 34).

Nesse sentido, é necessário apontar para a qualidade do conto machadiano e que todo o seu enredo se faz por esse “frio e minucioso cálculo”. O que se nota, no caso dos personagens de Machado de Assis, é que, para o escritor, “o homem para Machado é um ser complexo” (TEIXEIRA, 1987, p. 68), e é a partir disso que o conflito e a dualidade ou antagonismo de seus personagens, que se apresentam sempre em duas situações conflitantes e possíveis escolhas.

Não obstante, ao contista Machado de Assis, todas as personagens e o foco da ação estão engendradas de tal forma que o próprio leitor (o real) se confunde com o narrador (literal), isto porque outra característica do conto é o fato desse gênero literário não estar comprometido com a realidade, pois o seu objetivo é ser ficcional, não importando se as histórias nele contadas sempre são irreais, mas guardam a verossimilhança aos fatos. Ou seja, apesar de não serem verdadeiras, são intimamente ligadas ao real.

Para ler os contos de Machado de Assis, é preciso ainda que haja, intrinsecamente, participação do leitor, o qual se vê obrigado a tomar uma posição frente à narração, à situação de conflito. O leitor é forçado a tomar para si a responsabilidade de interpretar os fatos, designar culpados e inocentes, assim como suas respectivas lições ou redenções. E é nesse ponto que se revela a maestria machadiana, que, embora não apresente uma história conclusa, instiga o leitor a buscar as respostas no núcleo da ação, pois, como assinala Teixeira (1997),

As narrativas maduras de Machado de Assis não apresentam uma história conclusa, que, em parte agrada e intriga [...]. Não explicam tampouco o problema que abordam ou a conclusão a que chegam. O significado dependerá sempre da interpretação do leitor. Por isso, devem ser lidas com um olho na ação e outro no sentido problematizador que encerram. (TEIXEIRA, 1997, p. 57).

As narrativas de Machado de Assis possuem uma conexão com o leitor e estas não possuem apenas uma única interpretação, cabendo ao leitor decifrar os contos segundo sua experiência de mundo e de leitura:

A filosofia de Machado: pessimismo e ceticismo. A literatura machadiana busca as causas secretas dos atos humanos [...] serão sempre o ódio, a incompreensão ou o interesse. Tal visão é chamada pessimismo e decorre de uma profunda descrença nos homens, pois Machado julgava que o egoísmo prepondera sobre o altruísmo, o mal sobre o bem. (TEIXEIRA, 1987, p. 68).

Seus contos possuem mistério e descrença. Ao escrever, Machado deu outro tom a histórias que poderiam ser apenas mais um relato, mas que nas mãos do Bruxo ganharam muito mais particularidades narrativas:

[...] os contos de Machado traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas. Aparecem motivadas por um interesse próprio, mais ou menos sórdido, mais ou menos desculpável. Mas é sempre um comportamento duvidoso, que nunca é totalmente desvendado nos seus recônditos segredos e intenções... (GOTLIB, 1990, p. 77)

O conto machadiano revela uma comunicação essencial com seu interlocutor, a ponto de praticamente fazê-lo ouvir e imaginar as cenas da narrativa, como afirma Matos, na introdução do segundo volume da obra completa de Machado de Assis (1974b, p.12):

Por outro lado, sem embargo de ser ágil estilista, é o menos literário de nossos conteurs. Conduzido pelo dom, pela vocação de contador de histórias, sabe encarar a vida diretamente e dar à narrativa a feição de oralidade, de modo a transmitir ao leitor a sensação de que está, não lendo, mas ouvindo contar. Em verdade, uma história não se deve ler, deve-se escutar. Machado, no conto, não descreve, mostra, fala. Quando os personagens têm que se caracterizar, conversam uns com os outros, e eis por que vemos, continuamente, muitos diálogos nos contos. Diálogos de significativa naturalidade.

Podemos perceber claramente que a estrutura narrativa empregada pelo escritor é a baseada nos diálogos, no sujeito que afirma, polemiza e evoca sua posição em um discurso. O escritor de *Dom Casmurro* convida o leitor a participar do fazer narrativo.

Sobre as pequenas histórias em contraposição aos seus romances, é possível notar sim que o escritor passou por um processo de amadurecimento e não necessariamente de ruptura:

É interessante já se poder observar, nessa pequena narrativa, a presença embrionária dos motivos perenes que sempre norteariam a escritura dos seus contos, mesmo na linguagem mais simples e singela

do escritor que então apenas se formava: a presença da dúvida, a descoberta da traição, levando à constatação inevitável da dubiedade que ronda os procedimentos humanos. (CUNHA, 1998, p. 53)

Os contos e como eles foram construídos são a prova de que Machado amadureceu estilisticamente, pois traz elementos criativos, investigativos, misteriosos e coerentes em seus enredos. A técnica machadiana revela um escritor em constante mudança, preocupado em mostrar a sociedade do século XIX nas páginas em que escreveu. Dessa maneira, Machado de Assis, como contista, não foge de uma representação direta da vida: trabalha arduamente para fazer com que o seu leitor se envolva na história, quiçá poder até se enxergar nesses contos.

4 MACHADO DE ASSIS, O CONTISTA N’O *FOLHA DO NORTE*

O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções.

O jornal apareceu, trazendo em si o gérmen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é econômica, porque é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social.

(Machado de Assis)

4.1 A prática folhetinesca machadiana no suplemento literário *Folha do Norte*.

Já é de conhecimento de todos a participação inicial de Machado de Assis em periódicos que circularam no Rio de Janeiro, no começo da carreira como escritor, quando contou com esse suporte para a divulgação de seus contos, poemas e peças de teatro. Além da circulação em outros estados, a obra machadiana também esteve presente no jornal paraense a *Folha do Norte*.

Apesar dessa dissertação abordar a presença de Machado de Assis no periódico levando em consideração seus contos, é interessante perceber que não foi somente este gênero que o jornal incluiu em suas leituras, pois, por meio da pesquisa no suporte, verificamos a publicação de um poema, também de autoria de Machado, chamado “A Festa de Lindoya”, veiculado em 1º de março de 1896, conforme ilustração a seguir:

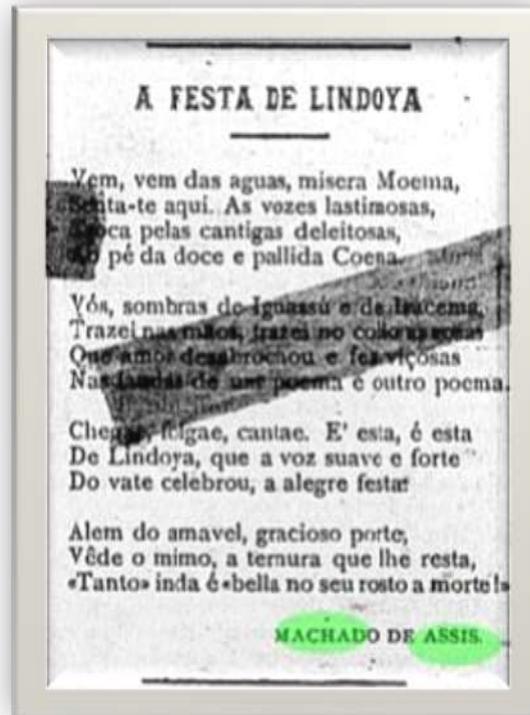


Figura 02: Poema “A Festa de Lindoya”¹⁰

O poema foi escrito em 1875 e faz parte da obra *Americanas*, representante da produção poética dos primeiros anos de sua manifestação literária. Neste escrito, Machado faz menção ao tema que era retratado no Brasil naquela época, a exaltação do índio, já que o escritor: “reconheceu como ninguém, essa temática em sua obra”. (NAVARRO, 2007, p. 106).

Assim como Machado de Assis, outros escritores como José de Alencar, Gonçalves Dias e Gonçalves Magalhães também se debruçaram nos assuntos

¹⁰ Vem, vem das águas, mísera Moema,
Senta-te aqui. As vozes lastimosas
Troca pelas cantigas deleitosas,
Ao pé da doce e pálida Coema.

Vós, sombras de Iguaçu e de Iracema,
Trazei nas mãos, trazei no colo as rosas
Que o amor desabrochou e fez viçosas
Nas laudas de um poema e outro poema.

Chegai, folgai, cantai. É esta, é esta
De Lindóia, que a voz suave e forte
Do vate celebrou, a alegre festa.

Além do amável, gracioso porte,
Vede o mimo, a ternura que lhe resta.
Tanto inda é bela no seu rosto a morte.

concernentes ao indianismo por esse tema representar a identidade brasileira no Segundo Reinado (1840-1889), como atesta Geraldo Mártires Coelho (2009):

O complexo simbólico da nação brasileira, como foi construído pelas elites cultas do II Reinado, deitou raízes profundas na imaginação social brasileira. Dos romances de José de Alencar, o indianismo saiu para as revistas que circularam não apenas no Rio de Janeiro, a exemplo da *Revista Ilustrada*, de Ângelo Agostini, disseminando o mito e as suas representações pelo país afora – ainda que Agostini revisse suas posições, passando a ironizar o indianismo (COELHO, 2009, p. 29).

O indianismo, para Machado de Assis, foi uma grande contribuição do Brasil para a Literatura Ocidental, pois pela primeira vez a figura do índio, aquele que ficou conhecido como o “bom selvagem”, aparecia como tema literário no Brasil, nas revistas do Rio de Janeiro, assim como no periódico paraense *Folha do Norte*.

Por reconhecer e retratar a temática indianista em sua obra, o escritor fluminense fala-nos um pouco mais sobre suas ideias a respeito do assunto:

Algum tempo, foi opinião que a poesia brasileira devia estar toda, ou quase toda, no elemento indígena. Veio a reação, e adversários não menos competentes que sinceros absolutamente o excluíram do programa de literatura nacional. São opiniões extremas que, pelo menos, me parecem discutíveis. [...] Direi somente que, em meu entender, tudo pertence à invenção poética, uma vez que traga os caracteres do belo e possa satisfazer as condições da arte. Ora, a índole dos costumes dos nossos aborígenes está muita vez neste caso; não é preciso mais para que o poeta lhes dê a vida da inspiração. A generosidade, a constância, o valor, a piedade, hão de ser sempre elementos da arte, ou brilhem nas margens do Scamandro ou nas do Tocantins. O exterior muda – o capacete de Ajax é mais clássico e polido que o canitar de Itajuba; a sandália de Calipso é um primor de arte que não achamos na planta nua de Lindoya. Esta é, porém, a parte inferior da poesia, a parte acessória. O essencial é a alma do homem. (ASSIS apud VERÍSSIMO, 1903, p. 423)

Em “A Festa de Lindoya”, Machado nos apresenta a admiração que sentia por Basílio da Gama, ao expor personagens femininas de grandes poetas indianistas, como Iracema, a “índia dos lábios de mel”, de José de Alencar e Moema, de *O Uruguay*. Quem recebe os convidados é Lindoya, “numa festa que celebra a inspiração dos poetas e as rosas desabrochadas pelo amor. (...). Essa festa lembra as da Antiguidade pagã, celebrando a altivez terna, mimosa e amável daquela que tinha no rosto uma morte bela, que fora apanágio dos heróis clássicos.” (NAVARRO, 2007, p. 106).

A publicação do poema no periódico paraense indica a diversidade da escrita machadiana no jornal e chama atenção para uma das fases de Machado de Assis, a qual, por si só, não consagrou o escritor fluminense, porém, é reconhecido o valor histórico e literário, pois nela ele retratou a questão do indianismo.

Portanto, Machado apareceu no jornal paraense por diferentes perspectivas, já que, como afirma NAVARRO (2007):

Em *Americanas*, Machado de Assis revela-se um romântico pelos temas, pelo tom e pelas fórmulas. Os tempos, contudo, já eram outros e ele já se emancipara, sob a sugestão de José de Alencar e Gonçalves Dias, dos poetas do período colonial brasileiro. Somente Basílio da Gama é que exerceria uma poderosa influência sobre sua obra. (NAVARRO, 2007, p. 107).

Partindo para as outras publicações do escritor que também fizeram parte do jornal, abordaremos a produção contista e dela destacamos seis contos. Um deles pertence à coletânea *Contos Fluminenses* (1870), primeiro livro de contos de Machado de Assis: “Uma Carta” (1896). Os outros cinco são pertencentes ao livro *Várias Histórias* (1896): “Adão e Eva” (1897), “Uns Braços” (1899), “O Diplomático” (1899), “Conto de Escola” (1900) e “A Cartomante” (1900). Seguem na tabela a seguir os referidos contos e os dias em que foram publicados:

Tabela 01: Contos machadianos no jornal *Folha do Norte* (1896-1900)

| | CONTO | DATA/ANO |
|-------------------------|-----------------|----------------------------|
| Machado de Assis | Uma Carta | 17 de março de 1896 |
| | Adão e Eva | 19 e 21 de junho de 1897 |
| | Uns Braços | 16 e 17 de outubro de 1899 |
| | O Diplomático | 24 e 26 de outubro de 1899 |
| | Conto de Escola | 02 e 03 de janeiro de 1900 |
| | A Cartomante | 04 e 05 de janeiro de 1900 |

Dessa forma, levantamos alguns questionamentos: por qual razão os contos supracitados foram escolhidos, dentre um universo de mais de duzentos escritos? Quais temáticas eram abordadas? Quais os interesses dos editores em dar preferência a estes contos? Qual a importância dessas publicações para a constituição histórica e literária de Belém, tendo em vista o momento histórico-cultural da sociedade paraense na segunda

metade do século XIX? No subtópico, apresentaremos a análise dos contos conforme as suas publicações.

4.2 “Uma Carta” e o amor não correspondido.

Foi o primeiro texto do gênero conto de autoria de Machado de Assis a ser divulgado no periódico *Folha do Norte*. Esta história de amor não correspondido foi publicada originalmente n’*A Estação*, no dia 15 de dezembro de 1884 e faz parte da coletânea *Contos Fluminenses* e, no dia 17 de março de 1896, os leitores paraenses conheceram a narrativa.

A publicação machadiana é narrada em terceira pessoa, tendo como personagem principal Celestina, uma mulher de 38 anos que vivia com Joantina, sua irmã mais nova, e a mãe. A protagonista da trama alimenta profunda melancolia por nunca ter encontrado um pretendente que quisesse desposá-la. Contudo, essa condição se modifica quando ela encontra uma carta cujo conteúdo era extremamente romântico e denunciava um amor não correspondido, como se pode ver no trecho a seguir:

Meu anjo adorado: – Perdoe-me esta audácia, mas não posso mais resistir ao desejo de lhe abrir o meu coração e dizer que a adoro com todas as forças da minha alma. Mais de uma vez tenho pela rua, sem que a senhora me dê a esmola de um olhar, e há muito tempo que suspiro por lhe dizer isto e pedir-lhe que me faça o ente mais feliz do mundo.

Machado de Assis
(Folha do Norte, 17 de março. 1896, s/p).

O narrador assume posição quase que exclusivamente de apenas relatar fatos de maneira imparcial e se detém a apresentar os efeitos de uma carta de amor anônima, que nem ele mesmo se atém a descrever o texto completo, por entender que o leitor já saiba de que se tratam as cartas de amor:

Não copio o resto: era longa a carta, e no mesmo estilo composto de trivialidade e imaginação. Apesar de longa, Celestina leu-a duas vezes, e, em alguns lugares, três e quatro; naturalmente eram os que falavam da beleza dela, dos olhos, dos lábios, dos cabelos, das mãos. Estas pegavam tremulas na carta, tão comovida ficara a dona, tão assombrada de um tal achado. Quem poria ali a carta? Provavelmente, a escrava, a única escrava da casa, peitada pelo autor. E quem seria este?

Machado de Assis
(Folha do Norte, 17 de março. 1896, s/p).

Crestani, no texto “Machado de Assis: narrativas de embuste e autoengano”, afirma que o narrador de “Uma Carta” pode ser considerado um “irônico observador”, pois simplesmente este observa a situação trágica instaurada pelo contraste entre as aspirações, esperanças e desejos humanos, e um destino obscuro, inflexível e impiedoso.

Por estar sem remetente, Celestina imaginou que a missiva lhe pertencia e tomou-a para si. Emocionada com o achado, a personagem tentou dividir o conteúdo da carta com a irmã mais nova, mas desistiu do intento por vergonha. Conforme iam passando os dias, Celestina fazia planos e sonhava acordada com seu pretendente misterioso. Seu desejo era que ele a pedisse em casamento, porém isso não aconteceu.

Certo dia, quando Celestina encontrava-se entre seus sonhos de casamento e suas ocupações, a empregada entra no quarto, apressada, e pergunta se ela viu a carta escondida em sua cesta, e Celestina diz que sim. Seus sonhos se frustraram quando a criada revelou para quem a carta fora enviada: sua irmã mais nova. Desapontada, a mulher chora e afirma que aquela seria a última lágrima que o amor lhe arrancara.

No referido conto, notam-se quatro personagens distintas socialmente na trama: a solteirona, que se preocupa por estar velha e não ter casado; a irmã mais nova Joaquina; a criada, que é negra, portanto, desprovida de *status* social, entretanto, apresenta papel fundamental na narrativa por ser uma confidente amorosa de Celestina. E a mãe, que por estar cega, tem funções limitadas e passa a maior parte do dia na janela, tentando adivinhar quem passa pela rua. Existe também na história um pretendente, mas ele não aparece fisicamente, apenas como redator da carta que Celestina encontra.

Crestani (2011) observa que, apesar da história ter um enredo triste, há nela:

Um humor irônico da narrativa que deriva simplesmente do arranjo dado aos episódios relatados. O narrador apenas se compraz em apresentar sadicamente as decepções e o autoengano que acometeram a personagem. O interesse do conto reside essencialmente nessa reversão das expectativas romântico idealistas da personagem, com as quais o leitor é alertado a não se identificar [...]. O conto mantém-se na esfera do habitual didatismo crítico que denuncia o envelhecimento dos lugares-comuns da literatura sentimental e reivindica do leitor um posicionamento distanciado para melhor apreciar o efeito cômico dessa guinada nos destinos da personagem. (CRESTANI, 2011, p. 601).

O autor também afirma que, como a narrativa se passa na cidade do Rio de Janeiro, o escritor Machado de Assis se vale de personagens como Celestina para representar as convenções que estabeleciam o lugar da mulher na sociedade naquela época e, como supomos, o público do folhetim era também formado por moças casadoiras, pois a sociedade do século XIX era apoiada em bases religiosas cristãs, em que a família era do tipo patriarcal, na qual as mulheres da época eram responsáveis pelos serviços domésticos, pela reprodução e pela educação dos filhos.

Segundo Ingrid Stein (1984, p. 112), na literatura europeia do final do século XIX, encontra-se com frequência um tipo de figura feminina caracterizado exteriormente pela suavidade, beleza, alvura, quase transparente. Trata-se de um ser frágil, melancólico, necessitado de repouso e com a força de vontade um tanto paralisada.

Com essa temática, o caráter moralizante conduzia o público a crer que o papel era exclusivamente este: o de pensar em casamento antes mesmo de entrarem na adolescência. As mulheres tinham que ter em mente suas obrigações como esposas que deveriam servir bem a seus maridos. Como consta na passagem a seguir: “A ideia de casar entrou na cabeça de Celestina, desde os treze anos, e ali se conservou até os trinta e oito; mas ultimamente ela a perdera de todo, e só se enfeitava para desafiar o destino” (*Folha do Norte*, 17 de março, 1896, s/p).

Porém, Machado de Assis, de certa maneira, vai contra os preceitos impostos às mulheres, pois mostra que, por mais que esta queira casar, ter filhos, cuidar dos afazeres domésticos, nem sempre é esse seu destino. As mulheres podem não casar, não ter pretendentes, não serem amadas e viverem normalmente sem constituir família, mesmo que tenham vontade e interesse.

Portanto, temos um enredo marcado por um engano, por uma ironia do destino, do equívoco com determinado acontecimento que tem como espectadores os leitores do jornal. Dessa maneira, há novamente o desejo de comunicação com a figura do leitor, principalmente em não se deixar levar pelo enredo patético proposto por Machado de Assis.

Para entendermos as condições das publicações no periódico paraense, chamamos atenção para o ano da publicação do conto supracitado. Sarges (2002) afirma que, no século XIX, a República era implantada no Pará, momento em que o Estado vivia a *Belle Époque*. É a fase do esplendor da borracha, refletindo-se na rápida

urbanização, em que o social e o comercial evidenciam o fortalecimento do poder político de uma classe que já dispunha de mecanismos de dominação.

Logo, nesse momento, o jornal estava preocupado em demonstrar os aspectos positivos do regime republicano, tanto é que no mesmo dia da publicação, o jornal lançou, na coluna *Tópico do dia*, um texto em que chama atenção para a missão dos Republicanos “gozar[em] do inefável bem que só a República pode dar – a igualdade de todos” (*Folha do Norte*, 17 de março. 1896, s/p).

O jornal começou a circular em Belém em janeiro de 1896, portanto, as notícias que eram publicadas giravam em torno de assuntos a respeito da vida do Maestro Carlos Gomes, outras de cunho regional.

Diante disso, esse fato nos induz a entender que, pelo menos em seus primeiros números, o *Folha do Norte* não tinha um motivo específico para publicar o referido conto, tendo em vista que o periódico estava se consolidando no ramo jornalístico. Além do mais, dos seis contos estudados, somente “Uma Carta” foi publicado num único dia. Ou seja, o interesse dos editores em publicar o conto talvez não partisse necessariamente de um viés político, se forem levadas em conta as notícias veiculadas no jornal, mas sim de trazer novidades literárias ao leitor da época. Ou seja, nos primeiros meses de publicação, alguns contos não tinham reação com as notícias do periódico.

4.3 A reflexão religiosa em “Adão e Eva”.

Outro conto que o jornal optou por publicar em dois dias foi “Adão e Eva”. Essa narrativa foi divulgada primeiramente no jornal fluminense *Gazeta de Notícias* em 1885 e também teve seu lugar na coletânea *Várias Histórias* (1896). Nos dias 19 e 21 de junho de 1897, os leitores paraenses tiveram a oportunidade de conhecer mais uma história machadiana, interrompida ainda no primeiro momento do texto, como indica a passagem:

A serpente fez com a cauda um gesto vago, que parecia afirmativo; mas o Tinhoso deu-lhe a fala e ela respondeu que sim, que iria onde ele a mandasse, ás estrelas, se lhe disse as azas da águia- ao mar, se lhe confiasse o segredo de respirar na água- ao fundo da terra, se lhe enviasse o talento da formiga. E falava a maligna, falava á toa, sem parar, contente e prodiga da língua; mas o diabo interrompeu-a:

(*A concluir*)

Machado de Assis

(*Folha do Norte*, 19 de junho. 1897, s/p).

Em “Adão e Eva”, a história bíblica da criação do universo é subvertida por um dos personagens, cuja teoria credita ao Tinhoso a origem da humanidade. A narrativa tem um tom irônico no comportamento e fala dos personagens, típica característica dos enredos machadianos. O suspense é garantido quando o diabo dá a missão à serpente para ir ao jardim testar Adão e Eva. A vilã, *a priori*, fica aborrecida justamente por achar que a eles não poderá fazer nenhum mal. Porém, é completamente o contrário. A cobra é enviada para convencer Eva a comer do fruto proibido:

[...] – Não, interrompeu o Tinhoso. Quero justamente o contrário. Ha no jardim uma arvore, que é a da ciência do bem e do mal, eles não devem tocar nela, nem comer-lhe os frutos. Vai, entra, enrosca-te na arvore, e quando um deles ali passar, chama-o de mansinho, tira uma fruta e oferece-lha, dizendo que é a mais saborosa fruta do mundo; se te responder que não, tu insistirás dizendo que é bastante come-la para conhecer o próprio segredo da vida. Vai, vai...

Machado de Assis
(*Folha do Norte*, 19 junho. 1897, s/p).

A reviravolta no conto, sem dúvida, causa estranheza, pois Eva não come do fruto, rejeita a proposta da serpente, junta-se a Adão, que também prefere obedecer às ordenanças divinas, e os dois são recompensados com a vida eterna. Segue o desfecho:

[...] nada valia a perda do paraíso, nem a ciência, nem o poder, nenhuma outra ilusão da terra. Dizendo isto, deram as mãos um ao outro, e deixaram a serpente que saiu pressurosa para dar as cartas ao Tinhoso. [...] E foi assim que Adão e Eva entraram no céu, ao som de todas as cítaras, que uniam as suas notas em um hino aos dois egressos das criações.

Machado de Assis
(*Folha do Norte*, 21 jan. 1897, s/p).

O conto é “uma desconstrução bíblica, excelentemente bem elaborada ‘pela pena da galhofa’” (QUEIROZ, p. 129). Por intermédio de uma narrativa bíblica, o autor inseriu “na ficção a sua veia humorística e dessacralizante” (QUEIROZ, 2008, p.131). Os tons humorísticos e duvidosos pairam em todo o desenrolar do texto e afirmações como “(...) Em primeiro lugar, não foi Deus que criou o mundo, foi o Diabo...” (p. 72) fazem com o que o leitor reflita sobre como e quem realmente é responsável pela criação do Universo.

O motivo principal do espanto provocado nos pensamentos do leitor reside na inversão que Machado de Assis realiza por meio da ironia, a qual significa deslocamento de sentido dos dogmas já conhecidos pelos religiosos.

Com isso, o escritor derruba a racionalidade, o dogmatismo, a seriedade, trazendo ao leitor outras possibilidades de interpretação. Essa inversão se dá por meio do elemento cômico, que garante ao conto suspense. Ao deixar lacunas no texto para o leitor preencher com suas reflexões religiosas, teológicas e até mesmo filosóficas e dar sentidos à narrativa, o leitor é levado a especular, teorizar e refletir para ser bem-sucedido em suas interpretações. Com total liberdade, Machado de Assis “mexe”, “ajusta” uma história bíblica, no imaginário do leitor, sem se importar com a veracidade estabelecida.

O *Folha* não se intitulava um periódico religioso, mas a publicação de “Adão e Eva” nos mostra que, de fato, as temáticas que o jornal abordava eram diversificadas, tanto que nesta mesma edição o suporte trazia outras publicações referentes à religião, como que se quisesse preparar o leitor para o que este iria encontrar no rodapé do jornal. Segundo Fausto (2012), no que diz respeito à temática religiosa, sabe-se que houve decretação do fim do regime do Padroado, ao separar Igreja e Estado, instituindo o culto livre a todas as religiões, e o jornal retrata a questão religiosa da época, chamando atenção para a variedade de crenças e sobre no que cada uma acredita, como divulgado no artigo “Problema da Morte”:

A crença em uma divindade, nem sempre implica em recompensas ou castigos às ações boas ou más da vida presente. Os celtas acreditavam no deus da imortalidade [...]. No Egito, acreditava-se na justiça divina e outra vida, mas também na justiça terrena [...]. Entre os gregos, a religião é, com efeito, vista sob uma explicação mitológica do universo [...]. (Folha do Norte, 21 de junho, 1897, s/p).

O conto machadiano retratou justamente a temática que o jornal abordou nos dias 19 e 21 de junho de 1897, pois publicações como esta proporcionaram ao leitor uma reflexão e, ao mesmo tempo, liberdade de conhecer a maneira como outros povos e civilizações acreditam na criação e divindades, assim como o ponto de vista interpretativo trabalhado pelo escritor Machado de Assis no conto “Adão e Eva”.

4.4 “Uns braços”: da inocência à traição.

O suplemento literário *Folha do Norte* publicou nos dias 16 e 17 de outubro de 1899 o conto “Uns Braços”. Ele, assim como as outras histórias, foi veiculado originalmente no jornal *Gazeta de Notícias* em 1885.

O conto apresenta como personagens Inácio, um rapaz de quinze anos; Dona Severina, a “dona” dos braços, esposa do solicitador Borges, homem que trabalha com leis. O garoto Inácio estava morando de favor na casa do casal, pois o pai, que era barbeiro, sonhava em ver o filho envolvido em questões de procuradoria e leis e, por isso, pediu ao solicitador que encaminhasse o filho na área.

Porém, ao invés de ajudar, Borges era extremamente grosseiro, rude e mal com o garoto. Mesmo assim, Inácio não saía da casa, porque alguma coisa ainda o prendia lá. Eram os braços de Dona Severina: “Nunca ele pôs os olhos aos braços de D. Severina que se não esquecesse de si e de tudo.” (*Folha do Norte*. 16 de Out. 1899. s/p).

Dona Severina via Inácio como um menino, apesar de já ter uns fiozinhos de bigode. Porém, certo dia, talvez por já perceber os olhares fixos do rapaz, a mulher muda de opinião e começa a reparar melhor no garoto.

Depois de tantos detalhes contados, do interesse de Inácio nos braços da dona da casa, a percepção dela para com os olhares nada pueris do menino, o leitor tem sua história interrompida na seguinte passagem:

Ignácio passava-os todos ali no quarto ou na janela, ou relendo um dos três folhetos que trouxera consigo, contos de outros tempos, comprados a tostão, debaixo do passadiço do largo do Paço. Eram duas horas da tarde. Estava cansado, dormira mal a noite, depois de haver andado muito na véspera; estirou-se na rede, pegou em um dos folhetos, a Princesa Magalona, e começou a ler. Nunca pôde entender porque é que todas as heroínas dessas velhas historias tinham a mesma cara e talhe de D. Severina, mas a verdade é que tinham. Ao cabo de meia hora, deixou cair o folheto e pôs os olhos na parede, donde, cinco minutos depois, vi-o sair a dama de seus cuidados. O natural era que se espantasse; mas não se espantou. Embora com as pálpebras cerradas, viu-a desprender-se de todo, para, sorrir e andar para a rede. Era ela mesma, eram os seus mesmos braços.

Machado de Assis
(*Folha do Norte*. 16 de Out. 1899. s/p).

Inácio não estava equivocado, pois era ela mesma. Dona Severina estava observando-o dormir, mas logo se ausentou do quarto. Depois de um tempo, a mulher

tomada por uma agonia, dúvida, vontade de ver o rapaz, volta ao quarto e o leitor descobre o que aconteceu entre os dois naquele recinto na publicação do dia seguinte:

Saiu da sala, atravessou rasgadamente o corredor e foi até o quarto do mocinho [...]. D. Severina sentiu bater-lhe o coração com veemência e recuou [...]. E mirou-o lentamente, fartou-se de vê-lo, com a cabeça inclinada, o braço caído, mas ao mesmo tempo que o achava criança, achava-o bonito, muito mais bonito que acordado, e uma dessas ideias corrigia ou corrompia a outra. [...] viu que dormia profundamente [...]. E ela continuou a vê-lo dormir, — dormir e talvez sonhar. E tornando, inclinava-se, pegava-lhe outra vez das mãos e cruzava ao peito os braços, até que, inclinando-se, ainda mais, muito mais, abrochou os lábios e deixou-lhe um beijo na boca. Aqui o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela.

Machado de Assis
(*Folha do Norte*. 17 de Out. 1899. s/p).

Inácio dormia profundamente e, provavelmente, como afirma o conto, estava sonhando com a dama de seus cuidados. Não percebeu que seu sonho fundiu-se com a realidade. Não tinha certeza do que lhe havia acontecido, portanto, somente dona Severina tinha conhecimento do que fizera.

Ignácio não entendia a completa mudança de D. Severina em relação a ele, nem o chale, nem nada. Estava tão bem! Falava-lhe com tanta amizade! Como é que, de repente... Tanto pensou que acabou supondo de sua parte algum olhar indiscreto, alguma distração que a ofendera; não era outra coisa; e d'aqui a cara fechada e o chale que cobria os braços tão bonitos... Não importa; levava consigo o sabor do sonho. E através dos anos, por meio de outros amores, mais afetivos e longos, nenhuma sensação achou nunca igual á d'aquela domingo, na rua da Lapa, quando ele tinha quinze anos. Ele mesmo exclama às vezes sem saber que se engana:

— E foi um sonho! Um simples sonho!

Machado de Assis
(*Folha do Norte*. 17 de Out. 1899. s/p).

O conto expõe forte caracterização dos personagens, que apresentam dúvidas, desejos, vontades, incertezas etc. Um garoto de quinze anos que se apaixona pelos braços de uma jovem senhora casada que, por sua vez, se deixa desejar pelo mancebo e, de certa maneira, gosta disso. Não suportando mais, ela o beija e, a partir disso, uma confusão mental é posta. Ela o trata mal achando que ele fingia dormir.

O final do conto é criativo e genial, justamente porque é possível a fusão do sonho e realidade, pois Inácio fica com a sensação do beijo, mas aquele que presenciou

em seu sonho. O que fica claro é que Inácio sai inocente, aquém da situação. Em contrapartida, dona Severina talvez ficasse com tamanha culpa devido ao peso que a traição lhe causara nos pensamentos.

No mesmo dia em que o conto foi veiculado, outra vez notamos a relação entre as notícias do jornal e o conteúdo literário posto no rodapé. Com o título “Não cobiçarás...”, o *Folha* trazia o caso de uma senhora casada que traiu o marido:

<<No Olinda, na hora em que ia levantar ferro do Porto de Manaus, foi dada busca a bordo pela polícia, que ali fora à procura de uma senhora casada que fugia com o amante. Encontrando-os, recambiou-se para terra onde, interrogada, disse a fugitiva que não queria mais viver como marido e sim com o amante. Bem edificante este desrespeito ao nono mandamento da lei de Deus...>>. (*Folha do Norte*, 17 de Outubro, 1899. s/p).

Além de retratar o ocorrido como atentado aos bons costumes da família, o jornal é extremante irônico ao dizer que casos como esse são “bem edificantes”, levando em consideração o nono mandamento: “Não cobiçarás a casa de teu próximo, não desejarás sua mulher, nem seu servo, nem sua serva, nem seu boi, nem seu jumento, nem coisa alguma que pertença a teu próximo.” (Ex 20, 17).

Mais uma vez, temos a temática da mulher nas narrativas machadianas veiculadas ao jornal paraense. A publicação dos contos “Uma Carta”, “Adão e Eva”, “A Cartomante” e “Uns Braços” denota a preferência por narrativas que, de certa maneira, desmitificam o papel que a figura da mulher deveria exercer na sociedade patriarcal, como aborda Ingrid Stein (1984):

Apresentado idealmente com o um ser envolvido numa aura de pureza, amor, abnegação, “por natureza” destinada a viver para e pelos outros, ao indivíduo do sexo feminino restavam, concretamente, funções sociais condizentes com esse ideal. Portanto, a aquisição, pela mulher, de uma função na sociedade coincidia com a abdicação da própria individualidade, ou seja: tornar-se esposa e mãe implicava, para ela, passar a orientar-se pessoalmente por outro indivíduo, sem mesmo atender à sua conveniência individual; significava ceder à exigência da sociedade de abrir mão de uma existência para si ao colocá-la ao serviço exclusivo dessa mesma sociedade. (STEIN, 1984, p.33).

Cabe mencionar que nos contos apresentados no periódico analisado são sempre as personagens femininas que se envolvem em situações que atentariam contra sua honra e decoro, assim como não se mostram submissas, como o caso de Eva, que,

ao contrário do que é descrito na história bíblica, toma outra atitude perante a proposta da serpente.

4.5 “O Diplomático”, quando o interesse excede o amor.

Em 1884, o jornal *Gazeta de Notícias* publica originalmente o conto “O Diplomático”, e nos dias 24 a 26 de outubro de 1899, o texto foi veiculado no jornal *Folha do Norte*, seguindo a estrutura do “conclue amanhã”.

Este enredo conta a história de Rangel, um homem ambicioso, mas de pouca ação, que passou a vida à espera de um bom casamento capaz de lhe trazer boa condição social. O personagem frequentava os lugares mais distintos da sociedade, por pura e simplesmente vontade de realizar o seu sonho: o de enriquecer.

Rangel era conhecido como o diplomático, pelo seu jeito elegante e fino de portar-se em todas as ocasiões. Na casa do pai de Joaquina, ele lia a sorte das pessoas e, por isso, era tratado com respeito e admiração de todos. Joaquina crescera e despertou nele um repentino interesse, mas ele poderia revelar seu amor, se a carregara nos braços quando pequena, e por se tratar da filha do seu melhor amigo? Em um determinado momento da ceia que participava, viu a oportunidade de entregar uma carta de amor para a menina de seus olhos. Se, por ventura, conseguiu entregar ou não, o leitor só ficaria sabendo no dia seguinte, pois a narrativa é interrompida:

[...] Ela foi á janela, por alguns instantes, em quanto se prepara um jogo de prendas, e ele foi também; era a ocasião de lhe entregar-lhe a carta. Defronte, numa casa grande, havia um baile, e dançava-se. Ela olhava, ele olhou também. Pelas janelas viam passar os pares cadenciados, as senhoras com as suas sedas e rendas, os cavalheiros finos e elegantes, alguns condecorados. De quando em quando, uma faísca de diamantes, rápida, fugitiva, no giro da dança. Pares que conversavam, dragosas que reluziam, bustos de homens inclinados, gestos de leque, tudo isso em pedaços, através das janelas, que não podiam mostrar todo o salão, mas adivinhava-se o resto. Ele ao menos, conhecia tudo, e dizia tudo á filha do escrivão. O demônio das grandezas, que parecia, dormir, entrou a fazer as suas arlequinadas ao coração do nosso homem e ei-lo que tenta seduzir também o coração da outra.

(Segue)

Machado de Assis
(*Folha do Norte*, 24 out. 1899. s/p).

No dia seguinte, o leitor tem conhecimento que Rangel não conseguiu seu intento. O jogo de prendas impediu-o de entregar a missiva à bela moça: “Maldito jogo de prendas! Justamente quando ele formulava, na cabeça, uma insinuação a propósito do casal que subia, e ia, assim, passar naturalmente á entrega da carta”. (*Folha do Norte*, 25 de Out. 1899. s/p).

E em meio às investidas de Rangel, pra sua infelicidade, eis que surge um rival chamando atenção de todos por sua simpatia e carisma, chamado Queirós: “D’onde vinha esse furacão? [...] Queiroz d’aqui Queiroz d’alli. Queiroz de todos os lados. Rangel passou da estupefação á mortificação”. (*Folha do Norte*. 25 de Out. 1899. s/p).

A partir dos acontecimentos supracitados, o jornal, mais uma vez, rompe o enredo:

Chegou a ceia. Toda a gente entrou confusamente na sala, e felizmente para o Rangel, coube-lhe ficar defronte de Joanhina, cujos olhos estavam mais belos que nunca e tão derramados, que não pareciam os do costume. Rangel saboreou-os caladamente, e reconstruiu todo o seu sonho que o diabo do Queiroz abalara com um piparote. Foi assim que tornou a ver-se, ao lado dela, na casa que ia alugar, berço de noivos, que ele enfeitou com os ouros da imaginação. Chegou a tira um premio na loteria, e a empregá-lo todo em seda e jóias para a mulher, a linda Joanhina, Joanhina Rangel, D. Joanhina Rangel, D. Joanna Viegas Rangel, ou D. Joanna Candida Viegas Rangel... Não podia tirar o Cândida.

Vamos, uma saúde, seu diplomático... faça uma saúde daquelas...

Machado de Assis
(*Folha do Norte*. 25 de Out. 1899. s/p).

Por fim, no dia derradeiro, o leitor tinha conhecimento de que as façanhas tramadas pelo diplomático Rangel não surtiram o efeito esperado por ele. Pelo contrário, o narrador afirma que o destino que de Rangel foi mais cruel do que o de Otelo¹¹, o Mouro de Veneza:

[...] O pobre diabo, feito de devaneio, indolência e afetação, era, em substância, tão desgraçado como Othello, e teve um desfecho mais cruel. Othello mata Desdêmona; o nosso namorado, em quem

¹¹ *Otelo, o Mouro de Veneza* (no original, *Othello, the Moor of Venice*) é uma obra de William Shakespeare escrita por volta do ano 1603. A história gira em torno de quatro personagens: Otelo (um general mouro que serve o reino de Veneza), sua esposa Desdêmona, seu tenente Cássio, e seu sub-oficial Iago. Por causa dos seus temas variados — racismo, amor, ciúme e traição - continua a desempenhar relevante papel para os dias atuais, e ainda é muito popular. Disponível em: www.ebooksbrasil.org/adobeebook/otelo.pdf. Acesso em: 20/04/2017.

ninguém pressentia nunca a paixão encoberta, serviu de testemunha ao Queiroz, quando este se casou com Joaninha, seis meses depois.

Machado de Assis
(*Folha do Norte*. 26 de Out. 1899. s/p).

A temática do referido conto trata-se do que tanto Machado de Assis apontava na sociedade: o “ser” e o “parecer”. A vontade de ascender socialmente é personificada em Rangel, que fica preocupado com seu *status* e acaba não percebendo que isso só lhe causa infortúnios. O fim da narrativa nos diz que, apesar de todos os esforços para garantir-se socialmente, o personagem fica sozinho, mas, mesmo assim, não aprende com seus erros, pois “nem os acontecimentos, nem os anos lhe mudaram a índole”. (Folha do Norte. 26 de Out. 1899. s/p).

Seu conteúdo é quase que praticamente social e mostra o jogo de interesses que regem as relações sociais. Portanto, não conseguimos visualizar relação direta do enredo do conto com a temática e notícias do jornal.

4.6 “Conto de Escola”: Uma representação da sociedade.

Na sequência, temos a publicação da narrativa “Conto de Escola”, publicada originalmente na *Gazeta de Notícias* em 1884, pertencente a *Várias Histórias*. Nos dias 2 e 3 de janeiro de 1900, o conto foi divulgado no periódico paraense, na seguinte estrutura:

Tive uma sensação esquisita. Não é que eu possuísse de virtude uma ideia antes própria de homem; não é também que não fosse fácil em empregar uma ou outra mentira de criança. Sabíamos ambos enganar ao mestre. A novidade estava nos termos da proposta, na troca de lição e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, dá cá; tal foi a causa da sensação. Fiquei a olhar para ele, á toa, sem poder dizer nada...

(*conclui amanhã*)

Machado de Assis
(*Folha do Norte*, 02 de Janeiro, 1900. s/p).

A história encena a relação entre dois garotos de turma. Raimundo, o filho do mestre, não sabe a lição de sintaxe e oferece uma moeda ao colega de classe para ajudá-lo a não ser repreendido pelo pai. Mesmo com medo do professor, os dois fazem as trocas, conforme demonstra a citação a seguir:

Não queria recebê-la, e custava-me recusá-la. Olhei para o mestre, que continuava a ler, com tal interesse, que lhe pingava o rapé do nariz. - Ande, tome, dizia-me baixinho o filho. E a pratinha fuzilava-lhe entre os dedos, como se fora diamante... Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia? E ele não podia ver nada, estava agarrado aos jornais, lendo com fogo, com indignação... - Tome, tome...

Machado de Assis
(*Folha do Norte*. 02 de Jan. 1900. s/p).

A estratégia não ocorre como esperado, pois o mestre flagra os dois garotos:

Estremeci como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas. Dei com o mestre, olhando para mim, cara fechada, jornaes dispersos, e ao pé da mesa, em pé, o Curvelo. Pareceu-me adivinhar tudo. - Venha cá! bradou o mestre. Fui e parei diante dele. Ele enterrou-me pela consciência dentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos. - Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros? disse-me o Policarpo. - Eu... - Dê cá a moeda que este seu colega lhe deu! clamou.

Machado de Assis
(*Folha do Norte*. 03 de Jan. 1900. s/p).

O enredo envolve o leitor na expectativa do que vai acontecer com os dois alunos, de modo que resta sempre esperar por mais consequências, como atesta o desfecho do conto:

Policarpo bradou de novo que lhe desse a moeda, e eu não resisti mais, meti a mão no bolso, vagarosamente, saquei-a e entreguei-lha. [...] Aqui pegou da palmatória. - Perdão, seu mestre... solucei eu. - Não há perdão! Dê cá a mão! Dê cá! Vamos! Sem-vergonha! Dê cá a mão! - Mas, seu mestre... - Olhe que é pior! Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas.

Machado de Assis
(*Folha do Norte*. 03 de Jan. 1900. s/p).

Existe no texto um questionamento referente à ética, no momento em que o menino se questiona sobre o que é certo ou não na situação em que se encontra. O correto, a seu ver, é explicitamente conflitante com o correto na visão do menino que entrega as ações dos dois, fazendo-nos refletir sobre as circunstâncias que levam a

certas decisões. Nada mais é do que a “iniciação da criança no mundo adulto”, conforme considera Gledson:

É uma história, então, sobre a iniciação de uma criança no sórdido mundo adulto, em que serviços “ilegais” podem ser comprados – como Raimundo compra o conhecimento do narrador Pilar, para ser aprovado em uma matéria que ele não tinha conseguido aprender – e em que Curvelo os delata ao mestre-escola Policarpo, que é também pai de Raimundo. (GLEDSON, 2006, p.91).

Portanto, o que há de desonestidade na sociedade pode ser visualizado no enredo deste conto: corrupção, mentira, condutas socialmente impostas, entre outros. Essas ações, que por sinal ocorrem em um local em que deveriam primar unicamente pela educação e bons modos. Sendo assim, com a leitura do jornal, percebemos que as decisões dos indivíduos refletem na sociedade e mostram dois lados: o de ser honesto ou de se deixar levar pelas “oportunidades únicas” que a vida oferece, mesmo sabendo que um possível castigo poderá ser aplicado, como ocorreu com o garoto, narrador-personagem do conto.

Podemos dizer que este conto até hoje possui um enredo atual. O leitor do jornal *Folha Norte* era instruído sobre como deveria agir, mesmo em situações adversas, e não se aproveitar de momentos oportunos. O *Folha* e seus editores, de certa forma, assumiam o papel de educadores, trazendo nas publicações narrativas que os fizessem refletir sobre o papel da ética na sociedade.

4.7 “A Cartomante” e o triângulo amoroso.

O conto “A Cartomante” foi publicado originalmente no periódico *Gazeta de Notícias* em 1884 e posteriormente inserido na coletânea de contos *Várias Histórias*, em 1896. Em Belém, o conto foi divulgado no suplemento literário *Folha do Norte* em dois capítulos, nos dias 04 e 05 de janeiro de 1900.

No segundo momento da história, o conto é interrompido e podemos notar que a cisão da história gera suspense:

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camillo este bilhete de Vilela: << Vem, já, já, á nossa casa; preciso falar-te sem demora>>. Era mais de meio-dia. Camillo saiu logo na rua advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; porque em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe tremula. Ele combinou todas essas cousas com a noticia da véspera.

— Vem, já, já, á nossa casa; preciso falar-te sem demora, —repetia ele com os olhos no papel.

(*A concluir*)

Machado de Assis
(*Folha do Norte*. 04 de jan. 1900, s/p).

O suspense dá-se pelo fato de Camillo, envolvido amorosamente com Rita, esposa de seu melhor amigo, desconfiar de um bilhete recebido sem aviso prévio. O questionamento do próprio personagem deve ser o mesmo incutido na mente do leitor: O que será que Vilela tem a tratar com o mancebo? Teria Vilela descoberto o caso de amor que o casal mantinha às escondidas? Eis o ponto.

Fragmentar o conto sem dúvida incitava a expectativa do leitor. Por conta disso, cria-se uma relação do público com o escrito que, por sua vez, massificava ainda mais a prática da leitura.

No dia seguinte, o leitor ficava ciente do trágico desfecho do conto do escritor fluminense:

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que ha? Vilela não lhe respondeu; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entretanto, Camillo não pôde sufocar o grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela fola, e com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

Machado de Assis
(*Folha do Norte*. 05 jan. 1900, s/p).

Com um enredo movimentado e cheio de novidades, o conto envolve o leitor numa atmosfera trágica de um triângulo amoroso e nas sequências dos acontecimentos. Sem dúvida, o desfecho causa surpresa. E, como é comum aos escritos de Machado de Assis, a história se encerra de maneira trágica, causando perplexidade na frieza com que o personagem Vilela “tira a limpo” a situação.

O conto retrata a visão objetiva e pessimista da vida, do mundo e das pessoas, por meio de uma análise psicológica das contradições humanas na criação de personagens imprevisíveis, trabalhando com insinuações em que se mesclam ingenuidade, malícia, mentira, curiosidade e morte. A história machadiana sem final feliz relata, de forma sutil e intrigante, aspectos tão presentes em nossa sociedade, já que Machado fazia questão de retirar máscaras, como a da própria cartomante que Rita

visita, uma charlatã, pois sendo conhecedora dos anseios e medos que afligem os personagens, se aproveita da situação para tirar vantagens.

Sobre isso, concordamos com Gotlib (1990) quando afirma que:

[...] os contos de Machado traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas. Aparecem motivadas por um interesse próprio, mais ou menos sórdido... Mas é sempre um comportamento duvidoso, que nunca é totalmente desvendado nos seus recônditos segredos e intenções... (GOTLIB, 1990, p.77).

O “quebra-cabeça” criado por Machado de Assis neste conto chama atenção para o fato de que este tentava incitar no leitor a habilidade de racionar, recriar, investigar, elencar pistas, mas, ao mesmo tempo, este leitor se vê em meio a escritor, narrador, personagens e a própria obra em si, no lugar onde talvez o próprio escritor quisesse que o leitor estivesse: envolvido na narrativa de maneira estratégica.

Na data em que o conto foi publicado, o jornal divulgou outro caso bem semelhante à narrativa do rodapé: “Matrimônio dissolvido” retrata a história de Francisca, uma mulher muito bonita e atraente, que resolveu sair de sua casa e afastar-se do seu marido para viver sozinha. Porém, esta começou a se relacionar com outros homens, fato que despertou a ira de seu esposo:

A notícia destas coisas pecadoras chegou aos ouvidos do Alexandre Antônio de Carvalho, que é alfaiate e seu marido, e este, justamente indignado, jurou aos deuses da sua religião vingar-se dessa pouca vergonha. [...]. Febril e decidido, pensou onde desferir as facadas, 2ª e 3ª costelas, e encontrando-a, impetuosamente atirou-se sobre ela. (Folha do Norte, 05 de jan. 1900. s/p).

Portanto, além da publicação machadiana no rodapé, temos também referência machadiana nas manchetes de notícias do contexto social da época, fazendo o leitor refletir sobre atos impensados que podem gerar consequências drásticas, fato que comprova um dos objetivos de o jornal publicar contos e demais narrativas literárias o de deleitar seus leitores, mas também direcioná-los a ter uma boa conduta, conforme afirmavam também os editores do *Folha do Norte*.

Destacamos a relação entre a notícia veiculada no jornal e a referência a mais um conto machadiano para enfatizar que as seções, colunas e *folhetins* estão em consonância com a vida dos personagens e a vida real e do que acontece na sociedade,

pois os conflitos e problemas sociais também têm seus lugares na escrita literária, uma vez que parecem ter servido de guia de conduta e até mesmo ligam-se a um caráter pedagógico, haja visto que apresentam em seu conteúdo temáticas de morte como castigo, exatamente como ocorre no conto e na notícia do jornal.

Os contos machadianos escolhidos para serem publicados no jornal paraense retratam contradições profundas da sociedade burguesa e capitalista. Temos a figura da mulher que, ao mesmo tempo em que é vista como uma personagem predestinada à família e marido, é trabalhada sob outra perspectiva, já que Machado rompe com essa temática patriarcalista e, por meio delas, são representadas exatamente as condições em que a sociedade se encontra, muitas vezes contrário do que se imagina ou deveria ser.

Nesse sentido, podemos mencionar que, de certa forma, as temáticas dos contos de Machado, que foram publicados tanto nos periódicos e revistas fluminenses quanto aos que foram veiculados no *Folha*, seria um objetivo perseguido primeiramente pelo escritor, pois, como afirma Pereira (1955), ele mesmo escolhia quais narrativas seriam enviadas para serem publicadas de acordo com os perfis dos jornais para os quais contribuía.

A publicação dos seis contos de Machado chama atenção pelo espaço dedicado às leituras para lazer e entretenimento, intuito pelo qual primavam os editores do *Folha* quando o nomearam como “atraente e diversificado”, fato que pudemos verificar no jornal, visto que este deu grande ênfase ao espaço do rodapé em que apareciam tanto contos em formato de folhetim como outros gêneros literários, inclusive porque “o principal veículo de escoamento da produção literária oitocentista era o jornal [...]”. (GUIMARÃES, 2004, p. 49)

Ou seja, um dos principais interesses em divulgar e abrir espaço para narrativas literárias era o cultural, uma vez que o contexto histórico-social que Belém vivenciava, de expansão, modernidade, prosperidade, era acompanhado constantemente pelos jornais da época, assim como o *Folha do Norte*, que primava por trazer ao público notícias não somente de cunho político, mas literário, pois nesse periódico notícias avulsas referentes à literatura, como anúncio e lançamento de livros, além de publicação de poesias e até recomendações de leituras, eram constantemente renovadas, o que reforça a empatia dos editores do *Folha* em trazer literatura para atrair compradores. Entretanto, deixemos claro aqui que a publicação dos contos e demais narrativas indicam a suspeita de que essas obras “foram reproduzidas sem a permissão do autor, que não teria conhecimento de tal usurpação” (SALES, 2013, p.203-206).

Os seis contos do escritor que ocuparam o rodapé do jornal *Folha do Norte* eram de um conteúdo particular e típico do estilo machadiano. O leitor da época, a cada edição comprada, tinha a oportunidade de ler, se envolver e opinar nas histórias.

Sobre a divulgação de textos literários, Machado de Assis, por inúmeras vezes, destacou a importância do jornal como veículo de informação, mas também a dos gêneros literários que eram publicados neste suporte. Como atesta o próprio escritor, “O empregado público aposentado poderia deixar de comer, mas lá perder um jornal (...). O jornal é lido, analisado com toda a finura de espírito de que ele é capaz. Devora-o, todo” (ASSIS, 1859, p. 1). Por meio das palavras de Machado, entendemos que a imprensa periódica, por meio das folhas diárias, foi também porta de entrada da maioria dos escritores na esfera da produção literária nacional.

O que foi lançado no rodapé do jornal certamente chamou a atenção do leitor naquela época. Permitiu a este deparar-se com leituras atraentes, brincalhonas, curiosas e singulares. O leitor paraense leu diversificados escritores, desde os desconhecidos do cânone até aqueles já consolidados pela História da Literatura Nacional.

Desta maneira, acredita-se que os contos machadianos foram publicados no periódico paraense por meio de contrafação, já que os jornais mantinham contato com diferentes folhas diárias. Porém, apesar de a prática da reprodução sem prévia autorização do autor fosse ato ilegal, o fato de existir a contrafação paraense dos contos machadianos expõe o modo como o editor lidava com os escritos do escritor de *A Mão e a Luva*, fator que denota ainda mais a importância das pequenas histórias machadianas.

Portanto, as pesquisas realizadas em jornais do século XIX e a recuperação dos contos machadianos no jornal *Folha do Norte*, são, sem dúvida, importantes para a historiografia literária, pois nos permite enxergar como o escritor se fez presente no contexto de expansão da literatura brasileira e, em especial, a paraense. Seu percurso literário contou com a ajuda dos periódicos nos quais publicou, dentre eles o *Folha do Norte*, que por mais politizado que fosse, abriu espaço para a literatura adentrar ruas, avenidas, seios familiares e leitores diversos, aproximando o público paraense de um dos maiores escritores da Literatura Nacional: Machado de Assis.

5 CONCLUSÃO

No século XIX, Belém passou por transformações nos âmbitos político, social, econômico e cultural. A população podia acompanhar as mudanças na cidade por meio dos jornais e, dentre eles, o *Folha do Norte* garantiu seu espaço, porém, nesse suporte não circulavam apenas notícias do dia a dia, pois desde os seus primeiros números os leitores depararam-se com escritos literários tanto de autores estrangeiros como nacionais, como Machado de Assis.

Sabemos que o escritor fluminense alcançou prestígio no âmbito da História da Literatura Brasileira, mas a maior parte dos críticos detém-se nos escritos a partir da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e considera os textos anteriores como inferiores. Entretanto, como abordamos nesse estudo, não há um processo de ruptura do primeiro para o segundo momento da produção do autor, mas sim uma evolução na escrita, pois muitos aspectos que eram conhecidos do escritor no início de sua fase também puderam ser vistos mais a frente, porém com mais maturidade.

O percurso realizado em torno dos contos de Machado de Assis dedicados ao jornalismo serviu também para consolidá-lo como escritor, tendo em vista que era comum os autores iniciarem seus ofícios escrevendo para jornais.

Nos anos de 1896 a 1900, o escritor fluminense ocupou no jornal paraense posição de destaque com seus contos: “Uma Carta”, pertencentes à coletânea *Contos Fluminenses*, e “Uns Braços”, “Adão e Eva”, “O Diplomático”, “A Cartomante” e “Conto de Escola”, pertencentes ao livro *Várias Histórias*. No periódico, as pequenas histórias eram publicadas em capítulos e, assim, os leitores criavam curiosidade a respeito do desfecho das tramas e adquiriam o jornal para continuar a leitura no dia seguinte. Ou seja, as publicações literárias também garantiam ao jornal maior visibilidade e vendas.

Com este trabalho, foi-nos possível abordar a consonância existente entre os seis contos machadianos e as noticiais que eram veiculadas no jornal, justamente para ratificar a relação entre essas publicações e o contexto do periódico. Nos primeiros números do periódico, alguns contos não tinham tanta relação com as notícias, mas com o passar das publicações as semelhanças puderam ser visualizadas.

Acreditamos que o interesse dos editores do *Folha* em publicar os contos machadianos deu-se por querer trazer à massa leitora textos que proporcionassem lazer

e entretenimento, visto que o jornal não queria somente publicar notícias referentes à cidade, mas queria também atrair os assinantes com as publicações fatiadas.

Sobre a divulgação dos contos de Machado no jornal *Folha do Norte*, não se sabe ao certo, mas acredita-se que possivelmente foram publicados por meio de uma contrafação¹². Os textos literários eram veiculados no rodapé dos jornais da época e, provavelmente, eram extraídos de outros jornais da região ou de fora dela.

Por fim, são imprescindíveis os estudos relacionados às publicações de contos nos periódicos, como o *Folha*, pois a figura do jornal no século XIX ganhou destaque por inserir em suas linhas escritos literários em um momento de grande efervescência política, financeira e cultural em Belém.

¹² Trata-se da produção comercial de um artigo sem autorização da entidade que detém a sua propriedade intelectual.

6 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASSIS, Machado de. **Aquarelas. *Obra Completa***. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994.

_____. **Contos Fluminenses**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

_____. 1839-1908. **Helena/ Machado de Assis**. – [Ed. Especial]- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

_____. **Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira**. São Paulo: Agir, 1959. p. 28- 34: Instinto de nacionalidade. (1ª ed. 1873).

_____. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

_____. **Obra completa**. Vol. I. Rio de Janeiro, Aguilar, 1973.

_____. **Obra completa**. Vol. II. Rio de Janeiro, Aguilar, 1974.

_____. **Obra completa**. Rio de Janeiro, Aguilar, 1962.

_____. **Várias Histórias**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

AZEVEDO, Silvia Maria. **O menino é o pai do homem ou os dois Machados**, 2009. Disponível em <https://sitebibliasp.files.wordpress.com/2014/05/fikr-25.pdf>. Acesso em: 20/10/2016.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto alegre: Nova Prova, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2003.

BRAYNER, Sônia. **O conto de Machado de Assis**. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **O conto de Machado de Assis: Antologia, Organização e Introdução de Sônia Brayner**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CANDIDO, Antonio. In: **Vários Escritos**. Esquema de Machado de Assis. São Paulo: Duas cidades, 1970.

CASTRO, Valdiney Valente Lobato de. **Feitiços velados às gentis leitoras: “cinco mulheres” no jornal das famílias**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Federal do Pará, Belém do Pará: 2014.

COELHO, Geraldo Mártires. **O espelho da natureza: poder, escrita e imaginação na revelação do Brasil.** Belém: Paka-Tatu, 2009.

COELHO, Marinilce Oliveira. **O grupo dos Novos (1946-1952): memórias literárias de Belém do Pará.** Belém. EDUFPA. 2005.

COUTINHO, Afrânio. **Machado de Assis na Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1990.

CRESTANI, Jason Luís. **Machado de Assis; Narrativas de embuste e autoengano.** II Colóquio da Pós-graduação em Letras da UNESP. v. 2, p. 594-605, 2007.

_____. **A colaboração de Machado de Assis no Jornal das Famílias: subordinações e subversões.** *Patrimônio e memória*, São Paulo, n. 1, v. 2, p. 154-183, 2006. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/109>.

CUNHA, Patrícia Lessa Flores da. **Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos.** Porto Alegre: IEL; São Leopoldo: Unisinos, 1998.

DIXON, Paul B. **Os contos de Machado de Assis: mais do que sonha a filosofia.** Porto Alegre: Movimento, 1992.

FACIOLI, Valentim. **Várias histórias para um homem célebre** (biografia intelectual). In: BOSI et al., A. Machado de Assis. São Paulo: Ática, 1982, p. 9-59. (Escritores brasileiros, Antropologia e estudos).

FAUSTO, BORIS. **História Concisa do Brasil.** São Paulo: Edusp, 2012.

FISCHER, Luís Augusto. **Contos de Machado: da ética à estética.** In: SECCHIN, Antonio Carlos et al. **Machado de Assis: uma revisão.** Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998.

GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis: Ensaio.** SP: Companhia das Letras, 2006.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto.** São Paulo: Ática, 1990.

GUIMARÃES, Hélio Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o Romance Machado e o Público de Literatura no Século 19.** São Paulo: NankinEditorial/Edusp, 2004.

JÚNIOR, Luís Roberto de Souza. **A influência inconfessável como o folhetim formou o romance brasileiro.** Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/64.pdf>. Acesso em 04/11/2016.

MACHADO, Bruno Focas Vieira. **Sujeito e linguagem em contos de Machado de Assis — articulações entre a linguística e a psicanálise.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: constituição e práticas sociodiscursivas.** Versão mimeo. 2005.

MATOS, Mário. “**Machado de Assis**, contador de Histórias.” In: _____ Machado de Assis, o Homem e a Obra. São Paulo: Nacional, 1939.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**. Uma história. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas**: o folhetim nos jornais de Mato Grosso, séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **As influências de O Urugay de Basílio da Gama na poesia indianista de Machado de Assis**. , São Paulo, n.73, p. 105-111, março/maio 2007.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Machado de Assis: estudo crítico e biográfico. São Paulo: José Olympio, 1955.

QUEIROZ, Maria Eli. **Machado de Assis e a religião: considerações acerca da alma machadiana**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2008.

ROCQUE, Carlos. **Grande Enciclopédia da Amazônia**. Copyright, 1968.

_____. **História geral de Belém e do Grão Pará**. Belém: DistribeL, 2001.

ROJO, Roxane. **Gêneros do discurso e gêneros textuais**: questões teóricas e aplicadas In J. L. Meurer, A. Bonini, & D. Motta-Roth (Org.), Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.

ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**. 5ª Ed. Organizada e prefaciada por Nelson Romero. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. V. 5, pp. 16171638.

SALES, Germana. **Folhetins**: uma prática de leitura no século XIX. Revista: Entrelaces (UFC), v.1, p. 44-56, 2007.

_____. **O Romance como ponte**: o romance lusófono no Brasil oitocentista. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marli Tereza; DAVID, Sérgio Nazar. (Org.). **Interpretação do texto leitura do contexto**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013. p. 203-216.

SARGES, Maria de Nazaré: **Belém**: Riquezas produzindo a *belle-époque* (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2002.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. SP: Ed. 34, 2000.

SILVEIRA, D. M. da. **Contos de Machado de Assis** : leituras e leitores do “Jornal das Famílias”, 2005. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo: 2005. Disponível em < <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000343999&fd=y> >.

SOBRINHO, Barbosa Lima. **Os Precursores: Panorama do conto no Brasil**. Editora Civilização brasileira. São Paulo, 1960.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. **Interpretações do Brasil**. In: *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

STEIN, Ingrid. **Figuras Femininas em Machado de Assis**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1984.

TEIXEIRA, Ivan. **Pássaro sem asas ou morte de todos os deuses**. Uma leitura de Papéis avulsos. In: ASSIS, Machado de. Papéis avulsos. Edição e introdução de Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. 3a série. Rio de Janeiro, Garnier, 1903.

ANEXOS

Machado de Assis

UMA CARTA

Celestina acabando de almoçar, voltou à alcova e indo casualmente à cesta de costura, achou uma cartinha de pape bordado. Não tinha sobrescripto, mas estava aberta. Celestina, depois de hesitar um pouco, desdobrou-a e leu:

<< Meu anjo adorado: _ Perdôe-me esta audácia, mas não posso mais resistir ao desejo de lhe abrir o meu coração e dizer que a adoro com todas as forças da minha alma. Mais de uma vez tenho pela rua, sem que a senhora me dê a esmola de um olhar, e há muito tempo que suspiro por lhe dizer isto e lhe dizer isto e pedir-lhe que me faça o ente mais feliz do mundo. Se não me ama, como eu a amo, creia que morrerei de desgosto. Os seus olhos lindos, como as estrelas do céu, são para mim as luzes da existência, e os seus lábios, semelhantes ás pétalas de rosa, têm toda a frescura de um jardim de Deus...>>.

Não copio o resto: era longa a carta, e no mesmo estilo composto de trivialidade e imaginação. Apesar de longa, Celestina leu-a duas vezes, e, em alguns lugares, três e quatro; naturalmente eram os que falavam da beleza dela, dos olhos, dos lábios, dos cabelos, das mãos. Estas pegavam tremulas na carta, tão comovida ficara a dona, tão assombrada de um tal achado. Quem poria ali a carta? Provavelmente, a escrava, ___ a única escrava da casa, peitada pelo autor. E quem seria este?

Celestina não tinha a menor lembrança de que pudesse ligar ao autor da carta; mas, como ele dizia que ela mesma lhe dera a esmola de um olhar, estava explicado o caso, e só restava agora reparar bem nos homens da rua.

Celestina foi ao espelho, e lançou um olhar complacente sobre si. Não era bonita, mas a carta deu-lhe uma alta ideia de suas graças. Contava então trinta e nove anos, parece mesmo que mais um; mas este ponto não está averiguado de modo que possa entrar na história. Era simples opinião da mãe; esta senhora, porém, contando sessenta e quatro anos, podia confundir as coisas. Em todo o caso, qualquer que fosse o exato número, a própria dona dos anos não os discutiu, e limitava-se a parecer bem. Não parecia mal, nem fazia má figura, todas as tardes, à janela.

Esquecia-me dizer que isto acontecia aqui mesmo, no Rio de Janeiro, entre 1860 e 1862. Celestina era filha de um antigo comerciante, que morreu pobre, tendo apenas feito para a família um pequeno pecúlio. Era dele que esta vivia e mais de algumas costuras para fora.

A ideia de casar entrou na cabeça de Celestina, desde os treze anos, e ali se conservou até os trinta e sete, pode ser mesmo que até os trinta e oito; mas ultimamente ela a perdera de todo, e só se enfeitava para não desafiar o destino.

Solteirona e pobre, não contava que ninguém se enamorasse dela. Era boa e laboriosa, e isto podia compensar o resto; mas ainda assim não lhe dava esperanças.

Foi neste ponto da vida que Celestina deu com a carta na cesta de costura. Compreende-se o alvoroço do pobre coração. Afinal, recebia o prêmio da demora; aí aparecia um namorado, por seu próprio pé, sem ela dar por ele, e dispunha-se a fazê-la feliz.

Já vimos que ela atribuía à escrava da casa a intervenção naquele negócio, e o primeiro impulso foi ir ter com ela; mas recuou. Era difícil tratar diretamente um tal assunto, não estando nos seus quinze anos estouvados que tudo explicassem; era arriscar a autoridade. Mas, por outro lado, se se calasse, arriscava o namorado, que, não tendo resposta, poderia desesperar e ir embora. Celestina vacilou muito no que faria, até que

resolveu consultar a irmã. A irmã, Joaquina, tinha vinte anos, e era pessoa de muita gravidade; podia dar-lhe um conselho.

— O quê? Não ouço.

— Queria consultar você sobre uma coisa.

— Que coisa? Você hoje está assim esquisita, tão alegre, e tão acanhada. Que é que você quer, Titina? Diga. Já adivinhei.

— O que é?

— É sobre aquele vestido da baronesa.

Celestina fez um gesto de desgosto, e ia negar, mas não conseguindo abrir-se com a irmã, preferiu mentir, e foi buscar o vestido. Na verdade, podia ser mãe dela, viu-a nascer, ajudou-a a criar. Nunca entre ambas trocaram nenhuma confiança de namoro; e não é que ambas os não tivessem tido. Mas as relações eram de respeito e discrição.

Não sabendo como sair da dificuldade, Celestina adotou um plano intermédio; procuraria primeiro descobrir a pessoa que lhe mandara a carta, e se a merecesse, como era de supor, à vista da linguagem da carta, abrir-se-ia com a escrava, e depois com a irmã. Nessa mesma tarde, ela foi mais cedo para a janela, e mais enfeitada, esteve menos distraída com outras coisas. Não tirou os olhos da rua, abaixo e acima; não apontava rapaz ao longe, que não o seguisse com curiosidade inquieta e esperançosa. Joaquina, ao pé dela, notava que a irmã não estava como de costume; e pode ser mesmo que lhe atribuísse algum princípio de namoro. A mãe é que não via nada. Sentada na outra janela (era uma casa assobradada), ora cochilava, ora perguntava às filhas quem era que ia passando.

— Celestina, aquele não é o Dr. Norberto?

— Joaquina, parece que lá vai a família do Alvarenga.

Perto das ave-marias, viu Celestina surdir da esquina um rapaz, que, tão depressa entrara na rua, pôs os olhos na casa.

Passou pelo lado oposto, lento, evidentemente abalado, olhando ora para o chão, ora para a janela. Foi até o fim da rua, atravessou-a, e voltou pelo lado da casa. Já então era um pouco escuro, não tanto, porém, que encobrisse a gentileza do rapaz, que era positivamente um rapagão.

Celestina ficou realmente fora de si. A irmã não viu o que era, mas concluiu que alguém teria passado na rua, que enchera a alma de Celestina de uma vida desusada. Com efeito, durante a noite, esteve ela como nunca, alegre, e ao mesmo tempo pensativa, esquecendo-se de si e dos outros. Quase que não quis tomar chá, e só a muito custo se recolheu para dormir.

“Titina viu passarinho verde” pensou Joaquina ao deitar-se.

Celestina, recolhida ao quarto, meteu-se na cama, e releu a carta do rapaz, lentamente, saboreando as palavras de amor, e os elogios à beleza dela. Interrompia a leitura, para pensar nele, vê-lo surdir de uma esquina, ir pela rua fora do lado oposto, e tornar depois do lado dela. Via-lhe os olhos, o andar, a figura... Depois tornava à carta, e

beijava-a muitas vezes, e numa delas, sentiu a pálpebra molhada. Não se vexou da lágrima; era das que se confessam. Quando cansou de ler a carta, meteu-a debaixo do travesseiro, e dispôs-se a dormir.

Mas qual dormir! Fechava os olhos, mas o sono andava pelas casas dos indiferentes, não queria nada com uma pessoa em quem as esperanças mortas reviviam com o vigor da adolescência. Celestina recorria a todos os estratagemas para dormir; mas o rapaz da carta fincava-lhe os olhos ardentes, e ia de um lado para outro; não tinha mais que contemplá-lo. Não era ele o namorado, o apaixonado, o noivo próximo? Que ela planeava tudo: no dia seguinte escreveria uma resposta ao rapaz, e dá-la-ia à escrava, para que a entregasse. Estava disposta a não perder tempo.

Era meia-noite, quando Celestina conseguiu adormecer; e antes o fizesse há mais tempo, porque sonhou ainda com o rapaz, e não perdeu nada.

Sonhou que ele tornara a passar, recebera a resposta e escrevera de novo. No fim de alguns dias, pediu-lhe autorização para solicitar a sua mão. Viu-se logo casada. Foi uma festa brilhante, concorrida, à qual todas as pessoas amigas foram, cerca de dezoito carros. Nada mais lindo que o vestido dela, de cetim branco, um ramalhete de flores de laranjeira, ao peito, algumas outras nos apanhados da saia. A grinalda era lindíssima. Toda a vizinhança nas janelas. Na rua gente, na igreja muita gente, e ela entrando por meio de alas, ao lado da madrinha... Quem seria a madrinha? D. Mariana Pinto ou a baronesa? A baronesa... A mãe talvez quisesse D. Mariana, mas a baronesa... Em sonhos mesmo discutiu isso, interrompendo a entrada triunfal no templo.

O padrinho do noivo era o próprio Ministro da Justiça, que ia ao lado dele fardado, condecorado, brilhante, e que, no fim da cerimônia, veio cumprimentá-la com grande atenção. Celestina estava cheia de si, a mãe também, a irmã também, e ela prometia a esta um casamento igual.

— Daqui a três meses, você está também casada, dizia-lhe ao receber dela os parabéns.

Muitas rosas desfolhadas sobre ela. Eram caídas da tribuna. O noivo deu-lhe o braço, e ela saiu como se fosse entrando no céu. Os curiosos eram agora em maior número. Gente e mais gente. Chegam os carros; lacaios apurados abrem as portinholas. Lá vai depois o cortejo devagar e brilhante, todos aqueles cavalos brancos pisando o chão com uma gravidade fidalga. E ela, ela, tão feliz! ao lado do noivo!

A fada branca dos sonhos continuou assim a fazer surdir do nada uma porção de coisas belas. Celestina descobriu, no fim de uma semana de casada, que o marido era príncipe. Celestina princesa! A prova é que aqui está um palácio, e todas as portas, louça, cadeiras, coches, tudo tem armas principescas, no escudo, uma águia ou leão, um animal qualquer, mas soberano.

— Vossa Alteza se quiser...

— Rogo a Vossa Alteza.

— Perdão, Alteza...

E tudo assim, até quase de manhã. Antes do sol acordou, esteve alguns minutos esperta, mas tornou a dormir para continuar o sonho, que então já não era de príncipe. O marido era um grande poeta, viviam ao pé de um lago, ao pôr-do-sol, cisnes nadando, um princípio da lua, e a felicidade entre eles. Foi esta a última fase do delírio.

Celestina acordou tarde; ergueu-se ainda com o sabor das coisas imaginadas, e o pensamento no namorado, noivo próximo. Embebida na imagem dele, foi às suas abluções matinais. A escrava entrou-lhe na alcova.

— Nhã Titina...

— Que é?

A preta hesitou.

— Fala, fala.

— Nhã Titina achou na sua cesta uma carta?

— Achei.

— Vosmecê me perdoe, mas a carta era para nhã Joantina...

Celestina empalideceu. Quando a preta a deixou só, Celestina deixou cair uma lágrima — e foi a última que o amor lhe arrancou.

ADÃO E EVA

UMA SENHORA de engenho, na Bahia, pelos anos de mil setecentos e tantos, tendo algumas pessoas íntimas à mesa, anunciou a um dos convivas, grande lambareiro, um certo doce particular. Ele quis logo saber o que era; a dona da casa chamou-lhe curioso. Não foi preciso mais; daí a pouco estavam todos discutindo a curiosidade, se era masculina ou feminina, e se a responsabilidade da perda do paraíso devia caber a Eva ou a Adão. As senhoras diziam que a Adão, os homens que a Eva, menos o juiz-de-fora, que não dizia nada, e Frei Bento, carmelita, que interrogado pela dona da casa, D. Leonor: — Eu, senhora minha, toco viola, respondeu sorrindo; e não mentia, porque era insigne na viola e na harpa, não menos que na teologia.

Consultado, o juiz-de-fora respondeu que não havia matéria para opinião; porque as cousas no paraíso terrestre passaram-se de modo diferente do que está contado no primeiro livro do Pentateuco, que é apócrifo. Espanto geral, riso do carmelita que conhecia o juiz-de-fora como um dos mais piedosos sujeitos da cidade, e sabia que era também jovial e inventivo, e até amigo da pulha, uma vez que fosse curial e delicada; nas cousas graves, era gravíssimo.

— Frei Bento, disse-lhe D. Leonor, faça calar o Sr. Veloso.

— Não o faço calar, acudiu o frade, porque sei que de sua boca há de sair tudo com boa significação.

— Mas a Escritura... ia dizendo o mestre-de-campo João Barbosa.

— Deixemos em paz a Escritura, interrompeu o carmelita. Naturalmente, o Sr. Veloso conhece outros livros...

— Conheço o autêntico, insistiu o juiz-de-fora, recebendo o prato de doce que D. Leonor lhe oferecia, e estou pronto a dizer o que sei, se não mandam o contrário.

— Vá lá, diga.

— Aqui está como as cousas se passaram. Em primeiro lugar, não foi Deus que criou o mundo, foi o Diabo...

— Cruz! exclamaram as senhoras.

— Não diga esse nome, pediu D. Leonor.

— Sim, parece que... ia intervindo frei Bento.

— Seja o Tinhoso. Foi o Tinhoso que criou o mundo; mas Deus, que lhe leu no pensamento, deixou-lhe as mãos livres, cuidando somente de corrigir ou atenuar a obra, a fim de que ao próprio mal não ficasse a desesperança da salvação ou do benefício. E a ação divina mostrou-se logo porque, tendo o Tinhoso criado as trevas, Deus criou a luz, e assim se fez o primeiro dia. No segundo dia, em que foram criadas as águas, nasceram as tempestades e os furacões; mas as brisas da tarde baixaram do pensamento divino. No terceiro dia foi feita a terra, e brotaram dela os vegetais, mas só os vegetais sem fruto nem flor, os espinhosos, as ervas que matam como a cicuta; Deus, porém, criou as árvores frutíferas e os vegetais que nutrem ou encantam. E tendo o Tinhoso cavado abismos e cavernas na terra, Deus fez o sol, a lua e as estrelas; tal foi a obra do quarto dia. No quinto foram criados os animais da terra, da água e do ar. Chegamos ao sexto dia, e aqui peço que redobrem de atenção.

Não era preciso pedi-lo; toda a mesa olhava para ele, curiosa.

Veloso continuou dizendo que no sexto dia foi criado o homem, e logo depois a mulher; ambos belos, mas sem alma, que o Tinhoso não podia dar, e só com ruins instintos. Deus infundiu-lhes a alma, com um sopro, e com outro os sentimentos nobres, puros e grandes. Nem parou nisso a misericórdia divina; fez brotar um jardim de delícias, e para ali os conduziu, investindo-os na posse de tudo. Um e outro caíram aos pés do Senhor, derramando lágrimas de gratidão. “Vivereis aqui”, disse-lhe o Senhor, “e comereis de todos os frutos, menos o desta árvore, que é a da ciência do Bem e do Mal.” Adão e Eva ouviram submissos; e ficando sós, olharam um para o outro, admirados; não pareciam os mesmos. Eva, antes que Deus lhe infundisse os bons sentimentos, cogitava de armar um laço a Adão, e Adão tinha ímpetos de espancá-la. Agora, porém, embebiavam-se na contemplação um do outro, ou na vista da natureza, que era esplêndida. Nunca até então viram ares tão puros, nem águas tão frescas, nem flores tão lindas e cheirosas, nem o sol tinha para nenhuma outra parte as mesmas torrentes de claridade. E dando as mãos percorreram tudo, a rir muito, nos primeiros dias, porque até então não sabiam rir. Não tinham a sensação do tempo. Não sentiam o peso da ociosidade; viviam da contemplação. De tarde iam ver morrer o sol e nascer a lua, e contar as estrelas, e raramente chegavam a mil, dava-lhes o sono e dormiam como dous anjos.

Naturalmente, o Tinhoso ficou danado quando soube do caso. Não podia ir ao paraíso, onde tudo lhe era avesso, nem chegaria a lutar com o Senhor; mas ouvindo um rumor no chão entre folhas secas, olhou e viu que era a serpente. Chamou-a alvoroçado.

— Vem cá, serpe, fel rasteiro, peçonha das peçonhas, queres tu ser a embaixatriz de teu pai, para reaver as obras de teu pai? A serpente fez com a cauda um gesto vago, que parecia afirmativo; mas o Tinhoso deu-lhe a fala, e ela respondeu que sim, que iria onde ele a mandasse, — às estrelas, se lhe desse as asas da águia — ao mar, se lhe confiasse o segredo de respirar na água — ao fundo da terra, se lhe ensinasse o talento da formiga. E falava a maligna, falava à toa, sem parar, contente e pródiga da língua; mas o diabo interrompeu-a: — Nada disso, nem ao ar, nem ao mar, nem à terra, mas tão-somente ao jardim de delícias, onde estão vivendo Adão e Eva.

— Adão e Eva? — Sim, Adão e Eva.

— Duas belas criaturas que vimos andar há tempos, altas e direitas como palmeiras? — Justamente.

— Oh! detesto-os. Adão e Eva? Não, não, manda-me a outro lugar. Detesto-os! Só a vista deles faz-me padecer muito. Não hás de querer que lhes faça mal...

— É justamente para isso.

— Deveras? Então vou; farei tudo o que quizeres, meu senhor e pai. Anda, diz depressa o que queres que faça. Que mordida o calcanhar de Eva? Morderei...

— Não, interrompeu o Tinhoso. Quero justamente o contrário. Há no jardim uma árvore, que é a da ciência do Bem e do Mal; eles não devem tocar nela, nem comer-lhe os frutos. Vai, entra, enrosca-te na árvore, e quando um deles ali passar, chama-o de mansinho, tira uma fruta e oferece-lhe, dizendo que é a mais saborosa fruta do mundo; se te responder que não, tu insistirás, dizendo que é bastante comê-la para conhecer o próprio segredo da vida. Vai, vai...

— Vou; mas não falarei a Adão, falarei a Eva. Vou, vou. Que é o próprio segredo da vida, não? — Sim, o próprio segredo da vida. Vai, serpe das minhas entranhas, flor do mal, e se te saíres bem, juro que terás a melhor parte na criação, que é a parte humana, porque terás muito calcanhar de Eva que morder, muito sangue de Adão em que deitar o vírus do mal... Vai, vai, não te esqueças...

Esquecer? Já levava tudo de cor. Foi, penetrou no paraíso, rastejou até a árvore do Bem e do Mal, enroscou-se e esperou. Eva apareceu daí a pouco, caminhando sozinha, esbelta, com a segurança de uma rainha que sabe que ninguém lhe arrancará a coroa. A serpente, mordida de inveja, ia chamar a peçonha à língua, mas advertiu que estava ali às ordens do Tinhoso, e, com a voz de mel, chamou-a. Eva estremeceu.

— Quem me chama? — Sou eu, estou comendo desta fruta...

— Desgraçada, é a árvore do Bem e do Mal! — Justamente. Conheço agora tudo, a origem das coisas e o enigma da vida. Anda, come e terás um grande poder na terra.

— Não, pérfida! — Néscia! Para que recusas o resplendor dos tempos? Escuta-me, faze o que te digo, e serás legião, fundarás cidades, e chamar-te-ás Cleópatra, Dido, Semíramis; darás heróis do teu ventre, e serás Cornélia; ouvirás a voz do céu, e serás Débora; cantarás e serás Safo. E um dia, se Deus quiser descer à terra, escolherá as tuas entranhas, e chamar-te-ás Maria de Nazaré. Que mais queres tu? Realeza, poesia, divindade, tudo trocas por uma estulta obediência. Nem será só isso. Toda a natureza te

fará bela e mais bela. Cores das folhas verdes, cores do céu azul, vivas ou pálidas, cores da noite, hão de refletir nos teus olhos. A mesma noite, de porfia com o sol, virá brincar nos teus cabelos. Os filhos do teu seio tecerão para ti as melhores vestiduras, comporão os mais finos aromas, e as aves te darão as suas plumas, e a terra as suas flores, tudo, tudo...

Eva escutava impassível; Adão chegou, ouviu-os e confirmou a resposta de Eva; nada valia a perda do paraíso, nem a ciência, nem o poder, nenhuma outra ilusão da terra. Dizendo isto, deram as mãos um ao outro, e deixaram a serpente, que saiu pressurosa para dar conta ao Tinhoso.

Deus, que ouvira tudo, disse a Gabriel: — Vai, arcanjo meu, desce ao paraíso terrestre, onde vivem Adão e Eva, e traze-os para a eterna bem-aventurança, que mereceram pela repulsa às instigações do Tinhoso.

E logo o arcanjo, pondo na cabeça o elmo de diamante, que rutila como um milhar de sóis, rasgou instantaneamente os ares, chegou a Adão e Eva, e disse-lhes: — Salve, Adão e Eva. Vinde comigo para o paraíso, que merecestes pela repulsa às instigações do Tinhoso.

Um e outro, atônitos e confusos, curvaram o colo em sinal de obediência; então Gabriel deu as mãos a ambos, e os três subiram até à estância eterna, onde miríades de anjos os esperavam, cantando: — Entrai, entrai. A terra que deixastes, fica entregue às obras do Tinhoso, aos animais ferozes e maléficos, às plantas daninhas e peçonhentas, ao ar impuro, à vida dos pântanos. Reinará nela a serpente que rasteja, babuja e morde, nenhuma criatura igual a vós porá entre tanta abominação a nota da esperança e da piedade.

E foi assim que Adão e Eva entraram no céu, ao som de todas as cítaras, que uniam as suas notas em um hino aos dous egressos da criação...

Tendo acabado de falar, o juiz-de-fora estendeu o prato a D. Leonor para que lhe desse mais doce, enquanto os outros convivas olhavam uns para os outros, embasbacados; em vez de explicação, ouviam uma narração enigmática, ou, pelo menos, sem sentido aparente. D. Leonor foi a primeira que falou: — Bem dizia eu que o Sr. Veloso estava logrando a gente. Não foi isso que lhe pedimos, nem nada disso aconteceu, não é, frei Bento? — Lá o saberá o Sr. juiz, respondeu o carmelita sorrindo.

E o juiz-de-fora, levando à boca uma colher de doce: — Pensando bem, creio que nada disso aconteceu; mas também, D. Leonor, se tivesse acontecido, não estaríamos aqui saboreando este doce, que está, na verdade, uma cousa primorosa. É ainda aquela sua antiga doceira de Itapagipe?

A CARTOMANTE

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! Interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

— Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

— Tu crês deveras nessas coisas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muito cousa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranqüila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se, Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de credices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura, e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor *di femina*: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

— Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com a das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confiança de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

— Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, — repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando na pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a idéia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a idéia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então, — o que era ainda peor, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas, assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a ideia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do largo da Carioca, para entrar num tálburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

— Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim...

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da rua da Guarda Velha, o tálburi teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tálburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar a primeira travessa, e ir por outro caminho; ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a idéia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas; mas a voz do marido sussurrava-lhe às orelhas as palavras da carta: "Vem já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários; e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se...?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para os telhados do fundo. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez as cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuradas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável mais cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá tranqüilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tálburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer cousa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: — Vá, vá, ragazzo

innamorato; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensangüentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

UNS BRAÇOS

Inácio estremeceu, ouvindo os gritos do solicitador, recebeu o prato que este lhe apresentava e tratou de comer, debaixo de uma trovoada de nomes, malandro, cabeça de vento, estúpido, maluco.

- Onde anda que nunca ouve o que lhe digo? Hei de contar tudo a seu pai, para que lhe sacuda a preguiça do corpo com uma boa vara de marmelo, ou um pau; sim, ainda pode apanhar, não pense que não. Estúpido! maluco!

- Olhe que lá fora é isto mesmo que você vê aqui, continuou, voltando-se para D. Severina, senhora que vivia com ele maritalmente, há anos. Confunde-me os papéis todos, erra as casas, vai a um escrivão em vez de ir a outro, troca os advogados: é o diabo! É o tal sono pesado e contínuo. De manhã é o que se vê; primeiro que acorde é preciso quebrar-lhe os ossos... Deixe; amanhã hei de acordá-lo a pau de vassoura!

D. Severina tocou-lhe no pé, como pedindo que acabasse. Borges espeitorou ainda alguns improperios, e ficou em paz com Deus e os homens.

Não digo que ficou em paz com os meninos, porque o nosso Inácio não era propriamente menino. Tinha quinze anos feitos e bem feitos. Cabeça inculta, mas bela, olhos de rapaz que sonha, que adivinha, que indaga, que quer saber e não acaba de saber nada. Tudo isso posto sobre um corpo não destituído de graça, ainda que mal vestido. O pai é barbeiro na Cidade Nova, e pô-lo de agente, escrevente, ou que quer que era, do solicitador Borges, com esperança de vê-lo no foro, porque lhe parecia que os procuradores de causas ganhavam muito. Passava-se isto na Rua da Lapa, em 1870.

Durante alguns minutos não se ouviu mais que o tinir dos talheres e o ruído da mastigação. Borges abarrotava-se de alface e vaca; interrompia-se para virgular a oração com um golpe de vinho e continuava logo calado.

Inácio ia comendo devagarinho, não ousando levantar os olhos do prato, nem para colocá-los onde eles estavam no momento em que o terrível Borges o descompôs. Verdade é que seria agora muito arriscado. Nunca ele pôs os olhos nos braços de D. Severina que se não esquecesse de si e de tudo.

Também a culpa era antes de D. Severina em trazê-los assim nus, constantemente. Usava mangas curtas em todos os vestidos de casa, meio palmo abaixo do ombro; dali em diante ficavam-lhe os braços à mostra. Na verdade, eram belos e cheios, em harmonia com a dona, que era antes grossa que fina, e não perdiam a cor nem a maciez por viverem ao ar; mas é justo explicar que ela os não trazia assim por faceira, senão

porque já gastara todos os vestidos de mangas compridas. De pé, era muito vistosa; andando, tinha meneios engraçados; ele, entretanto, quase que só a via à mesa, onde, além dos braços, mal poderia mirar-lhe o busto. Não se pode dizer que era bonita; mas também não era feia. Nenhum adorno; o próprio penteado consta de mui pouco; alisou os cabelos, apanhou-os, atou-os e fixou-os no alto da cabeça com o pente de tartaruga que a mãe lhe deixou. Ao pescoço, um lenço escuro, nas orelhas, nada. Tudo isso com vinte e sete anos floridos e sólidos.

Acabaram de jantar. Borges, vindo o café, tirou quatro charutos da algibeira, comparou-os, apertou-os entre os dedos, escolheu um e guardou os restantes. Aceso o charuto, fincou os cotovelos na mesa e falou a D. Severina de trinta mil coisas que não interessavam nada ao nosso Inácio; mas enquanto falava, não o descompunha e ele podia devanear à larga.

Inácio demorou o café o mais que pôde. Entre um e outro gole alisava a toalha, arrancava dos dedos pedacinhos de pele imaginários ou passava os olhos pelos quadros da sala de jantar, que eram dois, um S. Pedro e um S. João, registros trazidos de festas encaixilhados em casa. Vá que disfarçasse com S. João, cuja cabeça moça alegra as imaginações católicas, mas com o austero S. Pedro era demais. A única defesa do moço Inácio é que ele não via nem um nem outro; passava os olhos por ali como por nada. Via só os braços de D. Severina, - ou porque sorrateiramente olhasse para eles, ou porque andasse com eles impressos na memória.

- Homem, você não acaba mais? bradou de repente o solicitador.

Não havia remédio; Inácio bebeu a última gota, já fria, e retirou-se, como de costume, para o seu quarto, nos fundos da casa. Entrando, fez um gesto de zanga e desespero e foi depois encostar-se a uma das duas janelas que davam para o mar. Cinco minutos depois, a vista das águas próximas e das montanhas ao longe restituía-lhe o sentimento confuso, vago, inquieto, que lhe doía e fazia bem, alguma coisa que deve sentir a planta, quando abotoa a primeira flor. Tinha vontade de ir embora e de ficar. Havia cinco semanas que ali morava, e a vida era sempre a mesma, sair de manhã com o Borges, andar por audiências e cartórios, correndo, levando papéis ao selo, ao distribuidor, aos escritvões, aos oficiais de justiça. Voltava à tarde, jantava e recolhia-se ao quarto, até a hora da ceia; ceava e ia dormir. Borges não lhe dava intimidade na família, que se compunha apenas de D. Severina, nem Inácio a via mais de três vezes por dia, durante as refeições. Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãe e das irmãs; cinco semanas de silêncio, porque ele só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada.

- Deixe estar, - pensou ele um dia - fujo daqui e não volto mais.

Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos. A educação que tivera não lhe permitia encará-los logo abertamente, parece até que a princípio afastava os olhos, vexado. Encarou-os pouco a pouco, ao ver que eles não tinham outras mangas, e assim os foi descobrindo, mirando e amando. No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso. Agüentava toda a trabalhadeira de fora toda a melancolia da solidão e do silêncio, toda a grosseria do patrão, pela única paga de ver, três vezes por dia, o famoso par de braços.

Naquele dia, enquanto a noite ia caindo e Inácio estirava-se na rede (não tinha ali outra cama), D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episódio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou alguma coisa. Rejeitou a idéia logo, uma criança! Mas há idéias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam. Criança? Tinha quinze anos; e ela advertiu que entre o nariz e a boca do rapaz havia um princípio de rascunho de buço. Que admira que começasse a amar? E não era

ela bonita? Esta outra idéia não foi rejeitada, antes afagada e beijada. E recordou então os modos dele, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram sintomas, e concluiu que sim.

- Que é que você tem? disse-lhe o solicitador, estirado no canapé, ao cabo de alguns minutos de pausa.

- Não tenho nada.

- Nada? Parece que cá em casa anda tudo dormindo! Deixem estar, que eu sei de um bom remédio para tirar o sono aos dorminhocos...

E foi por ali, no mesmo tom zangado, fuzilando ameaças, mas realmente incapaz de as cumprir, pois era antes grosseiro que mau. D. Severina interrompia-o que não, que era engano, não estava dormindo, estava pensando na comadre Fortunata. Não a visitavam desde o Natal; por que não iriam lá uma daquelas noites? Borges redargüia que andava cansado, trabalhava como um negro, não estava para visitas de parola, e descompôs a comadre, descompôs o compadre, descompôs o afilhado, que não ia ao colégio, com dez anos! Ele, Borges, com dez anos, já sabia ler, escrever e contar, não muito bem, é certo, mas sabia. Dez anos! Havia de ter um bonito fim: - vadio, e o côvado e meio nas costas. A tarimba é que viria ensiná-lo.

D. Severina apaziguava-o com desculpas, a pobreza da comadre, o caiporismo do compadre, e fazia-lhe carinhos, a medo, que eles podiam irritá-lo mais. A noite caíra de todo; ela ouviu o *tluc* do lampião do gás da rua, que acabavam de acender, e viu o clarão dele nas janelas da casa fronteira. Borges, cansado do dia, pois era realmente um trabalhador de primeira ordem, foi fechando os olhos e pegando no sono, e deixou-a só na sala, às escuras, consigo e com a descoberta que acaba de fazer.

Tudo parecia dizer à dama que era verdade; mas essa verdade, desfeita a impressão do assombro, trouxe-lhe uma complicação moral que ela só conheceu pelos efeitos, não achando meio de discernir o que era. Não podia entender-se nem equilibrar-se, chegou a pensar em dizer tudo ao solicitador, e ele que mandasse embora o fedelho. Mas que era tudo? Aqui estacou: realmente, não havia mais que suposição, coincidência e possivelmente ilusão. Não, não, ilusão não era. E logo recolhia os indícios vagos, as atitudes do mocinho, o acanhamento, as distrações, para rejeitar a idéia de estar enganada. Daí a pouco, (capciosa natureza!) refletindo que seria mau acusá-lo sem fundamento, admitiu que se iludisse, para o único fim de observá-lo melhor e averiguar bem a realidade das coisas.

Já nessa noite, D. Severina mirava por baixo dos olhos os gestos de Inácio; não chegou a achar nada, porque o tempo do chá era curto e o rapazinho não tirou os olhos da xícara. No dia seguinte pôde observar melhor, e nos outros otimamente. Percebeu que sim, que era amada e temida, amor adolescente e virgem, retido pelos liames sociais e por um sentimento de inferioridade que o impedia de reconhecer-se a si mesmo. D. Severina compreendeu que não havia recear nenhum desacato, e concluiu que o melhor era não dizer nada ao solicitador; poupava-lhe um desgosto, e outro à pobre criança. Já se persuadia bem que ele era criança, e assentou de o tratar tão secamente como até ali, ou ainda mais. E assim fez; Inácio começou a sentir que ela fugia com os olhos, ou falava áspero, quase tanto como o próprio Borges. De outras vezes, é verdade que o tom da voz saía brando e até meigo, muito meigo; assim como o olhar geralmente esquivo, tanto errava por outras partes, que, para descansar, vinha pousar na cabeça dele; mas tudo isso era curto.

- Vou-me embora, repetia ele na rua como nos primeiros dias.

Chegava a casa e não se ia embora. Os braços de D. Severina fechavam-lhe um parêntesis no meio do longo e fastidioso período da vida que levava, e essa oração intercalada trazia uma idéia original e profunda, inventada pelo céu unicamente para ele.

Deixava-se estar e ia andando. Afinal, porém, teve de sair, e para nunca mais; eis aqui como e porquê.

D. Severina tratava-o desde alguns dias com benignidade. A rudeza da voz parecia acabada, e havia mais do que brandura, havia desvelo e carinho. Um dia recomendava-lhe que não apanhasse ar, outro que não bebesse água fria depois do café quente, conselhos, lembranças, cuidados de amiga e mãe, que lhe lançaram na alma ainda maior inquietação e confusão. Inácio chegou ao extremo de confiança de rir um dia à mesa, coisa que jamais fizera; e o solicitador não o tratou mal dessa vez, porque era ele que contava um caso engraçado, e ninguém pune a outro pelo aplauso que recebe. Foi então que D. Severina viu que a boca do mocinho, graciosa estando calada, não o era menos quando ria.

A agitação de Inácio ia crescendo, sem que ele pudesse acalmar-se nem entender-se. Não estava bem em parte nenhuma. Acordava de noite, pensando em D. Severina. Na rua, trocava de esquinas, errava as portas, muito mais que dantes, e não via mulher, ao longe ou ao perto, que lhe não trouxesse à memória. Ao entrar no corredor da casa, voltando do trabalho, sentia sempre algum alvoroço, às vezes grande, quando dava com ela no topo da escada, olhando através das grades de pau da cancela, como tendo acudido a ver quem era.

Um domingo, - nunca ele esqueceu esse domingo, - estava só no quarto, à janela, virado para o mar, que lhe falava a mesma linguagem obscura e nova de D. Severina. Divertia-se em olhar para as gaiotas, que faziam grandes giros no ar, ou pairavam em cima d'água, ou avoaçavam somente. O dia estava lindíssimo. Não era só um domingo cristão; era um imenso domingo universal.

Inácio passava-os todos ali no quarto ou à janela, ou relendo um dos três folhetos que trouxera consigo, contos de outros tempos, comprados a tostão, debaixo do passadiço do Largo do Paço. Eram duas horas da tarde. Estava cansado, dormira mal a noite, depois de haver andado muito na véspera; estirou-se na rede, pegou em um dos folhetos, a *Princesa Magalona*, e começou a ler. Nunca pôde entender por que é que todas as heroínas dessas velhas histórias tinham a mesma cara e talhe de D. Severina, mas a verdade é que os tinham. Ao cabo de meia hora, deixou cair o folheto e pôs os olhos na parede, donde, cinco minutos depois, viu sair a dama dos seus cuidados. O natural era que se espantasse; mas não se espantou. Embora com as pálpebras cerradas viu-a desprender-se de todo, parar, sorrir e andar para a rede. Era ela mesma, eram os seus mesmos braços.

É certo, porém, que D. Severina, tanto não podia sair da parede, dado que houvesse ali porta ou rasgão, que estava justamente na sala da frente ouvindo os passos do solicitador que descia as escadas. Ouviu-o descer; foi à janela vê-lo sair e só se recolheu quando ele se perdeu ao longe, no caminho da Rua das Mangueiras. Então entrou e foi sentar-se no canapé. Parecia fora do natural, inquieta, quase maluca; levantando-se, foi pegar na jarra que estava em cima do aparador e deixou-a no mesmo lugar; depois caminhou até à porta, deteve-se e voltou, ao que parece, sem plano. Sentou-se outra vez cinco ou dez minutos. De repente, lembrou-se que Inácio comera pouco ao almoço e tinha o ar abatido, e advertiu que podia estar doente; podia ser até que estivesse muito mal.

Saiu da sala, atravessou rasgadamente o corredor e foi até o quarto do mocinho, cuja porta achou escancarada. D. Severina parou, espiou, deu com ele na rede, dormindo, com o braço para fora e o folheto caído no chão. A cabeça inclinava-se um pouco do lado da porta, deixando ver os olhos fechados, os cabelos revoltos e um grande ar de riso e de beatitude.

D. Severina sentiu bater-lhe o coração com veemência e recuou. Sonhara de noite com ele; pode ser que ele estivesse sonhando com ela. Desde madrugada que a figura do mocinho andava-lhe diante dos olhos como uma tentação diabólica. Recuou ainda, depois voltou, olhou dois, três, cinco minutos, ou mais. Parece que o sono dava à adolescência de Inácio uma expressão mais acentuada, quase feminina, quase pueril. Uma criança! disse ela a si mesma, naquela língua sem palavras que todos trazemos conosco. E esta idéia abateu-lhe o alvoroço do sangue e dissipou-lhe em parte a turvação dos sentidos.

- Uma criança!

E mirou-o lentamente, fartou-se de vê-lo, com a cabeça inclinada, o braço caído; mas, ao mesmo tempo que o achava criança, achava-o bonito, muito mais bonito que acordado, e uma dessas idéias corrigia ou corrompia a outra. De repente estremeceu e recuou assustada: ouvira um ruído ao pé, na saleta do engomado; foi ver, era um gato que deitara uma tigela ao chão. Voltando devagarinho a espia-lo, viu que dormia profundamente. Tinha o sono duro a criança! O rumor que a abalara tanto, não o fez sequer mudar de posição. E ela continuou a vê-lo dormir, - dormir e talvez sonhar.

Que não possamos ver os sonhos uns dos outros! D. Severina ter-se-ia visto a si mesma na imaginação do rapaz; ter-se-ia visto diante da rede, risonha e parada; depois inclinar-se, pegar-lhe nas mãos, levá-las ao peito, cruzando ali os braços, os famosos braços. Inácio, namorado deles, ainda assim ouvia as palavras dela, que eram lindas cálidas, principalmente novas, - ou, pelo menos, pertenciam a algum idioma que ele não conhecia, posto que o entendesse. Duas três e quatro vezes a figura esvaía-se, para tornar logo, vindo do mar ou de outra parte, entre gaiivotas, ou atravessando o corredor com toda a graça robusta de que era capaz. E tornando, inclinava-se, pegava-lhe outra vez das mãos e cruzava ao peito os braços, até que inclinando-se, ainda mais, muito mais, abrochou os lábios e deixou-lhe um beijo na boca.

Aqui o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela. A diferença é que a visão não recuou, e a pessoa real tão depressa cumprira o gesto, como fugiu até à porta, vexada e medrosa. Dali passou à sala da frente, aturdida do que fizera, sem olhar fixamente para nada. Afiava o ouvido, ia até o fim do corredor, a ver se escutava algum rumor que lhe dissesse que ele acordara, e só depois de muito tempo é que o medo foi passando. Na verdade, a criança tinha o sono duro; nada lhe abria os olhos, nem os fracassos contíguos, nem os beijos de verdade. Mas, se o medo foi passando, o vexame ficou e cresceu. D. Severina não acabava de crer que fizesse aquilo; parece que embrulhara os seus desejos na idéia de que era uma criança namorada que ali estava sem consciência nem imputação; e, meia mãe, meia amiga, inclinara-se e beijara-o. Fosse como fosse, estava confusa, irritada, aborrecida mal consigo e mal com ele. O medo de que ele podia estar fingindo que dormia apontou-lhe na alma e deu-lhe um calafrio.

Mas a verdade é que dormiu ainda muito, e só acordou para jantar. Sentou-se à mesa lépido. Conquanto achasse D. Severina calada e severa e o solicitador tão ríspido como nos outros dias, nem a rispidez de um, nem a severidade da outra podiam dissipar-lhe a visão graciosa que ainda trazia consigo, ou amortecer-lhe a sensação do beijo. Não reparou que D. Severina tinha um xale que lhe cobria os braços; reparou depois, na segunda-feira, e na terça-feira, também, e até sábado, que foi o dia em que Borges mandou dizer ao pai que não podia ficar com ele; e não o fez zangado, porque o tratou relativamente bem e ainda lhe disse à saída:

- Quando precisar de mim para alguma coisa, procure-me.

- Sim, senhor. A Sra. D. Severina...

- Está lá para o quarto, com muita dor de cabeça. Venha amanhã ou depois despedir-se dela.

Inácio saiu sem entender nada. Não entendia a despedida, nem a completa mudança de D. Severina, em relação a ele, nem o xale, nem nada. Estava tão bem! falava-lhe com tanta amizade! Como é que, de repente... Tanto pensou que acabou supondo de sua parte algum olhar indiscreto, alguma distração que a ofendera, não era outra coisa; e daqui a cara fechada e o xale que cobria os braços tão bonitos... Não importa; levava consigo o sabor do sonho. E através dos anos, por meio de outros amores, mais efetivos e longos, nenhuma sensação achou nunca igual à daquele domingo, na Rua da Lapa, quando ele tinha quinze anos. Ele mesmo exclama às vezes, sem saber que se engana:

- E foi um sonho! um simples sonho!

O DIPLOMÁTICO

A PRETA entrou na sala de jantar, chegou-se à mesa rodeada de gente, e falou baixinho à senhora. Parece que lhe pedia alguma cousa urgente, porque a senhora levantou-se logo.

-Ficamos esperando, D. Adelaide?

- Não espere, não, Sr. Rangel; vá continuando, eu entro depois. Rangel era o leitor do livro de sortes. Voltou a página, e recitou um título: "Se alguém lhe ama em segredo." Movimento geral: moças e rapazes sorriram uns para os outros. Estamos na noite de S. João de 1854, e a casa é na Rua das Mangueiras. Chama-se João o dono da casa, João Viegas, e tem uma filha, joaninha. Usa-se todos os anos a mesma reunião de parentes e amigos, arde uma fogueira no quintal, assam-se as batatas do costume, e tiram-se sortes. Também há ceia, às vezes dança, e algum jogo de prendas, tudo familiar. João Viegas é escrivão de uma vara cível da corte.

- Vamos. Quem começa agora? disse ele. Há de ser D. Felismina. Vamos ver se alguém lhe ama em segredo.

D. Felismina sorriu amarelo. Era uma boa quarentona, sem prendas nem rendas, que vivia espiando um marido por baixo das pálpebras devotas. Em verdade, o gracejo era duro, mas natural. D. Felismina era o modelo acabado daquelas criaturas indulgentes e mansas, que parecem ter nascido para divertir os outros. Pegou e lançou os dados com um ar de complacência incrédula. Número dez, bradaram duas vezes. Rangel desceu os olhos ao baixo da página, viu a quadra correspondente ao número, e leu-a: dizia que sim, que havia uma pessoa, que ela devia procurar domingo, na igreja, quando fosse à missa. Toda a mesa deu parabéns a D. Felismina que sorriu com desdém, mas interiormente esperançada.

Outros pegaram nos dados, e Rangel continuou a ler a sorte de cada um. Lia espevitadamente. De quando em quando, tirava os óculos e limpava-os com muito vagar na ponta do lenço de cambraia, -ou por ser cambraia,- ou por exalar um fino cheiro de bogari. Presumia de grande maneira, e ali chamavam-lhe "o diplomático".

- Ande, seu diplomático, continue.

Rangel estremeceu; esquecera-se de ler uma sorte, embebido em percorrer a fila de moças que ficava do outro lado da mesa. Namorava alguma? Vamos por partes.

Era solteiro, por obra das circunstâncias, não de vocação. Em rapaz teve alguns namoricos de esquina, mas com o tempo apareceu-lhe a comichão das grandezas, e foi isto que lhe prolongou o celibato até os quarenta e um anos, em que o vemos. Cobiçava alguma noiva superior a ele e à roda em que vivia, e gastou o tempo em esperá-la. Chegou a freqüentar os bailes de um advogado célebre e rico, para quem copiava papéis, e que o protegia muito. Tinha nos bailes a mesma posição subalterna do escritório; passava a noite vagando pelos corredores, espiando o salão, vendo passar as senhoras, devorando com os olhos uma multidão de espáduas magníficas e talhes graciosos. Invejava os homens, e copiava-os. Saía dali excitado e resoluto. Em falta de bailes, ia às festas de igreja, onde poderia ver algumas das primeiras moças da cidade. Também era certo no saguão do paço imperial, em dia de cortejo, para ver entrar as grandes damas e as pessoas da corte, ministros, generais, diplomatas, desembargadores, e conhecia tudo e todos, pessoas e carruagens. Voltava da festa e do cortejo, como voltava do baile, impetuoso, ardente, capaz de arrebatar de um lance a palma da fortuna.

O pior é que entre a espiga e a mão, há o tal muro do poeta, e o Rangel não era homem de saltar muros. De imaginação fazia tudo, raptava mulheres e destruía cidades. Mais de uma vez foi, consigo mesmo, ministro de Estado, e fartou-se de cortesias e decretos. Chegou ao extremo de aclamar-se imperador, um dia, 2 de dezembro, ao voltar da parada no Largo do Paço; imaginou para isso uma revolução, em que derramou algum sangue, pouco, e uma ditadura benéfica, em que apenas vingou alguns pequenos desgostos de escrevente. Cá fora, porém, todas as suas proezas eram fábulas. Na realidade, era pacato e discreto.

Aos quarenta anos desenganou-se das ambições; mas a índole ficou a mesma, e, não obstante a vocação conjugal, não achou noiva. Mais de uma o aceitaria com muito prazer; ele perdia-as todas à força de circunspecção. Um dia, reparou em Joanhina, que chegava aos dezenove anos e possuía um par de olhos lindos e sossegados, virgens de toda a conversação masculina. Rangel conhecia-a desde criança andara com ela ao colo, no Passeio Público, ou nas noites de fogo da Lapa; como falar-lhe de amor? Mas, por outro lado, as relações dele na casa eram tais, que podiam facilitar-lhe o casamento; e, ou este ou nenhum outro.

Desta vez, o muro não era alto, e a espiga era baixinha; bastava esticar o braço com algum esforço, para arrancá-la do pé. Rangel andava neste trabalho desde alguns meses. Não esticava o braço, sem espiar primeiro para todos os lados, a ver se vinha alguém, e, se vinha alguém, disfarçava e ia-se embora. Quando chegava a esticá-lo, acontecia que uma lufada de vento meneava a espiga ou algum passarinho andava ali nas folhas secas, e não era preciso mais para que ele recolhesse a mão. Ia-se assim o tempo, e a paixão entranhava-se-lhe, causa de muitas horas de angústia, a que seguiam sempre melhores esperanças. Agora mesmo traz ele a primeira carta de amor, disposto a entregá-la. Já teve duas ou três ocasiões boas, mas vai sempre espaçando; a noite é tão comprida! Entretanto, continua a ler as sortes, com a solenidade de um ángur.

Tudo, em volta, é alegre. Cochicham ou riem, ou falam ao mesmo tempo. O tio Rufino, que é o gaiato da família, anda à roda da mesa com uma pena, fazendo cócegas nas orelhas das moças. João Viegas está ansioso por um amigo, que se demora, o Calisto. Onde se meteria o Calisto?

-Rua, rua, preciso da mesa; vamos para a sala de visitas. Era D. Adelaide que tornava; ia pôr-se a mesa para a ceia. Toda a gente emigrou, e andando é que se podia ver bem como era graciosa a filha do escrivão. Rangel acompanhou-a com grandes olhos namorados. Ela foi à janela, por alguns instantes, enquanto se preparava um jogo de prendas, e ele foi também; era a ocasião de entregar-lhe a carta.

Defronte, numa casa grande, havia um baile, e dançava-se. Ela olhava, ele olhou também. Pelas janelas viam passar os pares, cadenciados, as senhoras com as suas sedas e rendas, os cavalheiros finos e elegantes, alguns condecorados. De quando em quando, uma faísca de diamantes, rápida, fugitiva, no giro da dança. Pares que conversavam, dragonas que reluziam, bustos de homens inclinados, gestos de leque, tudo isso em pedaços, através das janelas, que não podiam mostrar todo o salão, mas adivinhava-se o resto. Ele ao menos, conhecia tudo, e dizia tudo à filha do escrivão. O demônio das grandezas, que parecia dormir, entrou a fazer as suas arlequinadas no coração do nosso homem, e ei-lo que tenta seduzir também o coração da outra.

- Conheço uma pessoa que estaria ali muito bem, murmurou o Rangel.

E Joanhina, com ingenuidade:

- Era o senhor

Rangel sorriu lisonjeado, e não achou que dizer. Olhou para os lacaios e cocheiros, de libré, na rua, conversando em grupos ou reclinados no tejadilho dos carros. Começou a designar carros: este é do Olinda, aquele é do Maranguape; mas aí vem outro, rodando, do lado da Rua da Lapa, e entra na Rua das Mangueiras. Parou defronte: salta o lacaios, abre a portinhola, tira o chapéu e perfila-se. Sai de dentro uma calva, uma cabeça, um homem, duas comendas, depois uma senhora ricamente vestida; entram no saguão, e sobem a escadaria, forrada de tapete e ornada embaixo com dois grandes vasos.

- Joanhina, Sr. Rangel...

Maldito jogo de prendas! Justamente quando ele formulava, na cabeça, uma insinuação a propósito do casal que subia, e ia assim passar naturalmente à entrega da carta... Rangel obedeceu, e sentou-se defronte da moça. D. Adelaide, que dirigia o jogo de prendas, recolhia os nomes; cada pessoa devia ser uma flor. Está claro que o tio Rufino, sempre gaiato, escolheu para si a flor da abóbora. Quanto ao Rangel, querendo fugir ao trivial, comparou mentalmente as flores, e quando a dona da casa lhe perguntou pela dele, respondeu com doçura e pausa:

-Maravilha, minha senhora.

- O pior é não estar cá o Calisto! suspirou o escrivão.

- Ele disse mesmo que vinha?

- Disse; ainda ontem foi ao cartório, de propósito, avisar-me de que viria tarde, mas que contasse com ele; tinha de ir a uma brincadeira na Rua da Carioca...

- Licença para dois! bradou urna voz no corredor.

- Ora graças! está aí o homem!

João Viegas foi abrir a porta; era o Calisto, acompanhado de um rapaz estranho, que ele apresentou a todos em geral : - "Queirós, empregado na Santa Casa; não é meu parente, apesar de se parecer muito comigo; quem vê um, vê outro..." Toda a gente riu; era uma pilhéria do Calisto, feio como o diabo, -- ao passo que o Queirós era um bonito rapaz de vinte e seis a vinte e sete anos, cabelo negro, olhos negros e singularmente esbelto. As moças retraíram-se um pouco; D. Felismina abriu todas as velas.

Queirós entrou em cheio no jogo. No fim de meia hora, estava familiar da casa. Todo ele era ação, falava com desembaraço, tinha os gestos naturais e espontâneos. Possuía um vasto repertório de castigos para jogo de prendas, cousa que encantou a toda a sociedade, e ninguém os dirigia melhor, com tanto movimento e animação, indo de um lado para outro, concertando os grupos, puxando cadeiras, falando às moças, como se houvesse brincado com elas em criança.

- D. Joanhina aqui, nesta cadeira; D. Cesária, deste lado, em pé, e o Sr. Camilo entra por aquela porta... Assim, não: olhe, assim de maneira que...

Teso na cadeira, o Rangel estava atônito. Donde vinha esse furacão? E o furacão ia soprando, levando os chapéus dos homens, e despenteando as moças, que riam de contentes: Queirós daqui, Queirós dali, Queirós de todos os lados. Rangel passou da estupefação à mortificação. Era o cetro que lhe caía das mãos. Não olhava para o outro, não se ria do que ele dizia, e respondia-lhe seco. Interiormente, mordida-se e mandava-o ao diabo, chamava-o bobo alegre, que fazia rir e agradava, porque nas noites de festa tudo é festa. Mas, repetindo essas e piores causas, não chegava a reaver a liberdade de espírito. Padecia deveras, no mais íntimo do amor-próprio; e o pior é que o outro percebeu toda essa agitação, e o péssimo é que ele percebeu que era percebido.

Rangel, assim como sonhava os bens, assim também as vinganças. De cabeça, espatifou o Queirós; depois cogitou a possibilidade de um desastre qualquer, uma dor bastava, mas cousa forte, que levasse dali aquele intruso. Nenhuma dor, nada; o diabo parecia cada vez mais lépido, e toda a sala fascinada por ele. A própria Joanhina, tão acanhada, vibrava nas mãos de Queirós, como as outras moças; e todos, homens e mulheres, pareciam empenhados em servi-lo. Tendo ele falado em dançar, as moças foram ter com o tio Rufino, e pediram-lhe que tocasse uma quadrilha na flauta, uma só, não se lhe pedia mais.

- Não posso, dói-me um calo.

- Flauta? bradou o Calisto. Peçam ao Queirós que nos toque alguma cousa, e verão o que é flauta... Vai buscar a flauta, Rufino. Ouçam o Queirós. Não imaginam como ele é saudoso na flauta! Queirós tocou a Casta Diva. Que cousa ridícula! dizia consigo o Rangel; -- uma música que até os moleques assobiam na rua. Olhava para ele, de revés, para considerar se aquilo era posição de homem sério; e concluía que a flauta era um instrumento grotesco. Olhou também para Joanhina, e viu que, como todas as outras pessoas, tinha a atenção no Queirós, embebida, namorada dos sons da música, e estremeceu, sem saber porquê. Os demais semblantes mostravam a mesma expressão dela, e, contudo, sentiu alguma cousa que lhe complicou a aversão ao intruso. Quando a flauta acabou, Joanhina aplaudiu menos que os outros, e Rangel entrou em dúvida se era o habitual acanhamento, se alguma especial comoção... Urgia entregar-lhe a carta.

Chegou a ceia. Toda a gente entrou confusamente na sala, e felizmente para o Rangel, coube-lhe ficar defronte de Joanhina, cujos olhos estavam mais belos que nunca e tão derramados, que não pareciam os do costume. Rangel saboreou-os caladamente, e reconstruiu todo o seu sonho que o diabo do Queirós abalara com um piparote. Foi assim que tornou a ver-se, ao lado dela, na casa que ia alugar, berço de noivos, que ele enfeitou com os louros da imaginação. Chegou a tirar um prêmio na loteria e a empregá-lo todo em sedas e jóias para a mulher, a linda Joanhina, - Joanhina Rangel, -- D. Joanhina Rangel, - D. Joana Viegas Rangel, - ou D. Joana Cândida Viegas Rangel... Não podia tirar o Cândida...

- Vamos, uma saúde, seu diplomático... faça uma saúde daquelas...

Rangel acordou; a mesa inteira repetia a lembrança do tio Rufino; a própria Joanhina pedia-lhe uma saúde, como a do ano passado. Rangel respondeu que ia obedecer; era só acabar aquela asa de galinha. Movimento, cochichos de louvor; D. Adelaide, dizendo-lhe uma moça que nunca ouvira falar o Rangel:

-Não? perguntou com pasmo. Não imagina; fala muito bem, muito explicado, palavras escolhidas, e uns bonitos modos...

Comendo, ia ele dando rebate a algumas reminiscências, frangalhos de idéias, que lhe serviam para o arranjo das frases e metáforas. Acabou e pôs-se de pé. Tinha o ar satisfeito e cheio de si. Afinal, vinham bater-lhe à porta. Cessara a farandulagem das

anedotas, das pilhérias sem alma, e vinham ter com ele para ouvir alguma coisa correta e grave. Olhou em derredor, viu todos os olhos levantados, esperando. Todos não; os de Joanhina enviesavam-se na direção do Queirós, e os deste vinham esperá-los a meio caminho, numa cavalgada de promessas. Rangel empalideceu. A palavra morreu-lhe na garganta; mas era preciso falar, esperavam por ele, com simpatia, em silêncio.

Obedeceu mal. Era justamente um brinde ao dono da casa e à filha. Chamava a esta um pensamento de Deus, transportado da imortalidade à realidade, frase que empregara três anos antes, e devia estar esquecida. Falava também do santuário da família, do altar da amizade, e da gratidão, que é a flor dos corações puros. Onde não havia sentido, a frase era mais especiosa ou retumbante. Ao todo, um brinde de dez minutos bem puxados, que ele despachou em cinco, e sentou-se.

Não era tudo. Queirós levantou-se logo, dois ou três minutos depois para outro brinde, e o silêncio foi ainda mais pronto e completo. Joanhina meteu os olhos no regaço, vexada do que ele iria dizer; Rangel teve um arrepio.

-O ilustre amigo desta casa, o Sr. Rangel, -- disse Queirós, -- bebeu às duas pessoas cujo nome é o do santo de hoje; eu bebo àquela que é a santa de todos os dias, a D. Adelaide.

Grandes aplausos aclamaram esta lembrança, e D. Adelaide, lisonjeada, recebeu os cumprimentos de cada conviva. A filha não ficou em cumprimentos. -- Mamãe! mamãe! exclamou, levantando-se; e foi abraçá-la e beijá-la três e quatro vezes; -- espécie de carta para ser lida por duas pessoas.

Rangel passou da cólera ao desânimo, e, acabada a ceia, pensou em retirar-se. Mas a esperança, demônio de olhos verdes, pediu-lhe que ficasse, e ficou. Quem sabe? Era tudo passageiro, causas de uma noite, namoro de S. João; afinal, ele era amigo da casa, e tinha a estima da família; bastava que pedisse a moça, para obtê-la. E depois esse Queirós podia não ter meios de casar. Que emprego era o dele na Santa Casa? Talvez alguma coisa reles... Nisto, olhou obliquamente para a roupa de Queirós, enfiou-se-lhe pelas costuras, escrutou o bordadinho da camisa, apalpou os joelhos das calças, a ver-lhe o uso, e os sapatos, e concluiu que era um rapaz caprichoso, mas provavelmente gastava tudo consigo, e casar era negócio sério. Podia ser também que tivesse mãe viúva, irmãs solteiras... Rangel era só.

-Tio Rufino, toque uma quadrilha.

- Não posso; flauta depois de comer faz indigestão. Vamos a um víspera.

Joanhina veio a ele e pediu-lhe que jogasse com ela, de sociedade. -- "Meia coleção para o senhor, e meia para mim", disse ela, sorrindo; ele sorriu também e aceitou. Sentaram-se ao pé um do outro. Joanhina falava-lhe, ria, levantava para ele os belos olhos, inquieta, mexendo muito a cabeça para todos os lados. Rangel sentiu-se melhor, e não tardou que se sentisse inteiramente bem. Ia marcando à toa, esquecendo alguns números, que ela lhe apontava com o dedo, -- um dedo de ninfa, dizia ele consigo; e os descuidos passaram a ser de propósito, para ver o dedo da moça, e ouvi-la ralar: "O senhor é muito esquecido; olhe que assim perdemos o nosso dinheiro..."

Rangel pensou em entregar-lhe a carta por baixo da mesa; mas não estando declarados, era natural que ela a recebesse com espanto e estragasse tudo; cumpria avisá-la. Olhou em volta da mesa: todos os rostos estavam inclinados sobre os cartões, seguindo atentamente os números. Então, ele inclinou-se à direita, e baixou os olhos aos cartões de Joanhina, como para verificar alguma coisa.

-Já tem duas quadras, cochichou ele. --

Duas, não; tenho três. -- Três, é verdade, três. Escute... -- E o senhor? -- Eu duas. -- Que duas o quê? São quatro.

Eram quatro; ela mostrou-lhas inclinada, roçando quase a orelha pelos lábios dele; depois, fitou-o rindo e abanando a cabeça: "O senhor! o senhor!" Rangel ouviu isto com singular deleite; a voz era tão doce, e a expressão tão amiga, que ele esqueceu tudo, agarrou-a pela cintura, e lançou-se com ela na eterna valsa das quimeras. Casa, mesa, convivas, tudo desapareceu, como obra vã da imaginação, para só ficar a realidade única, ele e ela, girando no espaço, debaixo de um milhão de estrelas, acesas de propósito para alumia-los.

Nem carta, nem nada. Perto da manhã foram todos para a janela ver sair os convidados do baile fronteira. Rangel recuou espantado. Viu um aperto de dedos entre o Queirós e a bela Joanhina. Quis explicá-lo, eram aparências, mas tão depressa destruía uma como vinham outras e outras, à maneira das ondas que não acabam mais. Custava-lhe entender que uma só noite, algumas horas bastassem a ligar assim duas criaturas; mas era a verdade clara e viva dos modos de ambos, dos olhos, das palavras, dos risos, e até da saudade com que se despediram de manhã.

Saiu tonto. Uma só noite, algumas horas apenas! Em casa, aonde chegou tarde, deitou-se na cama, não para dormir, mas para romper em soluços. Só consigo, foi-se-lhe o aparelho da afetação, e já não era o diplomático, era o energúmeno, que rolava na cama, bradando, chorando como uma criança, infeliz deveras, por esse triste amor do outono. O pobre-diabo, feito de devaneio, indolência e afetação, era, em substância, tão desgraçado como Otelo, e teve um desfecho mais cruel.

Otelo mata Desdêmona; o nosso namorado, em quem ninguém presentira nunca a paixão encoberta, serviu de testemunha ao Queirós, quando este se casou com Joanhina, seis meses depois. Nem os acontecimentos, nem os anos lhe mudaram a índole. Quando rompeu a guerra do Paraguai, teve idéia muitas vezes de alistar-se como oficial de voluntários; não o fez nunca; mas é certo que ganhou algumas batalhas e acabou brigadeiro.

CONTO DE ESCOLA

A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia uma segunda-feira, do mês de maio - deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant'Ana, que não era então esse parque atual, construção de gentleman, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tinha feito dois suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo. Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante. Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes.

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinqüenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los

na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos.

- Seu Pilar, eu preciso falar com você, disse-me baixinho o filho do mestre.

Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos; vencida com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

- O que é que você quer?

- Logo, respondeu ele com voz trêmula.

Começou a lição de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua. Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei, como entrei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recordo a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudante de primeiras letras que era; mas, instintivamente, dava-lhes essas expressões. Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escrita, e voltar para o meu lugar.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma coisa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

- Fui um bobo em vir, disse eu ao Raimundo.

- Não diga isso, murmurou ele.

Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era uma coisa particular.

- Seu Pilar... murmurou ele daí a alguns minutos.

- Que é?

- Você...

- Você quê?

Ele deitou os olhos ao pai, e depois a alguns outros meninos. Um destes, o Curvelo, olhava para ele, desconfiado, e o Raimundo, notando-me essa circunstância, pediu alguns minutos mais de espera. Confesso que começava a arder de curiosidade. Olhei para o Curvelo, e vi que parecia atento; podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma coisa entre eles. Esse Curvelo era um pouco levado do diabo. Tinha onze anos, era mais velho que nós.

Que me queria o Raimundo? Continuei inquieto, remexendo-me muito, falando-lhe baixo, com instância, que me dissesse o que era, que ninguém cuidava dele nem de mim. Ou então, de tarde...

- De tarde, não, interrompeu-me ele; não pode ser de tarde.
- Então agora...
- Papai está olhando.

Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as idéias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca. E daí, pode ser que alguma vez as paixões políticas dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção. Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer.

No fim de algum tempo - dez ou doze minutos - Raimundo meteu a mão no bolso das calças e olhou para mim.

- Sabe o que tenho aqui?
- Não.
- Uma pratinha que mamãe me deu.
- Hoje? - Não, no outro dia, quando fiz anos...
- Pratinha de verdade? - De verdade.

Tirou-a vagarosamente, e mostrou-me de longe. Era uma moeda do tempo do rei, cuida que doze vinténs ou dois tostões, não me lembro; mas era uma moeda, e tal moeda que me fez pular o sangue no coração. Raimundo revolveu em mim o olhar pálido; depois perguntou-me se a queria para mim. Respondi-lhe que estava caçoando, mas ele jurou que não.

- Mas então você fica sem ela?
- Mamãe depois me arranja outra. Ela tem muitas que vovô lhe deixou, numa caixinha; algumas são de ouro. Você quer esta?

Minha resposta foi estender-lhe a mão disfarçadamente, depois de olhar para a mesa do mestre. Raimundo recuou a mão dele e deu à boca um gesto amarelo, que queria sorrir. Em seguida propôs-me um negócio, uma troca de serviços; ele me daria a moeda, eu lhe explicaria um ponto da lição de sintaxe. Não conseguira reter nada do livro, e estava com medo do pai. E concluía a proposta esfregando a pratinha nos joelhos...

Tive uma sensação esquisita. Não é que eu possuísse da virtude uma idéia antes própria de homem; não é também que não fosse fácil em empregar uma ou outra mentira de criança. Sabíamos ambos enganar ao mestre. A novidade estava nos termos da proposta, na troca de lição e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, dá cá; tal foi a causa da sensação. Fiquei a olhar para ele, à toa, sem poder dizer nada.

Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai. Se me tem pedido a coisa por favor, alcançá-la-ia do mesmo modo, como de outras vezes, mas parece que era lembrança das outras vezes, o medo de achar a minha vontade frouxa ou cansada, e não aprender como queria, - e pode ser mesmo que em alguma ocasião lhe

tivesse ensinado mal, - parece que tal foi a causa da proposta. O pobre-diabo contava com o favor, - mas queria assegurar-lhe a eficácia, e daí recorreu à moeda que a mãe lhe dera e que ele guardava como relíquia ou brinquedo; pegou dela e veio esfregá-la nos joelhos, à minha vista, como uma tentação... Realmente, era bonita, fina, branca, muito branca; e para mim, que só trazia cobre no bolso, quando trazia alguma coisa, um cobre feio, grosso, azinhavrado...

Não queria recebê-la, e custava-me recusá-la. Olhei para o mestre, que continuava a ler, com tal interesse, que lhe pingava o rapé do nariz. - Ande, tome, dizia-me baixinho o filho. E a pratinha fuzilava-lhe entre os dedos, como se fora diamante... Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia? E ele não podia ver nada, estava agarrado aos jornais, lendo com fogo, com indignação...

- Tome, tome...

Relancei os olhos pela sala, e dei com os do Curvelo em nós; disse ao Raimundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos observava, então dissimulei; mas daí a pouco deitei-lhe outra vez o olho, e - tanto se ilude a vontade! - não lhe vi mais nada. Então cobrei ânimo.

- Dê cá...

Raimundo deu-me a pratinha, sorratamente; eu meti-a na algibeira das calças, com um alvoroço que não posso definir. Cá estava ela comigo, pegadinha à perna. Restava prestar o serviço, ensinar a lição e não me demorei em fazê-lo, nem o fiz mal, ao menos conscientemente; passava-lhe a explicação em um retalho de papel que ele recebeu com cautela e cheio de atenção. Sentia-se que despendia um esforço cinco ou seis vezes maior para aprender um nada; mas contanto que ele escapasse ao castigo, tudo iria bem.

De repente, olhei para o Curvelo e estremei; tinha os olhos em nós, com um riso que me pareceu mau. Disfarcei; mas daí a pouco, voltando-me outra vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, acrescentando que entrava a remexer-se no banco, impaciente. Sorri para ele e ele não sorriu; ao contrário, franziu a testa, o que lhe deu um aspecto ameaçador. O coração bateu-me muito.

- Precisamos muito cuidado, disse eu ao Raimundo.

- Diga-me isto só, murmurou ele.

Fiz-lhe sinal que se calasse; mas ele instava, e a moeda, cá no bolso, lembrava-me o contrato feito. Ensinei-lhe o que era, disfarçando muito; depois, tornei a olhar para o Curvelo, que me pareceu ainda mais inquieto, e o riso, dantes mau, estava agora pior. Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse; mas nem o relógio andava como das outras vezes, nem o mestre fazia caso da escola; este lia os jornais, artigo por artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa. E lá fora, no céu azul, por cima do morro, o mesmo eterno papagaio, guinando a um lado e outro, como se me chamasse a ir ter com ele. Imaginei-me ali, com os livros e a pedra embaixo da mangueira, e a pratinha no bolso das calças, que eu não daria a ninguém, nem que me serrassem; guardá-la-ia em casa, dizendo a mamãe que a tinha achado na rua. Para que me não fugisse, ia-a apalpando, roçando-lhe os dedos pelo cunho, quase lendo pelo tato a inscrição, com uma grande vontade de espia-la.

- Oh! *seu* Pilar! bradou o mestre com voz de trovão.

Estremei como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas. Dei com o mestre, olhando para mim, cara fechada, jornais dispersos, e ao pé da mesa, em pé, o Curvelo. Pareceu-me adivinhar tudo.

- Venha cá! bradou o mestre.

Fui e parei diante dele. Ele enterrou-me pela consciência dentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.

- Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros? disse-me o Policarpo.

- Eu...

- Dê cá a moeda que este seu colega lhe deu! clamou.

Não obedeci logo, mas não pude negar nada. Continuei a tremer muito. Policarpo bradou de novo que lhe desse a moeda, e eu não resisti mais, meti a mão no bolso, vagorosamente, saquei-a e entreguei-lha. Ele examinou-a de um e outro lado, bufando de raiva; depois estendeu o braço e atirou-a à rua. E então disse-nos uma porção de coisas duras, que tanto o filho como eu acabávamos de praticar uma ação feia, indigna, baixa, uma vilania, e para emenda e exemplo íamos ser castigados. Aqui pegou da palmatória.

- Perdão, *seu* mestre... soluzei eu.

- Não há perdão! Dê cá a mão! Dê cá! Vamos! Sem vergonha! Dê cá a mão!

- Mas, seu mestre...

- Olhe que é pior!

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma coisa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! tratantes! faltos de brio!

Eu, por mim, tinha a cara no chão. Não ousava fitar ninguém, sentia todos os olhos em nós. Recolhi-me ao banco, soluçando, fustigado pelos impropérios do mestre. Na sala arquejava o terror; posso dizer que naquele dia ninguém faria igual negócio. Creio que o próprio Curvelo enfiara de medo. Não olhei logo para ele, cá dentro de mim jurava quebrar-lhe a cara, na rua, logo que saíssemos, tão certo como três e dois serem cinco.

Daí a algum tempo olhei para ele; ele também olhava para mim, mas desviou a cara, e penso que empalideceu. Compôs-se e entrou a ler em voz alta; estava com medo. Começou a variar de atitude, agitando-se à toa, coçando os joelhos, o nariz. Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, por que denunciar-nos? Em que é que lhe tirávamos alguma coisa?

Tu me pagas! tão duro como osso! dizia eu comigo. Veio a hora de sair, e saímos; ele foi adiante, apressado, e eu não queria brigar ali mesmo, na Rua do Costa, perto do colégio; havia de ser na Rua larga São Joaquim. Quando, porém, cheguei à esquina, já o não vi; provavelmente escondera-se em algum corredor ou loja; entrei numa botica, espiei em outras casas, perguntei por ele a algumas pessoas, ninguém me deu notícia. De tarde faltou à escola.

Em casa não contei nada, é claro; mas para explicar as mãos inchadas, menti a minha mãe, disse-lhe que não tinha sabido a lição. Dormi nessa noite, mandando ao diabo os dois meninos, tanto o da denúncia como o da moeda. E sonhei com a moeda; sonhei que, ao tornar à escola, no dia seguinte, dera com ela na rua, e a apanhara, sem medo nem escrúpulos...

De manhã, acordei cedo. A idéia de ir procurar a moeda fez-me vestir depressa. O dia estava esplêndido, um dia de maio, sol magnífico, ar brando, sem contar as calças novas que minha mãe me deu, por sinal que eram amarelas. Tudo isso, e a pratinha...

Saí de casa, como se fosse trepar ao trono de Jerusalém. Piquei o passo para que ninguém chegasse antes de mim à escola; ainda assim não andei tão depressa que amarrotasse as calças. Não, que elas eram bonitas! Mirava-as, fugia aos encontros, ao lixo da rua...

Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor à frente, rufando. Não podia ouvir isto quieto. Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim, e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive ímpeto de ir atrás deles. Já lhes disse: o dia estava lindo, e depois o tambor... Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar também ao som do rufo, creio que cantarolando alguma coisa: Rato na casaca... Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor...